

Negros pelo Vale
3ª ed. revista e ampliada

Organizador
Josiley Souza

v
v v
v v
viva voz



Organizador
Josiley Souza

Negros pelo Vale
3ª ed. revista e ampliada

v
v v
v v
viva voz

FALE/UFMG
Belo Horizonte
2014

Diretora da Faculdade de Letras

Graciela Inés Ravetti de Gómez

Vice-Diretor

Rui Rothe-Neves

Comissão editorial

Eliana Lourenço de Lima Reis

Elisa Amorim Vieira

Fábio Bonfim Duarte

Lucia Castello Branco

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Maria Inês de Almeida

Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico

Priscila Justina, a partir do projeto de Glória Campos

(Mangá – Ilustração e Design Gráfico) para os livros Viva Voz

Preparação de originais

Josiley Souza

Diagramação

Thiago Landi

Revisão de provas

Lilian Ramos

Endereço para correspondência

Laboratório de Edição – FALE/UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 – sala 3108

31270-901 – Belo Horizonte/MG

Tel.: (31) 3409-6072

e-mail: revisores.fale@gmail.com

site: www.lettras.ufmg.br/labeled



Casa de farinha de
mandioca.
Óleo sobre tela,
de Modesto Brocos
(1852-1936).

Sumário

9 Entre o corpo e a palavra

O negro calado

75 A irmã `Nastácia

77 História da crise

85 João Tomba-Morro

115 Juãozim e a princesa

137 Juãozim e Pena Verde

155 Minas Novas

163 O canço no uto

175 O minino gigante

185 Os negro e a Santíssima Trindade

189 O soldadim e o bitela

199 Os treis rapaz

203 O tesoro do Padre Brasão

Quando o negro toma a palavra

209 A Festa do Rosário

211 A história da caxa

215 A história do cigarro

219 A história da Fazenda das Abóbra

223 A história da Luzia

225 A história do chifre de boi

229 A história do Mocarorô

231 A história do portão de ferro

233 A história do Sinhô dos Passo

235 Cena cruel de Chica da Silva

237 Como apareceu a Nossa Senhora do Rosário

239 História do tempo dos iscravo

243 Na ocasião da iscravidão

253 O acidente versado

257 O caso de Pai Joaquim

261 O iscravo interrado vivo

263 O moço ressuscitado por Pai Jacarandá

265 O nego na porta da igreja

267 O nego na manjarra

271 Os tamborzero

273 Pai Francisco

277 Pai Urubu e Pai Jacarandá

281 Seu Tiotônio e o iscravo fugido

Entre o corpo e a palavra

Localizado no nordeste de Minas Gerais, o Vale do Jequitinhonha representa 14,6% da área total do estado, abrigando cerca de 5,9% da população mineira.

É um vale de diversas formas, moldado em diferentes linguagens: na cerâmica, na escultura em madeira, na tecelagem de algodão. As manifestações da cultura de seus habitantes tornam a região um vale de artesãos, de músicos, de festas populares e de contadores de histórias. Como observa o professor e pesquisador Reinaldo Martiniano Marques, ali se engendram formas de arte variadas perpassadas pelo fenômeno da hibridação cultural:

Ao contrário do que se poderia imaginar, o que ocorre no Vale é um processo intenso de mesclagens culturais decorrente das transferências interculturais, em que se combinam elementos os mais tradicionais e arcaicos com os mais modernos produtos

da tecnologia, a comunicação oral primária com as técnicas dos meios eletrônicos e massivos de comunicação, o rural e o urbano. E que bem exemplifica o fenômeno da hibridação cultural designado por Canclini. Um fenômeno relacionado, a meu ver, com os procedimentos da reciclagem cultural.¹

Por intermédio de incontáveis “transferências interculturais”, são congregados elementos de diferentes culturas num enlace de saberes diversos cumulados em seu processo de formação histórica. Desse hibridismo cultural, emergem as contribuições do negro africano na constituição de costumes, saberes e tradições.

Ao lado do homem branco, o negro africano iniciou a ocupação do Vale no século XVIII. Nessa época, foram descobertas as primeiras minas do antigo Arraial do Tijucu, fazendo com que a região se tornasse um dos mais importantes núcleos da atividade mineradora em Minas Gerais. Houve o desenvolvimento de uma economia baseada na extração mineral, tendo no trabalho escravo do negro a mão de obra exclusiva empregada.

A verdade é que se formou ali uma sociedade que seguia os mesmos contornos sociais da Capitania, compunha-se de uma

¹ MARQUES. Entre o global e o local: cultura popular do Vale do Jequitinhonha e reciclagens culturais, p. 127.

grande camada de escravos, seguida de homens livres e pobres, geralmente pardos e, no topo da pirâmide, uma pequena camada dominante branca, em sua maioria portugueses, que ocupavam os principais postos administrativos.²

Nesse período em que prospera a atividade mineradora, há a entrada de um grande número de negros naquela região. A Tabela 1, que apresenta o número de habitantes das principais vilas da Capitania de Minas Gerais, distribuídos segundo a cor, exemplifica o enorme contingente de negros que povoou a comarca do Serro Frio no século XIX. No que diz respeito a essa região, a Vila do Príncipe, capital da comarca do Serro Frio e hoje município do Serro, abrigava um dos maiores contingentes de negros de Minas Gerais (21.792), sendo superada apenas por Sabará (30.796) e por Mariana (22.742), importantes pólos da mineração. É interessante perceber que a Vila do Príncipe supera em números de negros outros importantes pólos mineradores, como Vila Rica, atual Ouro Preto, e São João del Rei. Somando-se negros e mestiços de negros, os afro-brasileiros representam a grande maioria da população da Vila do Príncipe (85,4%), colocando-a entre as vilas que apresentam o maior percentual de negros em relação à população branca, como se pode ver na Tabela 1.

² PEREIRA. *O artesão da memória no Vale do Jequitinhonha*, p. 16.

TABELA 1: População das principais vilas da Capitania de Minas Gerais, em 1808, segundo a cor

Número de habitantes por raça								
Vilas	Brancos	%	Pretos	%	Mestiços	%	Mestiços e pretos	%
Barbacena	5.614	34,4	6.266	38,4	4.423	27,1	4.700	89,2
Mariana	9.114	18,3	22.742	45,4	18.224	36,4	38.047	85,2
Paracatu do Príncipe (Paracatu)	1.436	11,2	5.305	41,3	6.097	47,5	16.721	69,3
Pitangui	6.379	36	6.485	36,5	4.879	27,5	16.388	64,4
Queluz (Conselheiro Lafaiete)	4.907	24,1	9.316	45,8	6.117	30	18.576	83,6
Sabará	11.318	14,8	30.786	40,4	34.071	44,7	40.696	81,7
São Bento do Tamanduá (Itapecirica)	7.133	44,5	5.316	33,1	3.581	22,3	11.364	64
São João Del Rey	9.064	35,6	10.577	41,5	5.811	22,8	11.402	88,8
São José (Tiradentes)	7.422	30,7	10.884	45	5.837	24,2	15.433	75,9

Número de habitantes por raça

Vilas	Brancos	%	Pretos	%	Mestiços	%	Mestiços e pretos	%
Vila do Príncipe (Serro)	7.431	14,6	21.752	42,7	21.655	42,6	43.407	85,4
Vila Nova da Rainha (Caeté)	570	10,8	2.987	56,7	1.713	32,5	10.689	65,6
Vila Rica (Ouro Preto)	3.646	16,4	10.663	48	7.913	35,6	18.897	55,5
<i>Total</i>	<i>74.034</i>	<i>21,9</i>	<i>143.089</i>	<i>42,4</i>	<i>120.321</i>	<i>35,7</i>	<i>246.320</i>	<i>73</i>

Fonte: CAMPOLINA *et al.* *Escravidão em Minas Gerais*, p. 31.



Extração de diamante.
Aquarela sobre papel, de Carlos Julião (1740-1811), Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.



Cafua, em Quartel do Indaiá, em 2004.
Foto: Josiley Souza

Esse enorme número de negros levou para o Vale não só a mão de obra escrava, mas inúmeras contribuições culturais. Algumas dessas contribuições foram percebidas, por exemplo, na década de 1930, pelo pesquisador Aires da Mata Machado Filho, através das casas de pau-a-pique. As casas de pau-a-pique, feitas de barro e madeira, cobertas de palha ou telha, foram encontradas pelo pesquisador em São João da Chapada, no município de Diamantina: "Hoje existem as mesmas casinhas apenas cobertas de telha, conservando-se no resto o mesmo estilo. É mais uma característica que atesta a importância do elemento negro na população local."³ Essas casas de pau-a-pique, as cafuas, podem ser encontradas ainda hoje na região, como se pôde verificar no povoado de Quartel do Indaiá. Esse povoado, também mencionado no estudo de Aires da Mata Machado Filho, localiza-se a 9 km de São João da Chapada, e na década de 30 do século XX, o pesquisador observara que Quartel do Indaiá era "habitado quase exclusivamente por negros, que conservavam tradições bantos, como as cafuas, moradias feitas de barro e cobertas de capim ou palmas de coqueiro, e a fabricação de balaios, esteiras e peneiras".⁴

³ MACHADO FILHO. *O negro e o garimpo em Minas Gerais*, p. 56.

⁴ MACHADO FILHO. *O negro e o garimpo em Minas Gerais*, p. 64.

Além de apontar essas contribuições do negro africano à cultura local, Aires da Mata Machado Filho estudou os vissungos, em *O negro e o garimpo em Minas Gerais*. Os vissungos são cantos que eram entoados pelos negros nos trabalhos de mineração, em que se faziam presentes palavras de línguas africanas. Os vissungos foram ouvidos e registrados pelo pesquisador nos serviços de mineração, na primeira metade do século XX, em São João da Chapada. Mais de 60 anos após a publicação do livro de Aires da Mata Machado Filho, alguns poucos vissungos ainda podiam ser ouvidos na região, e foram objeto da dissertação de mestrado *A África no Serro-Frio – Vissungos: uma prática social em extinção*, de Lúcia Valéria do Nascimento, defendida na Faculdade de Letras da UFMG, em 2003.

A presença da cultura africana pode ser observada em outras áreas do Vale do Jequitinhonha. A pesquisadora Sônia Queiroz, no livro *Pé preto no barro branco*: a língua dos negros da Tabatinga, cujo tema são as marcas deixadas pelo negro africano na língua portuguesa falada em Minas Gerais, aponta outras descobertas de remanescentes africanos na fala da região, ainda nos anos 70 e 80 do século XX:

Em 1976, o jornal *Estado de Minas* divulga que um grupo da Universidade Federal de Juiz de Fora, coordenado pelo prof. Mário Roberto Zágari, vinha estudando uma língua de origem africana

falada em Milho Verde, distrito do Serro. Na mesma região, na localidade de nome Chapada do Norte, ainda segundo matéria publicada no *Estado de Minas*, em abril de 1983, o americano John David Wyatt reuniu material sobre um dialeto banto usado ali como “único meio de comunicação”.⁵

Com suas contribuições culturais, o negro transformou-se em um personagem de grande relevância no Vale do Jequitinhonha, percorrendo vozes que preservam viva a arte milenar de contar histórias. Por meio dessa arte, memória, saberes e experiências são entrelaçados num tecido de narrativas orais que se transmitem por gerações de boca a ouvido.

Partindo do acervo do projeto “Quem conta um conto aumenta um ponto”,⁶ da Faculdade de Letras da UFMG, constituído de gravações com mais de 50 contadores do Vale do Jequitinhonha e cerca de 200 histórias transcritas, foi realizada uma pesquisa em torno da ocorrência do personagem negro nessas narrativas orais. Foram identificadas 34 histó-

⁵ QUEIROZ. *Pé preto no barro branco*: a língua dos negros da Tabatinga, p. 22.

⁶ “Quem conta um conto aumenta um ponto” é um projeto de extensão e pesquisa da Faculdade de Letras da UFMG, coordenado pela Prof^a Sônia Queiroz. Esse projeto trabalha o registro sonoro e escrito de contos orais da cultura popular do Vale do Jequitinhonha, através da edição de CDs e livros destinados ao público do ensino fundamental e médio, nas áreas de Leitura e Produção de Texto. A quase totalidade das gravações que constituem esse acervo foram realizadas pelos pesquisadores Reinaldo Martiniano Marques e Vera Lúcia Felício Pereira, na década de 80 do século XX.

rias de 17 contadores em que há a presença do personagem negro. As transcrições dessas histórias foram reunidas nesta publicação.

Um negro calado

Na maioria das narrativas pesquisadas, o negro aparece como escravo, condição que marcou sua entrada no Vale. Em outras, apesar de não aparecer como escravo, o negro é situado em uma posição inferior na hierarquia social. Quase sempre suas ações são reservadas a um ambiente de subserviência e, em algumas histórias, é possível identificar preconceitos raciais.

Em “Juãozim e a princesa”, contada por Francisco Lourenço Borges, do município de Turmalina, observa-se que, além de o negro estar em uma posição servil, instaura-se um estereótipo. A figura do negro é representada por uma “nega assanhada” que aconselha uma princesa a desrespeitar uma norma social: levantar a saia para um desconhecido a fim de que adquira o objeto desejado.

– Vai lá, fala co’ aquele minino, aquele mocim lá, que traz aquel’ barquim cá que eu quero vê o barquim.

Então ela mandô a nêga lá chamá, a nega foi [...].

Chegô lá, aí, a moça disse:

– Mas que gracinha!

Pegô o barquim, olhô.

– Mas que gracinha! Cê num vende não?

Ê disse:

– Não, num vendo não. Isso foi minha avó que me deu.
Dindinha que mandô fazê pra mim. Num posso vendê não.

[...]

E o rapazim foi e falô assim:

– Bom, eu num tenho el’ pra vendê, mas eu te dô el’. Num tem pra vendê e num tem pra dá, mas eu vô te dá el’ nessas condições: é... se você num levá a mal comigo, num é por maldade qu’ eu tô falano, mas se você num levá a mal, é... se ocê suspendê a roupa até no juei... Se ocê subi o vistido até no juei, eu te dô ele.

E’ a falô assim:

– Atrevido! Eu vô contá papai, viu? Sem-vergonha! Cachorro! Num faz proposta dessa cumigo! Que dia cê já viu falá isso pu’ a fia d’ um rei? Cachorro! [...]

Aí a nega já tava coçano a cabeça:

– Ô, diaba, ‘riba, diaba, riba! Se foss’ eu já tinha ‘ribado. Ô riba, que que tem? Ninguém vai contá seu pai.

A nega muito assanhada, num sabe??

Na “História da crise”, contada por Onofre Cordeiro de Azevedo, de Turmalina, novamente o negro é inscrito em uma condição de subserviência e, além de escravo, é caracterizado como feiticeiro.

Quando ele chegô lá, o pau já tinha aumentado o dobro. Ele tinha u’a feiticera, que infeitiçô aquilo lá, aumentô o dobro. Aí o ‘Ranca-Toco deu u’a machadada de lá, deu ota de cá, dirrubô, separô as duas tora, dento de pocos minuto, falô:

– Cê qué que ‘ranca a raiz?

‘Rancô a raiz, tombô pro lado de lá. Era o ‘Ranca-Toco.

Aí, ele seguiu pa frente. Mais dipressa, falô:

– Ó, tem ota mandato. Um cê fez, quero vê cês fazê o ota. Minha nega vai em Romas cum meia hora buscá u’a garrafa d’água. Quero vê se vocês vai.⁸

É possível descobrir nessa caracterização da negra como feiticeira uma herança, talvez, do medo da cultura negra enfrentado pelos homens brancos, quando o feitiço era arma de luta do negro contra os sofrimentos do sistema escravista.

No entanto, o medo que o senhor experimentava da feitiçaria do escravo africano não era um medo virtual. A se crer nas práticas de enfeitamento estudadas por Arthur Ramos, médico legista e sanitarista e conhecedor das religiões africanas no Brasil, os escravos

⁷ Fragmentos da narrativa “Juãozim e a princesa”, reproduzida na íntegra nas páginas 115-135.

⁸ Fragmento da narrativa “História da crise”, reproduzida na íntegra nas páginas 77-84.

frequentemente envenenavam a comida de seus senhores, como um dos ritos mágicos que eles cultuavam em suas sociedades de origem e que, transportados para o novo continente, eram utilizados contra os senhores como vingança pelo sofrimento a que eram submetidos.⁹

Ainda outros exemplos de preconceito e estereótipos raciais na construção da personagem negra podem ser apontados. Na narrativa “O soldadim e o bitela”, contada por Joaquim Soares Ramos, de Minas Novas, observa-se mais um estereótipo envolvendo a figura do negro, representado por um personagem violento e agressivo.

O oto valentão tomém. O oto valentão, então, e era sortêro, num era casado não, morava sozim. Mas o home era valente, mas num perdia uma fonção, só pa fazê, só pa fazê `ruaça.

[...]

Então, chegô no casamento, chegô, tratô do povo todo, e o povo tá brincano e bem tarde da noite ele chegô. Um massa d’um negrão entrano pa casa adento. Óia aqui, óia ali, entrô lá na varanda, sordadim tá sentado lá num canto lá mais a moça lá. Ê olha aqui, óia ali. Quando ele olhô, ele viu o boné lá do sordado e viu que tinha puliça lá. Ê foi e sentô numa mesa lá, sentô numa mesa assim aonde ele inxergava lá o sordadim. Ê tá sentado assim,

conversano mais os oto, vez em quando ele passava os olho lá no sordado e sordado tá oiano cosentino ele por baxo do boné.¹⁰

Os preconceitos que permeiam as narrativas orais no Vale do Jequitinhonha não se relacionam apenas ao negro. Como observou a pesquisadora Vera Lúcia Felício Pereira, os contadores, ao elaborarem seu discurso, mesclam elementos de seu meio e, assim, acabam por trazer consigo preconceitos vivenciados em sua comunidade.¹¹

Desse modo, ao inscrever o negro em meio a preconceitos e estereótipos, esses contadores produzem narrativas que se assemelham a discursos hegemônicos presentes na própria literatura brasileira que, ao longo de sua história, conviveu com uma “ocultação do negro”.

A literatura atua em determinados momentos históricos no sentido da união da comunidade em torno de seus mitos fundadores, de seu imaginário ou de sua ideologia, tendendo a uma homogeneização discursiva, à fabricação de uma *palavra exclusiva*, ou seja, aquela que pratica uma ocultação sistemática do outro, ou uma representação *inventada* do outro. No caso da literatura brasileira, este outro é o negro cuja representação é, via de regra, *inventada*.¹²

⁹ LIMA. *Narrativas orais: uma poética da vida social*, p. 140.

¹⁰ Fragmentos da narrativa “O soldadim e o bitela”, reproduzida na íntegra nas páginas 189-198.

¹¹ PEREIRA. *O artesão da memória no Vale do Jequitinhonha*, p. 88.

¹² BERND. *Literatura e identidade nacional*, p. 21.

A figura do negro, como observou Raymond S. Sayers, sempre permeou o discurso literário no Brasil: “desde os primeiros dias da colonização os gêneros predominantes continham material que apresenta um quadro vívido dessa raça no Brasil.”¹³ No entanto, essa presença “vívida” do negro na literatura brasileira não lhe garantiu voz. Vários autores já apontaram a ocultação da voz do negro desde os primeiros escritos que iriam constituir a literatura brasileira, em que o negro foi silenciado através da criação de estereótipos e de uma visão distanciada por parte dos escritores. Eis o que diz, por exemplo, Domingos Proença Filho:

A visão distanciada configura-se em textos em que o negro ou o descendente de negro reconhecido como tal é personagem, ou em que aspectos ligados às vivências do negro na realidade histórico-cultural do Brasil se tornam assunto ou tema. Envolve procedimentos que, com poucas exceções, indicam atitudes, ideologias e estereótipos da estética *branca* dominante.

Nesse quadro, destaca-se um aspecto marcante: o centramento em escravos ou ex-escravos, traço que está presente desde Gregório de Matos até manifestações altamente representativas do Modernismo. Menos frequente é a caracterização de negros e mestiços enquanto representantes de grupo étnico socialmente

discriminado e, em tempos mais próximos, como sujeitos de tomada de posição afirmativa através da palavra literária.¹⁴

Roger Bastide também observou a criação de estereótipos envolvendo a figura do negro já em Gregório de Matos.

Encontramos estereótipos raciais quase desde as origens da literatura brasileira. Em Gregório de Matos, por exemplo. Trata-se de um satírico e de um satírico que imita muitas vezes os poetas europeus; apesar de suas imitações, ele é, todavia, o crítico azedo da sociedade colonial e nele aparece o estereótipo do mulato como vaidoso:
pardos de trato
a quem a soberba emborça.¹⁵

A ocultação do negro estende-se à literatura produzida no século XVIII, período em que se desenvolveu com vigor a atividade mineradora no Brasil, quando há a entrada de um enorme contingente de negros escravos no país. Jean Carvalho França, em *Imagens do negro na literatura brasileira*, observa a escassez do negro na poesia da chamada *escola mineira*, em autores como Cláudio Manuel da Costa, que conviviam com o trabalho escravo na mineração.¹⁶

¹³ SAYERS. *O negro na Literatura brasileira*, p. 431.

¹⁴ PROENÇA FILHO. *O negro e a literatura brasileira*, p. 80.

¹⁵ BASTIDE. *Estereótipos de negros através da literatura brasileira*, p. 116.

¹⁶ FRANÇA. *Imagens do negro na literatura brasileira*, p. 30

Terminando o século XVIII, a presença dos negros e mulatos nos escritos produzidos em solo brasileiro era ainda insignificante. Se levarmos em conta que entre os anos de 1761 e 1800 o Brasil havia importado 725.000 escravos de África e que, em 1798, numa população de 2.300.000 habitantes, somente 34,8% eram brancos, podemos mesmo afirmar que essa presença era quase nula.¹⁷

A partir do século XIX, a presença do negro amplia-se no discurso literário. O negro surge como o tema central de algumas obras. Como apontou Jean Carvalho França, “um dos fatores responsáveis por esse fato foi, sem dúvida, o sentimento antiescravista que começou a ganhar algum fôlego nessa época”.¹⁸

Apesar dessa recorrência ao negro, o contexto em que ele aparece não sofre alterações, mesmo naqueles textos que se ocupam da temática da escravidão. Cria-se vários *tipos* – que acabam por contribuir para a instauração de estereótipos, como *o escravo melancólico e saudoso de sua terra, o negro como homem honrado e amante da liberdade, o negro que gosta de sua vida...* – e não se ouve a voz do negro.¹⁹

Heloísa Teller Gomes, em *O negro e o romantismo brasileiro*, destaca a predominância de preconceitos raciais na construção de per-

sonagens negros na literatura brasileira durante o romantismo. Segundo a autora, o romance *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, por exemplo, apesar da intenção crítica ao escravismo, está preso aos preconceitos da época e não consegue criar uma personagem realmente negra, concebendo, através de uma dupla idealização, uma escrava branca.²⁰ Domício Proença Filho assume posição análoga.

Começo pelo *escravo nobre*, que vence por força do seu branqueamento, embora a custo de muito sacrifício e humilhação. É o caso da escrava Isaura, do romance do mesmo nome, escrito por Bernardo de Guimarães e publicado em 1872 e de Raimundo, o belíssimo mulato de olhos azuis criado por Aluísio Azevedo em *O mulato*, lançado em 1881. Essa *nobreza* se identifica claramente com a aceitação da submissão, apesar da bandeira abolicionista que Bernardo, por exemplo, pretende empunhar. A fala de Isaura deixa bem clara a posição, como nesse diálogo com Sinhá Malvina, após esta última ter elogiado a sua educação primorosa, a sua formosura e, sintomaticamente, a sua ‘cor linda, que ninguém dirá que gira em tuas veias uma só gota de sangue africano’:
‘– Mas, senhora, apesar de tudo isso, que sou eu mais do que uma simples escrava? Essa educação, que me deram e essa beleza, que tanto me gabam, de que me servem?... São trastes de luxo colocados na senzala do africano. A senzala nem por isso deixa de ser o que é: uma senzala.

¹⁷ FRANÇA. *Imagens do negro na literatura brasileira*, p. 32.

¹⁸ FRANÇA. *Imagens do negro na literatura brasileira*, p. 30

¹⁹ FRANÇA. *Imagens do negro na literatura brasileira*, p. 37-62.

²⁰ GOMES. *O negro e o romantismo brasileiro*, p. 67.

- Queixas-te da tua sorte, Isaura?...
- Eu não, senhora; não tenho motivo;... o que quero dizer com isso é que, apesar de todos esses dotes e vantagens, que me atribuem, sei conhecer o meu lugar.²¹

Mesmo em Castro Alves, o *poeta abolicionista*, é possível verificar o encobrimento da voz do negro. Alfredo Bosi, por exemplo, apesar de reconhecer a importância do poeta para o “arranque da primeira campanha abolicionista”, por intermédio de poemas como “Vozes d’África” e “Navio negreiro”, observa que a escravidão é definida no poema “Vozes d’África” como uma determinação divina, um castigo de Deus que estaria justificado no livro *Gênesis* da Bíblia.

O destino do povo africano, cumprido através dos milênios, depende de um evento único, remoto, mas irreversível: a maldição de Cam, de seu filho Canaã e de todos os seus descendentes. O povo africano será negro e será escravo: eis tudo.²²

O silenciamento do negro em Castro Alves é apontado também por Domício Proença Filho, que identifica, na obra do poeta baiano, uma idealização do negro e de sua vida no sistema escravista.

²¹ PROENÇA FILHO. O negro e a literatura brasileira, p. 81-82. (Grifo do autor).

²² BOSI. Sob o signo de Cam, p. 256.

À nobreza de caráter de Isaura e de Raimundo associa-se outra dimensão estereotipada: a do *negro vítima*, sobretudo enquanto escravo. Nessa óptica, ele se transfigura em objeto de idealização, pretexto para a exaltação da liberdade e defesa da causa abolicionista, como nos empoalados versos de Castro Alves. “O navio negreiro”, por exemplo, um de seus textos antológicos, desloca o centro da atenção para o tráfico dos escravos, que já estava abolido, na época em que o texto foi dado a público; “A cruz da estrada” situa a redenção pela morte, onde o escravo encontraria a sua plena liberdade; não há lugar para ele nessa sociedade, mas, em compensação, a natureza cuida do seu túmulo e dele será o reino dos céus. O poeta baiano não atribui, na quase totalidade dos seus poemas sobre a escravidão, qualquer movimento de reação ou de revolta ao escravo, marcado pela resignação, pelo lamento. A África personificada lamenta a sua sorte e termina por pedir perdão para os seus crimes (!):

‘Mas eu, Senhor!... Eu triste abandonada
Em meio das areias esgarrada,
Perdida marcho em vão!
Se choro... bebe o pranto a areia ardente;
Talvez... p’ra que meu pranto, ó Deus clemente!
Não descubras no chão!

.....

Basta, Senhor! Do teu potente braço
Role através dos astros e do espaço
Perdão p'ra os crimes meus!...
Há dois mil anos... eu soluço um grito...
Escuta o brado meu lá do infinito,
Meu Deus! Senhor, meu Deus!²³

Assim, ao longo da história da literatura brasileira, foram poucos os momentos em que se pôde ouvir a verdadeira voz do negro, voz manifestada, conforme observaram Alfredo Bosi, Domício Proença Filho, Jean Carvalho França e Zilá Bernd, na literatura de autores como Lima Barreto, Luís Gama ou Cruz e Sousa.

Esses momentos em que se pode ouvir a voz do negro se configurariam como aqueles nos quais o negro toma a palavra e faz falar um eu consciente de sua condição. A voz distanciada praticada por autores que falam sobre o negro cede a palavra para um negro que se torna sujeito da enunciação.

Seguindo por essa mesma trilha observamos que o tema do negro sempre esteve presente na literatura brasileira, embora quase sempre de forma estereotipada. Se essa temática pode remontar ao período colonial, com Gregório de Matos, passando pelo romantismo, com Castro Alves, e chegando aos dias de hoje,

²³ PROENÇA FILHO. O negro e a literatura brasileira, p. 83.

com Jorge Amado e muitos outros, que fator será determinante da fissura a partir da qual se pode falar em *literatura negra* e não mais apenas em temática do negro e da escravidão? Acreditamos que esse demarcador de fronteiras é o surgimento de um sujeito-de-enunciação no discurso poético, revelador de um processo de conscientização de ser negro entre brancos.²⁴

E nas narrativas orais do Vale do Jequitinhonha o negro também se torna sujeito da enunciação.

Quando o negro toma a palavra

Apesar das representações negativas do negro apontadas nas narrativas orais do Vale do Jequitinhonha, é possível destacar ocorrências diferentes.

Um exemplo aparece na história "O acidente versado", contada por Francisco Feliciano Souza Maia, de Diamantina. A história tematiza um acidente com um ônibus, fato que um negro transforma posteriormente em uma composição em versos:

Então, tinha um crioulo, um pretinho, que morava lá embaixo, no tal buracão, que viu o ônibus caí lá de cima. E ele procurô interá, sabê o que que foi, que que houve; então, contaro pra ele a história real, depois que acunteceu. E esse home fez uma história daquilo, tudo rimado.

²⁴ BERND. *Introdução à literatura negra*, p. 48.

E eu era poco conhecido lá em Felisberto Caldeira nessa ocasião; então eu achei uma coisa maravilhosa, porque é como eu tava contano a um professor aqui otro dia: o de inteligência que nós temo desperdiçado por aí, que num tem quem dá a mão, pra ele num tem iscola... tá veno as minha fia que praticamente perdeu o ano, num tem iscola, num tem controle de nada.²⁵

O contador, ressaltando o fato de o autor da composição ser de cor negra, tece comentários críticos denunciando a dificuldade de acesso à educação formal por parte da população de baixa renda. A narrativa torna-se espaço de reflexões e de um posicionamento crítico do contador acerca de seu meio e de sua própria condição social.

Em “História do tempo dos iscravo”, contada por Joel, de Minas Novas, surge novamente um eu-enunciador crítico. O narrador emite sua opinião diante de uma atitude que demonstra preconceito do escravo negro em relação a sua própria cor.

Aqui, naquela época, o pessoal daqui saía pa trabaia era no Estado da Bahia, numa lavra por nome Cincurá, né? Então, saiu um nego aqui por nome até de Pedro Caetano; foi trabaia lá nessa lavra, num é? Foi ele, o Zé Lorenço, os otos... foi ele, né? Chegano lá, ele ficô lá, trabalhô, né? Lá, uma filha de patrão gostô dele, né? Do dono da lavra. Ele foi e robô ela; robô ela, vei’ e troxe aqui

²⁵ Fragmento da narrativa “O acidente versado”, reproduzida na íntegra nas páginas 253-255.

pra Chapada, que ainda tem muita descendência dela aqui, né?; troxe aqui pra Chapada.

Ele, quando descobriu, ele mandô dois negro pra vim à procura dela, num é? E declarô ele que se encontrasse ele, se ele tivesse casado, não fizesse nada; e se não tivesse casado, matasse ele e ela, né? Ês foi e viero. Quando chegô aqui na Chapada, encontrô ele com ela, mas ele tinha casado. Aí eles nem deu decisão e voltô pra lá. Quando foi daí uns tempo, chegô dois iscravo pra ela, aqui, num é? O patrão lá mandô dois iscravo pra eles vim aqui, mas é que eles num consiguio ficá co’ os iscravo, porque ele era preto, ele era negro, num é? Os iscravo foi chegano aqui e falaro:

– Ah, eu! Eu, trabaia pra sinhô preto? Eu num trabaio não! Eu num trabaio pra sinhô preto não. Num trabaio pra sinhô preto de jeito nenhum.

Ficô, aí pegô só falá que num trabaiaava, que ia fugi, ia fugi... O Pedro Caetano passô a mão e vendeu os dois iscravo; vendeu os dois iscravo, num trabaio; vendeu ês pra fora, puque sabia que os dois num ia trabaia pra ele, porque os iscravo eram muito orgulhoso, né? Eles quiria sê iscravo dos branco; eles num quiria sê iscravo dos preto; porque ele era preto, eles falaro que não, era igual, que ês num ia trabaia.²⁶

²⁶ Fragmento da narrativa “História do tempo dos iscravo”, reproduzida na íntegra nas páginas 239-242.

O contador Joel critica a decisão tomada pelos escravos de não aceitarem um patrão de cor negra e os classifica como “escravos orgulhosos”.

Faz-se importante observar também a quebra de uma norma social da época da escravidão, quando era bastante difícil o casamento de um escravo negro com uma mulher branca. O negro Pedro Caetano, ao romper essa norma, ascende socialmente, momento em que passa a ter o direito de ser patrão e proprietário de escravos.

Em outra história, “O negro na manjarra”,²⁷ contada por Francisco Lourenço Borges, de Turmalina, o tema também é o casamento entre um escravo negro e uma mulher branca:

Existia um rei que tinha uma fia muito bonita, e ele tinha seus escravos. Então, muitos iscravo era invocado a querê casá co’ a fia do rei, né? Pro cê vê que num pode mesmo, né?, iscravo casá co’ a fia do rei. Aí, todo dia, na frente da casa tinha um alpendre, a moça sentava no alpendre e ficava leno revista. Então, o nego passava entre um serviço, junto co’ os oto e cumprimentava ela.²⁸

²⁷ Explicação do contador: “A manjarra qué dizê aqueles braços, varões que tem de um lado e de outro do engenho que se faz rapadura”.

²⁸ Fragmento da narrativa “O negro na manjarra”, reproduzida na íntegra nas páginas 267-270.

A norma social é ressaltada pelo próprio contador – “... pro cê vê que num pode mesmo, né?, iscravo casá co’ a fia do rei” –, uma norma que, desrespeitada, causa severa punição ao escravo:

Assim eles fizeram: furaro a oreia do nego, tirô o boi lá da manjarra e colocô o negro, e chegô coro nele; foi bateno, bateno, obrigando ele a moê, até que incheu o cocho. O rei saiu e foi imborna com sua filha, e o negro ficô lá moeno. Quando o cocho incheu, eles tiraro ele da manjarra e o nego saiu e deitô lá no bagacero, e ficô triste chorano lá.²⁹



Moenda de açúcar movida por tração animal. Hercules Florence (1804-1879), São Carlos, SP, 1844. Provavelmente, a *manjarra* descrita pelo contador.

²⁹ Fragmento da narrativa “O negro na manjarra”, reproduzida na íntegra nas páginas 267-270.

Apesar do castigo imposto ao escravo, a narrativa encerra-se com a voz do negro, como um grito de protesto contra o sofrimento das senzalas:

Quando foi no oto dia, na hora de i po serviço, o nego passô junto co' os otos de frente o palácio, mas já passô calado; num quis cumprimentá a moça.

Aí, e o rei tinha insinado pra ela:

— Se ele passá calado, você chama ele e bole com ele, cumprimenta ele.

Assim ele fez; aí, passô calado. Quando já tava dano as costa pra ela, ela falô assim:

— Bom dia, meu cravo. Por que cê le vai passano calado? O quê que `cunteceu?

Ele foi e virô pra ela, falô assim:

— Cê fala pro seu pai, que quem tem seus canaviais grande, que previne de boi, que eu num sô boi não.

E pronto. Terminô a história.³⁰

Por intermédio das narrativas são construídas possibilidades para a superação de barreiras impostas a sujeitos socialmente excluídos. O escravo negro pode, pelas palavras “tecidas a partir de uma multidão

³⁰ Fragmento da narrativa “O nego na manjarra”, reproduzida na íntegra nas páginas 267-270.

de fios ideológicos”, que “servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios”,³¹ superar sua condição, vivenciando histórias impedidas de se realizarem em seu cotidiano.

Essas narrativas tentam exorcizar as dificuldades inseridas num determinado contexto e terminam por se transformar nos necessários mecanismos de compensação das esperanças adiadas, dos fracassos da comunidade. Ainda hoje, o universo do maravilhoso, em suas inúmeras variações, acalenta crianças e mesmo adultos, criando-lhes os sonhos imprescindíveis ao combate dos agitados pesadelos da vida moderna. A sua magia é de algum modo libertadora, na medida em que coloca a possibilidade de se passarem as coisas na realidade, conforme o desejo daqueles que se sentem impotentes e excluídos.³²

É por essa “mágica libertadora” presente nas narrativas orais que o negro Pai Joaquim transcendeu sua condição de escravo em Jenipapo de Minas. Pai Joaquim, segundo atesta a história contada por Generoso de Oliveira, foi um escravo maltratado até a morte por não conseguir cumprir as ordens de um senhor branco. Quando vão outros negros buscarem seu corpo acontece um fato milagroso, o que transforma Pai Joaquim em um santo adorado na fé dos moradores do município:

³¹ BAKHTIN. *Marxismo e filosofia da linguagem*, p. 36, 41.

³² PEREIRA. *O artesão da memória no Vale do Jequitinhonha*, p. 51.

O caso de Pai Joaquim é o seguinte: ele era um cativo d'um fazendero. E aí, quando deu um dia de manhã, tava chuveño muito e naquele tempo os animal ficava solto po mato. Num tinha manga, num tinha manguera, num tinha nada. Então, o cavalo do senhor dele tava po mato, né? Então ele mandô pegá o cavalo p' ele viajá. Ele foi pegá o cavalo.

Antão ele foi lá, mexeu, mexeu, mexeu até mei-dia e chegô moiado de chuva que tava caíno. Até que ele 'dueceu, vei' imbora.

Quando ele chegô na fazenda, o fazendero fez ele vortá pa trás pa caçá o cavalo. Ele moiadim, sem cumê nada, já era mei'-dia. Aí, a cuzinhera correu, pegô uns torresmo e correu a casa e deu ele os torresmo, né? Na porta da sala, né? Na saída, atrás do curral. E ê foi imbora que ele topava consumi sozim com os torresmo.

Lá ele foi po mato. E ê num apariceu mais. Ficô, demorô dimais e assim o escravo sinhô mandô atrás dele de novo pa vê o que ele tava fazeno. Chegô lá, os otos nego achô ele morto no mato. Tinha murrído.

Pegô, vortô pa trás, falô com patrão que ê tava lá morto no mato. Disse:

– Ah, então faz isso: cês pega uma junta de boi e leva lá pa pô o camarada.

Os nego pegô uma junta de boi, arriô e levô. Chegô lá, passô a corrente no pescoço de pai Joaquim e tocô os boi, tocô os boi e aquilo foi os boi andô, ele andô no ar assim ó, num pegô no chão não. Vez de 'rastá como pau no chão, que era pa sê assim, né? 'rastá como um pau, ele foi no ar assim. O boi andô um bucado

com ele no ar assim. Os nego parô o boi, parô os boi e mandô de volta tudo de novo pra casa, pa fazenda.

Chegô na fazenda, ele contô o patrão com' é que deu lá. Ê disse:

– Então faz isso: vorta e panha um cubertô e põe, e traz ele no cubertô.

Aí vortaro e panharo ele no cubertô e levô pra casa de lá, ês troxe ele pr' aqui. Aí já foi homi todos, troxe pra 'qui sipurtô aqui. Cê vê que o pade em poco tempo, ele pegô gente fazeno promessa. Fazia milagre, né? Milagre po povo. E até hoje ele faz. Quem faz promessa aqui, ele avalia. Quem pagô ele sempe, avalia.³³

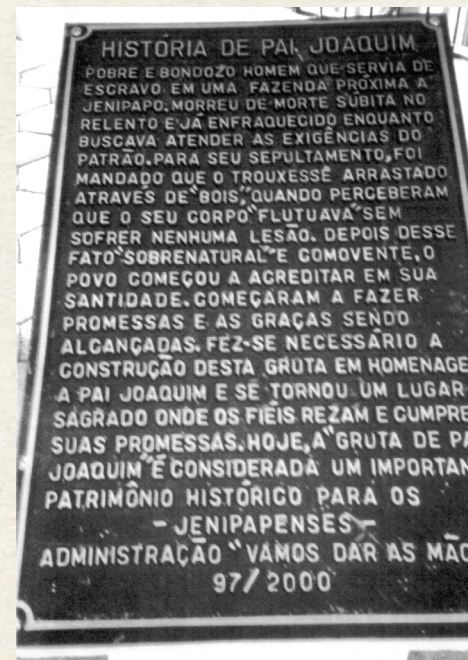
Ao lado da igreja católica de Jenipapo de Minas, foi construída uma gruta em devoção a Pai Joaquim, “considerada um importante patrimônio histórico para os jenipapenses”, que ali vão rezar ao santo milagroso.

Como Pai Joaquim, também a Festa do Rosário, festa tradicional da igreja católica em vários municípios do Vale do Jequitinhonha, aproxima o negro do sagrado.

³³ Narrativa “O caso de Pai Joaquim”, reproduzida também nas páginas 257-259.



Gruta erguida em devoção a Pai Joaquim, em Jenipapo de Minas.
Foto: Sônia Queiroz



Placa fixada ao lado da gruta de Pai Joaquim, em Jenipapo de Minas.
Foto: Sônia Queiroz

Francisco Van Der Poel, o Frei Chico, indica dois caminhos na explicação da origem da festa. Segundo ele, esta seria a continuidade de uma tradição dos negros africanos introduzida na África por missionários portugueses. A outra possibilidade é que a Festa do Rosário tenha sido introduzida junto aos negros, no Brasil, pelos missionários portugueses.³⁴

No Vale, o nascimento dessa tradição é explicado por uma história contada em várias localidades. De acordo com a narrativa, a devoção e a festa teriam surgido com a aparição da imagem de Nossa Senhora do Rosário. A imagem, após recusar-se a acompanhar os homens brancos, teria acompanhado os escravos negros que a foram buscar com seus tambores, instrumentos típicos da cultura africana. Em Chapada do Norte, por exemplo, José Rodrigues Soares nos conta "Como apareceu a Nossa Senhora do Rosário":

Então, a Nossa Senhora do Rosário apareceu lá na igreja véia, atrás do paiol. Aí reuniu o pessoal branco, tudo, música, foi buscá ela, fuguete e tudo, troxe ela e colocô aí. Então, no otro dia ela amanhiceu pa rua. Aí eles ficô pensano: como fazia pa trazê ela pra lá. Então ela apareceu lá. Então, quando eles descubriro aqui, esse lugar aqui, fez a igreja pra ela, eles foro buscá ela de lá pra

cá, e troxe ela, foi lá buscá ela. Depois, eles dissero comé que foi; juntô os nego do cativero tudo e disse:

– Nós vão buscá ela. Nós vão buscá ela.

Então: viola, pandero, caixa, tambor, e foro lá buscá ela, e troxe ela.³⁵

Na narrativa, o negro passa a ser a grande autoridade, o responsável por uma tradição, hoje, celebrada por todos.

Desse modo, nessa memória transmitida pelas histórias, a hierarquia social do período da escravidão pode ser sabotada. Em outra narrativa, "A história do Sinhô dos Passos", contada por Ivo Silvério da Rocha, de Milho Verde, o negro quebra a distância entre ele e uma santidade. Usando um tamanco feito da mesma madeira usada na confecção de uma imagem de Nosso Senhor dos Passos, o negro, assim, detém em seus pés um tamanco "irmão" da imagem de um santo.

Dize que o padre tava celebrano a missa, aí o nego passô em frente à porta da igreja, o padre tava celebrano a missa, e ele co' uma cabaça d'água, ele olhô pa dento da igreja e falô assim:

– Deus te salve, Sinhô dos Passos, criado no meu lamero, irmão de meu tamancão, Jesus Cristo verdadeiro.

³⁴ POEL. *O rosário dos homens pretos*, p. 187.

³⁵ Fragmento da narrativa "Como apareceu a Nossa Senhora do Rosário", reproduzida na íntegra nas páginas 237-238.

E foi embora, falô voz bem alta. Aí o padre guardô aquilo, diz que terminô a missa, o padre mandô chamá o nego. Aí chamô o nego, o negô falô:

– Ah, seu Padre.

– Ô nego, eu quero que cê me conta o que cê falô na porta da igreja em voz alta.

– Ah, seu padre, eu falei, sa padre: Deus te salve, Sinhô dos Passo, criado no meu lamero, irmão de meu tamancão, Jesus Cristo verdadeiro.

– Mas o que é que é isso, nego?

– Ô, sa padre, o cedro, que dirrubô, fez a image do Sinhô dos Passo, e dessa madeira, eu tirei um pedacim da madeira e fiz meu tamanco. É irmão o num é?

Aí o padre levô ele pa roçá, coisa assim.³⁶

Dentre as narrativas em que “o negro toma a palavra”, destacam-se as histórias contadas por Pedro Cordeiro Braga, do Vau.

O Vau é um povoado do município de Diamantina que, segundo o Censo Demográfico de 2000, possui 111 habitantes. O lugarejo é cortado pela Estrada Real e se situa às margens do rio Jequitinhonha, no limite dos municípios de Diamantina e do Serro.

³⁶ Fragmento da narrativa “A história do Sinhô dos Passo”, reproduzida na íntegra nas páginas 233-234.

O povoado localiza-se na região que constituiu a antiga Comarca do Serro Frio, onde, graças à descoberta do diamante, desenvolveu-se o Arraial do Tijuco. O nome *Vau* vem desse período de auge da atividade mineradora. O povoamento formou-se às margens do trecho mais raso do rio Jequitinhonha, por onde passavam bandeirantes e viajantes europeus que adentravam o Vale em busca de riquezas naturais; daí o nome *Vau*, que significa o local raso de um rio, mar, lagoa, por onde se pode passar a pé ou a cavalo.

Pedro Braga nasceu em 1917 e faleceu em 2000. Ele morou durante toda a vida no Vau. O contador narrava a história do povoado desde o auge da atividade mineradora na região – lembrando os sofrimentos enfrentados pelos escravos negros –, além de contar casos de lobisomem e de mula-sem-cabeça; narrativas que se conservaram no tempo e que chegaram até ele por intermédio de seus antepassados.

O contador do Vau pode ser considerado um exemplo do “narrador-artesão” definido por Walter Benjamin, aquele que, habitando sempre um mesmo lugar, guarda e transmite a memória de sua comunidade.³⁷ E essa atividade de narrador-artesão realizada por Pedro Braga no Vau não se restringe à palavra falada. Apesar de ter frequentado a escola

³⁷ BENJAMIN. *Magia e técnica, arte e política*, p. 205.

apenas por cerca de três anos, o contador sempre cuidou em registrar suas histórias por escrito. Escrevendo a seu modo, com uma escrita que foge a normas do português padrão, ele inscreveu em verso e prosa a memória de sua vida e de sua comunidade.



Pedro Cordeiro
Braga, contador
do Vau, município
de Diamantina.
Fonte: Arquivo da
família de Pedro Braga

No acervo de gravações do projeto “Quem conta um conto aumenta um ponto”, há cerca de 120 minutos de gravações sonoras feitas com Pedro Braga pelos pesquisadores Reinaldo Martiniano Marques e Vera Lúcia Felício Pereira, respectivamente, em 1988 e 1989. Nas gravações, o contador, além de falar sobre sua vida e sobre o exercício de contar e escrever, narra 18 histórias que contam sobre o passado do Vau e sobre assombrações. Nas narrativas cujo assunto é o passado do lugarejo – 13 das 18 histórias gravadas –, o personagem negro é o tema central de 11 narrativas.

Os sofrimentos enfrentados pelo negro na condição de escravo despontam como assunto principal no enredo das narrativas. Apesar de figurar enquanto escravo, o negro não está limitado apenas ao espaço marginal das senzalas, mas ganha vida e voz, tornando-se um personagem indispensável na compreensão da história local.

Em “O iscravo enterrado vivo”, por exemplo, o contador narra o costume de se castigar escravos enterrando-os vivos.

Intão aqui, anteriormente, eu vô dizê pa sinhora uma verdade, sucedeu muitas cenas importante. Pelo menos lá na fazenda Delgado foi enterrado muitos iscravo vivo.

Aqui onde a sinhora passô, aqui adiante, mais ô menos... num chega bem treis quilômetro, tem uma vertente onde tem mata-burro de ferro – a sinhora num passô por ele?

Pois é. Ali, do lado de cá daquela vertente, foi enterrado um escravo ali, vivo, e esse foi no maior sofrimento. Porque o sinhô que mandô interrâ ele lá mandô fazê a sepultura, mandô ele pô ele em pé, e socô a terra em roda dele até pra cima da cintura, im roda, e dexô ele lá, morreno de fome e sede.

Todos que passava na estrada, diz qu' ele punha as mão e pidia pelo amor de Deus tirasse ele daquele sofrimento, mais quem é que ia sirví ele? Porque... receio do sinhô pai dele, qu' ele era muito rigoroso.

Lá, esse nego morreu de fome e sede. Depois que morreu, acabô de mandá intupí.³⁸

Cabe destacar nessa narrativa o uso de “sinhô pai dele” como denominação do dono do escravo enterrado vivo. Essa expressão contribui para que a narrativa situe-se no contexto histórico e social da atividade mineradora e da escravutur, já que esse era o tratamento dado pelos escravos a seus senhores brancos, como observa a pesquisadora Vera Lúcia Felício Pereira.³⁹

Em outra narrativa, “Seu Tiotônio e o escravo fugido”, Pedro Braga lembra novamente o sofrimento enfrentado pelo escravo negro, narrando castigos impostos àqueles que tentavam a fuga das senzalas.

³⁸ Narrativa “O escravo enterrado vivo”, reproduzida também nas páginas 261-262.

³⁹ PEREIRA. *O artesanato da memória no Vale do Jequitinhonha*, p. 82.

Aqui, nesta casa onde está situada a creche hoje, essa casa foi do Manuel Teotônio, um sinhô que havia aqui no Vau. E esse senhor era muito cruel c'os escravo. Intão, os escravo dele, vários, fugiam, afastando dos rigores. E ele mandava pedestre pra saí à procura daqueles mais rebelde, e costumava mandá matá, que ele quiria vê ao menos a orelha de comprovação.

Inclusive, lá na Serra, onde ficô com nome de Serra do Rela-Popa, tava iscondido um desses escravo, e o pedestre descubriu ele lá numa ota lapinha por cima. E ele, quando se viu agredido pelo pedestre, sem jeito de iscapula, o único caminho que ele preferiu foi sentá nessa serra lisa, que tá lá por prova a distância, até que hoje um moço tava comprovano?...⁴⁰

Nessa história, há a participação importante do personagem negro na memória do Vau. O contador, ao narrar o sofrimento imposto ao escravo negro por um homem branco, acaba por revelar a história de um antigo casarão, ainda hoje existente no Vau, que teria pertencido a Manuel Teotônio, dono de escravos.

⁴⁰ Fragmento da narrativa “Seu Tiotônio e o escravo fugido”, reproduzida na íntegra na página 281.



Antigo casarão de Manuel Teotônio, onde funcionava a creche e o correio do Vau.

Foto: Josiley Souza

Em seguida, o negro, vivendo a opressão do período da escravatura, é protagonista de um acontecimento que define um topônimo do Vau: a Serra do Rela-Popa. Ao tentar fugir da escravidão, o negro, “sem jeito de iscapula, o único caminho qu’ ele preferiu foi sentá nessa serra lisa. [...] Ele sentô e desceu chiano pra serra a baxo, até isbarrá den’ do rio, mas chegô pra den’ do rio já quase morto, porque as carne ficô toda ‘garrada lá”.

Emergindo como referência para nomear uma serra ou para explicar origem de um casarão, lugares que integram a paisagem do presente do Vau, o negro configura-se como elemento que une passado e presente, e ajuda a contar a história do povoado.

Situação análoga pode ser observada na escrita de Pedro Braga, em que, mais uma vez, nota-se a importância do negro na elaboração da memória do Vau. Em um de seus cadernos – caderno com mais de cem folhas manuscritas em que o contador escreveu a história do povoado contada por seus antepassados –, novamente surgem narrativas em que se destacam os sofrimentos enfrentados pelos negros no período da escravidão.

A história que se segue, transcrita desse caderno de Pedro Braga, é iniciada com a observação sobre um antigo senhor branco, o senhor Vidigal, que ficou conhecido pelo bom tratamento que dispensava a seus escravos. Em seguida, é narrada a desventura de um negro que tenta

a fuga da fazenda do Cadete, alcança um quilombo, mas acaba sendo preso e recebe o castigo comum da época: ser enterrado vivo.

O Senhor Vidigal comformi tradição Foi um dos milhoris Semhoris os escravos tinha escola ainda escola di muzica tinha uma bõa banda que sempri tocava no serviço quando achava cascalho rico. Um hepizodio tristi no Vau pelas sertas tradição o Senhor Cadeti um di seus escravo não temdo comdições di suportar as regoridadis resolveu fujir alcançando um gramdi quilombo na serra das almas la já havia outros escondido di outros Semhores rigorosos Esti quilombo é muito imprtanti muito comhecido por min quen quer ter certa realidadi mi procura que eu mostro as pintura feita por estis escravos os dezenho difiçil as embarcação ondi elis foram transportados da Africa as carosas que era o único alimento que elis podiam alimentar ainda semdo so a noiti para não mostrar fumaça. Esti escravo que havia sido do Semhor Cadeti indo a procura di canela para çemder fogo a noiti para assar as coisas, sendo conduzida cangicas di gorgulho nas raizes das canelas uma noiti estando elis em obiçervação rolando aquelas pedrinhas vermelhas como as brazas emclusivi rolou uma pedra diferenti lapidada um dos escravos dissu esta pedra lapidada pela natureza so podi ser diamanti afastando ela deichou esfriar lavou a cinza era um lindo diamanti, toda noiti elis iam buscar desti gorgulhos era um rico canal di serra todo que pegava guardava num chifri di boi esperando que um dia vinha a liberdadi; Mas um dia pela falha da sorti um dos escravos do Semhor Juaquin di Paula indo a busca di vela da serra para alumiar na samzala descobrio estis explorado que denunciou pelo seu Senhor que era em domínio da

fazenda do Delgado. O Senhor Juaquim di Paula mandou outros com eli a procura para ondi era transportados aquela gorgulho, estando um dos cativos com o chifri guardando mais diamanti ovio movimento di alguem aproçimando do quilombo o que fez; arrolhou estis chifri e atirou para as brenhas que ate houji esta perdido, o escravo que havia sido escravo do Senhor Cadeti comçeguiu escapolir alcançando as margens do correjo dos Borbas alcançando a residência do que era emcarregado do Rei era comheçido como Barracho tinha nomi por estenço mas não fiquei sabendo; estis escravo não suportando a fomi que estava levando a sua vida resolveu ficar trabalhando em fim pela sua sorti traçueira chegou em comhecimento do Senhor Cadete que mandou outros em busca deli indo encontrar di tanta ira que sentia do escravo mandou marrar e fazer uma cova que ficassi assim da cintura do negro depois di pronta mandou que pozessi o escravo em pe mandou que socassi a terra em roda para que ficassi empedido di mover so deichou livri as mãos todos que passava nesta estrada eli ficava di mãos postas pedindo que tirassi eli daqueli sofrimento Mas ninguem artrevia pelo receio que tinha do Senhor Cadete, ate que em fim morreu di fomi e sedi no mais tristi sofrimento.⁴¹

Sobressai nessa narrativa o rigor do sistema escravista, em que o negro tenta, arduamente, fugir da escravidão. No entanto, as tentativas são frustradas. O sistema escravista impõe ao negro uma espécie de destino previamente definido, restando-lhe apenas o castigo e a morte. A

⁴¹ Este texto é a transcrição do manuscrito de Pedro Braga. O contador frequentou a escola apenas por cerca de três anos e possuía uma escrita que fugia às normas da língua portuguesa padrão.

liberdade será sempre negada, já que o negro, mesmo alcançando o quilombo e descobrindo pedras preciosas, será forçado a retornar ao trabalho servil e, posteriormente, sua busca de liberdade é severamente punida.

Na história transcrita, as pedras encontradas pelo escravo em fuga da fazenda do senhor Cadete estavam nas terras de outro proprietário de escravos: Joaquim de Paula. Essa descoberta é que garantirá o crescimento da fazenda do Delgado, aquela que viria a ser a maior fazenda do passado do lugarejo.

Esti rico canal que foi descoberto pelos escravos fujidos o Senhor Juaquim di Paula foi quem levou creçer a fazenda do Delgado ficou sendo a mais rica desta epoca o Semhor Juaquim di Paula adiquirio duzentos escravos criou ate cavallhada num Sitio Catarina proçimo ao Vau menos di meio quilometro eli mandou fazer um planalto que ficou o nomi di origem largo da cavallhada. Todo domingo fazia a corrida di cavalo mandou fazer uma larga estrada que comtornava um morro di frenti a fazenda ate houji ainda é comheçido esti morro com o nomi di origem morro do rodiador.⁴²

Observa-se que essa descoberta do negro nas terras do senhor Joaquim de Paula, além de garantir o progresso da fazenda do Delgado,

⁴² BRAGA. [Manuscritos].

possibilitou, ainda, a constituição de outros topônimos do Vau: o Largo da Cavallhada e o Morro do Rodeador.

Nessa narrativa, há ainda a presença do evento do tesouro perdido – o negro fecha um chifre cheio de ouro e o lança às brenhas. Esse evento permeia uma rede de narrativas contadas em outros locais onde, no passado, também se conviveu com a atividade mineradora e a escravidão. A pesquisadora Nei Clara de Lima, em *Narrativas orais*: uma poética da vida social, estudou algumas dessas narrativas nos municípios goianos de Jaraguá e Pilar de Goiás, ambos com um passado ligado à mineração. A autora observa nessas histórias, cujo tema são tesouros escondidos ou perdidos, uma relação das pedras preciosas com a maldição. O tesouro que se perdeu aparece guardado por espíritos ou por almas penadas.

O amálgama que adere o ouro à maldição, na singularidade dessas concepções, fazendo com que tanto a sua exploração quanto a sua posse sejam consideradas situações amaldiçoadas, é a realização de um extenso e geral movimento de alegorização da escravidão, tramada com os fios de dogmas católicos. As narrativas revelam esse movimento em seus vários matizes e utilizam inúmeras figuras para demarcar os seus contornos. A série de histórias, tematizando os enterros de ouro e as almas penadas – com seu séquito de demônios –, ora guardando, ora revelando os lugares

do ouro enterrado, está também a denunciar a alta frequência da morte nas regiões de mineração.⁴³

Em entrevista realizada em 2003 com Zé Braga, filho mais novo de Pedro Braga, ele falou sobre o contato de seu pai com uma luz misteriosa que seria a indicação de um local onde estaria escondido um tesouro.

Ó, inclusive quondo nós morava no Cabaça... Vô até te contá essa história aí. Bom, isso é história verdadeira mesmo. Meu pai invinha do Cabaça pra cá todas as tarde, vinha imbora à noite lá pra casa. Ond' ele passava, na região lá, tinha uma luz que seguia ele. Até na travessia do Córgo dos Borba. Meu pai num era muito medroso não. Todos os dia. Aí ele foi pisiguino a luz, pisiguino. Teve uma ocasião, pisiguino, a luz cercô ele, uma luz mais forte, e falô quarqué coisa com ele e pôs a mão no rosto dele, aquela mão gelada, e disse assim ó: 'Sinhô Pedro, tá po sinhô aqui, ó, pode chegá e tirá.' Meu pai chegô im casa sem fala, branco igual uma vela. Comentô isso com minha mãe, aí minha mãe pegô e falô co'ele assim: 'Ô Pedro, puque ocê num procura um, um ispríta intão, vê lá o que que tá 'cunteceno.' Aí procurô um ispríta, aí falô: 'Ah, num intendo dessas coisa não.' Aí comentô com o pessoal que tinha vindo de Sorocaba po Vau, sobre essa luz, sobre o que acunteceu com ele. 'Vão chamá seu Carlos, el' era crente. Isso né nada não, seu Pedro.' E ficô queto. No oto dia, seu Carlos foi lá e 'rancô o cabedal, tisoro. Assim diz que foi um pote chei' de oro. E ficô lá o lugá qu' ês cavô lá e tirô. Inclusive perdeu até

⁴³ LIMA. *Narrativas orais*: uma poética da vida social, p. 165.

umas medalha lá, no tirá o pote de oro. Várias pessoa achô aqui no Vau, aqui. A terra aonde ês tiraro o pote, ês colocava a terra na batelha, no corgo, era punhado de oro.⁴⁴

Nessa história, que se integra à rede de narrativas que tematizam tesouros perdidos contadas em locais de mineração, é concedido a Pedro Braga o direito de entrar em contato com a luz que, talvez, represente o espírito de algum negro que, no passado, escondera um chifre cheio de ouro. No Vau, é Pedro Braga, aquele que toma a palavra e conta, quem tem o dom de se comunicar com a luz *mãe-do-ouro*.

Feita de luz, uma tocha de fulgurante beleza, a mãe-do-ouro percorre os céus, gira de uma serra para outra e cai onde tem ouro. É como se ele próprio quisesse se dar a conhecer, quisesse ser apropriado. Emissária celeste do minério cobiçado, a mãe-do-ouro é a incorporação concentrada da fulguração especial daquele minério, que gira no céu e cai avisando onde ele se encontra depositado. No entanto, mais que o giro celeste, é a sua queda que propaga ao mundo a existência do tesouro subterrâneo.⁴⁵

Assim, percebe-se em Pedro Braga o negro como sujeito da enunciação. Em algumas narrativas do contador-poeta do Vau, escritas ou contadas oralmente, há a presença do personagem negro envolvido

⁴⁴ Depoimento de José de Evaldo Braga, gravado por Josiley Francisco de Souza, no Vau, em 2003.

⁴⁵ LIMA. *Narrativas orais*: uma poética da vida social, p. 190.

em situações em que este prevalece, fazendo-se ausente o próprio homem branco.

Isso pode ser verificado em narrativas sobre negros que, entre os escravos, eram líderes, conhecidos como “pai”, conforme explica o próprio contador:

É quem dirigia, de toda confiança dos senhores. Intão os senhores cunhiciam eles como “pai”: Pai Urubu, Pai Jacarandá, Pai Francisco, que é o chefe da Fazenda das Abóbra, Pai Dumingo, que era da Fazenda do Buraca.⁴⁶

Apesar de os “pais” representarem a autoridade do senhor branco entre os negros, já que eram “de toda confiança dos senhores”, os negros dominam o enredo das narrativas. O que se ouve nessas histórias é a expressão da voz e da cultura do negro. Na história “Pai Urubu e Pai Jacarandá”, é narrado um episódio em que os escravos se reúnem para fazer festa em um dia de folga do trabalho de mineração.

Eu vô transmiti po sinhô logo uma passage muito importante, qu’ eu iscutei dum velho de nome Ricardo Caetano Alves, que era neto do propietário da Fazenda do Buraca. O pai dele, ele contava que o pai dele assistiu uma cena muito importante aonde ele tava, do Jacarandá, o chefe dos iscravo do Joaquim de Paula, com o chefe dos iscravo do Vídigal, que chamava, era tratado Pai Urubu. O

⁴⁶ Fragmento da narrativa “Pai Urubu e Pai Jacarandá”.

Jacarandá era tratado Jacarandá porque ele era um negro mais vermelho, tá intendeno com’ é que é, né? Intão é uma imitância de cerno de Jacarandá, intão eles apilidaro ele de Pai Jacarandá. Agora, o Pai Urubu, diz que era o mais preto de todos os iscravo que era cunhido nessa época. Intão ele ficô com o nome Pai Urubu. É quem dirigia, de toda confiança dos senhores. Intão os senhores cunhiciam eles como “pai”: Pai Urubu, Pai Jacarandá, Pai Francisco, que é o chefe da Fazenda das Abóbra, Pai Dumingo, que era da Fazenda do Buraca.

Um dia de sábado, que era muito de costume, os senhores, assim como Joaquim de Paula, o Vídigal e otros mais, dava sempre um suéto, uma vez por mês, um sábado, pros cativo folgá: uns pas-seava, otros ia dançá. Intão, o Jacarandá foi encarregado dos cativo do Joaquim de Paula, que era cunhido como Pai Jacarandá, o Joaquim de Paula tratava ele Pai Jacarandá; mandô convidá o Pai Urubu, que era o chefe dos iscravo do Vídigal, pra eles dançá um semba lá na fazenda do Delgado. Intão, chegô o Pai Urubu com uma certa quantidade de iscravos pra dançá o semba.

O Jacarandá mandô matá treis galo pra dá eles jantá. Dipois desse jantá pronto, todo mundo em orde, que eles foro cumeçá a jantá, o Pai Urubu levantô e disse:

– Coma carne, mas num rói cabeça de osso.

Mandô que depositasse todos os osso numa travessa. Através de todos jantarem, ele levantô, puxô de uma capanga de coro, tirô um pano veludado, e rebuçô aqueles osso. E aí ele falô uma language que ninguém entendeu, uns dez minuto. Depois, ele aguardô um certo momento, e esse pai do Ricardo viu o pano

mexendo. Ele foi, o próprio Pai Urubu tirô o pano, tinha um galo perfeito. Ele foi e disse:

– Cant’ angaro!

O galo pulô em cima da mesa e cantô. O Jacarandá olhô assim e disse:

– Volta, galo, pro seu lugar!

O galo vortô e dismanchô.⁴⁷

Nesse ambiente, em que se fazem prevalecer os personagens negros, destaca-se o poder sobrenatural de Pai Urubu e de Pai Jacarandá, que fazem um duelo de forças por intermédio da voz. O negro, privado de sua liberdade e submetido à escravidão, surge na narrativa com um poder mágico que se manifesta ao proferir palavras em uma língua distinta daquela praticada pelas vozes dominantes: “E aí ele falô uma linguagem que ninguém intendeu, uns dez minuto.” Faz-se interessante destacar nessa narrativa o uso da palavra *angaro*, empregada por Pai Urubu e por Pai Jacarandá no envio de ordens ao galo, animal que resulta da força das palavras dos negros. *Angaro*, segundo informaram os angolanos Amadeu Chitacumula e Manuel Taho, estudantes da UFMG, respectivamente falantes nativos das línguas africanas umbundo

⁴⁷ Narrativa “Pai Urubu e Pai Jacarandá”, reproduzida também nas páginas 277-279.

e quimbundo, significa nessas línguas “galo”. Assim, nessa narrativa, o negro, silenciado nas senzalas, faz ressoar sua voz da qual emana um poder de encantamento graças ao uso de palavras provindas de sua terra. Pela afirmação de sua cultura, altera-se a sua condição: o negro escravo toma a palavra em língua africana e demonstra seu poder.

A história do duelo de forças entre Pai Jacarandá e Pai Urubu foi também registrada por Pedro Braga em seu caderno. Na escrita, o contador não deixou calar a voz africana que garante o poder da metamorfose, e cuidou em escrever o vocábulo *galo* em língua da África.

Ricardo Caitano Alvis nos contava que o pai deli assistio esta passagem, atravez di falar esta linguagem ums dez minutos depois em obicervação todos que ali se achavão viram o pano mecher o pai Ourubu levantou tirou o pano um galo estava perfeito eli disse canta *angaro* o galo pulou na meza e cantou o Jacarandá emvermelhou os olhos e disse ‘volta *angaro* para o seu lugar’ o galo voltou em ossos.⁴⁸

É interessante observar que o poder atribuído à palavra falada nessa narrativa é típico da cultura africana, na qual a palavra possui força vital.

Para os africanos, a palavra falada é transparente, é pura energia, força vital que se exercita a cada proferição. Quem primeiro dela

⁴⁸ BRAGA. [Manuscritos]. (Grifos meus).

se serviu desencadeou todo o processo de criação. Para os povos mandenka – complexo cultural que inclui os povos bambara, diulá e malenkê – ‘O que Maa Ngala (Deus) diz é.’ Desde então seu caráter mágico-criador é valorizado pelos que a manejam com prudência. A origem sagrada da palavra faz com que sua proferição e audição sofram algumas restrições, como sua proibição, em algumas sociedades, aos não iniciados.⁴⁹

O negro, dotado de poderes mágicos, será, ainda, tema de outra narrativa contada por Pedro Braga, também envolvendo o Pai Jacarandá.

O Pai Jacarandá, conforme as tradições, ele tinha, parecia que tinha parte até com o demônio. Ele ia sempre im Milho Verde bebê cachaça, mais pra não dexá falha no lugar dele, ele dipindurava um sobrecasaco, que ele levava aguardano o frio, e punha nu’a estaca, e cuspiá lá em roda, e saía. Saía, o Joaquim de Paula chegava, num dava farta dele lá no sirviço; o sirviço cuntinuava como se ele tivesse lá.

Um dia ele saiu, e tinha dexado um dos cativo, rapazim novo ainda, duente, e foi im Milho Verde bebê cachaça. Quando ele evém no Campo Alegre, isso é tradição de minha mãe; nos contava que ele incontrô com a rede do rapazim, qu’ ês lá iam levano ele pra interrá no Milho Verde. Com a rede. Que nessa época só tinha... o cimitério ainda era no Milho Verde. Intão ele perguntô:

– Quem é esse aí?

Disse:

– Ah, é fulano.

Eu num sei o nome não, nun fiquei sabeno não.

– Põe a rede dele no chão aí.

Pusero a rede dele no chão, ele olhô:

– Ah, desse vez ele num vai interrado não.

Meteu a mão na capanga, tirô uma raiz, rapô, pôs num coitezinho, pegô a cachaça, e pôs lá um poquinho da cachaça, e misturô:

– Abre a boca dele.

Diz qu’ ês meteu uns ferro, abriu a boca dele, umas faca, num sei que lá mais, abriu a boca dele à força, e ele virô. Virô o remédio, diz que passaro uns momentos, diz qu’ ele cumeçou a mexê. Com poco ele abriu os olho, sentô, depois ele mesmo levantô e vultô são. Ressuscitô.⁵⁰

Nessa história, os poderes mágicos do negro, além de ressuscitam um morto, garantem resistência ao sistema escravista, já que, com esse poder, ele podia fugir do trabalho escravo e ir a Milho Verde beber cachaça sem que sua ausência fosse notada.

Foi possível notar que Pai Urubu e Pai Jacarandá são personagens importantes para a memória da região do antigo Arraial do Tijucu.

⁴⁹ PETTER. Tradição oral, oralidade, memória e escrita, p. 135-136.

⁵⁰ Narrativa “O moço ressuscitado por Pai Jacarandá”, reproduzida também nas páginas 263-264.

Durante a oficina *Vissungos*: cantos afro-descendentes de vida e morte, ministrada pela Profª Sônia Queiroz, no 36º Festival de Inverno da UFMG, em 2004, observou-se essa importância dos dois personagens em conversa com Ivo Silvério da Rocha e com Antônio Crispim Veríssimo, mestres de vissungos do grupo de Catopê de Milho Verde, povoado próximo ao Vau. Ivo e Crispim disseram conhecer as histórias de Pai Jacarandá e Pai Urubu. Crispim lembrou que, durante o preparo do angu, Pai Jacarandá conseguia mexer a massa quente com as próprias mãos, sem se queimar, dispensando o auxílio de qualquer talher. A importância dada a esses personagens na memória da região é tão grande que, segundo informaram Ivo e Crispim, existe em Milho Verde o “poço do



Ivo e Crispim durante a oficina *Vissungos*: cantos afro-descendentes de vida e morte. Foto: Josiley Souza

Pai Jacarandá”. Este “poço” é um local situado em um trecho do rio Jequitinhonha, e ganhou esse nome por ser o lugar onde o Pai Jacarandá permanecia durante os trabalhos de mineração.

O negro adquire, assim, uma importância fundamental com Pedro Braga, tornando-se protagonista na história da região. Em um poema escrito por Pedro Braga, o negro aparece como o elemento que explica a situação atual do povoado. No poema, o contador interpreta como um castigo divino a crise instaurada na região após o período de auge da atividade mineradora, um castigo contra os sofrimentos impostos pelo homem branco ao “braço cativo”.

O Vau devia ser boa çidadi
Pelas riquezas que aqui foi tiradas
Ficou so pelas sertãs tradições
Acabou como aguas passadas
Os herdeiros dos poderosos semhoris
Deviam houji ser os mais ricos
Gamhou toda riqueza com o braço cativo
Os diçemdentis ficaram foi no pinico
Eram quatro bocas di maxado
Em roda dos paos roliços
Quem trabalha quer ser pago
Quem paga quer ver serviço
Quem comi o suõr alheio
Não vai ver as falçis di Clisto

O pai roba filhos comi
Acabou todas riquezas
Ficando os netos com fomi

Gosaram muito do braço cativo
Julgando que nunca passava aquela fasi
Ainda derrotou muitos bem di raiz
A procura do que não nasci⁵¹

É interessante destacar a intertextualidade do poema acima com “Jogo de cena”, de Affonso Ávila. O ditado popular: “Pai rouba, filhos comem, acabaram as riquezas, ficando os netos com fome”, empregado por Pedro Braga, também foi utilizado por Affonso Ávila em um poema que, a exemplo da poesia do contador do Vau, aborda fatos históricos.

1720
o pai com a febre no pântano
o filho conferindo o ganho
o neto com Felipe dos Santos
(pai rouba
filho come
neto passa fome)
1789
o pai na intendência
o filho na insolvência
o neto na inconfidência

(pai rouba
filho come
neto passa fome)
1842
o pai na regência
o filho no regresso
o neto na revolução
(pai rouba
filho come
neto passa fome)
1888
o pai comprando escravos
o filho contra os escravos
o neto com os escravos
(pai rouba
filho come
neto passa fome)
1930
o pai conservador
o filho contemporizador
o neto conspirador
(pai rouba
filho come
neto passa fome)

⁵¹ BRAGA. [Manuscritos].

....
o pai no PA
o filho no PB
o neto no PC
(pai rouba
filho come
neto passa fome)⁵²

Ouve-se, desta forma, a voz do negro, habitante que tanto contribuiu na formação histórico-cultural do Vale do Jequitinhonha. Nas narrativas orais que se contam ao redor do fogão a lenha ou da fogueira, sob a lua ou o sol do fim da tarde, vozes historicamente mantidas em silêncio podem falar. Nas narrativas orais, o negro pode tomar a palavra e abandonar, no encanto do verbo, sua condição de escravo. Pelas histórias, ele se torna o santo Pai Joaquim, grita contra o sofrimento na manjarra... torna-se aquele que tem o dom de conceder vida a um morto. A realidade é enfeitada pelo discurso poético e se dispõe em outra ordem.

Referências

ACERVO do projeto *Quem conta um conto aumenta um ponto* – Faculdade de Letras/UFMG.

ÁVILA, Affonso. *Código de Minas & Poesia anterior*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. (Poesia hoje)

⁵² ÁVILA. *Código de Minas & Poesia anterior*, p. 71-72.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9. ed. São Paulo: HUCITEC, 1999.

BASTIDE. Estereótipos de negros através da literatura brasileira. In: _____. *Estudos afro-brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1983.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERND, Zilá. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Brasiliense, [s/d].

_____. *Literatura e identidade nacional*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1992.

BOSI, Alfredo. Sob o signo de Cam. In: _____. *Dialética da colonização*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRAGA, José de Evaldo. Vau, 19 jul. 2003. 1 fita cassete (60 min.). Entrevista concedida a Josiley Souza.

BRAGA, Pedro Cordeiro. [Manuscritos].

CAMPOLINA, Alda Maria Palhares et al. *Escravidão em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura – Arquivo Público Mineiro/Copasa-MG, 1981.

FRANÇA, Jean M. Carvalho. *Imagens do negro na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1988. (Tudo é História)

GOMES, Heloísa Teller. *O negro e o romantismo brasileiro*. São Paulo: Atual, 1988.

LIMA, Nei Clara. *Narrativas orais: uma poética da vida social*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2003.

MACHADO FILHO, Aires da Mata. *O negro e o garimpo em Minas Gerais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

MARQUES, Reinaldo Martiniano. Entre o global e o local: cultura popular do Vale do Jequitinhonha e reciclagens culturais. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Salvador, v. 5, p. 125-140, 2000.

PEREIRA, Vera Lúcia Felício. *O artesanato da memória no Vale do Jequitinhonha*. Belo Horizonte:

Editora UFMG; Editora PUC Minas, 1996.

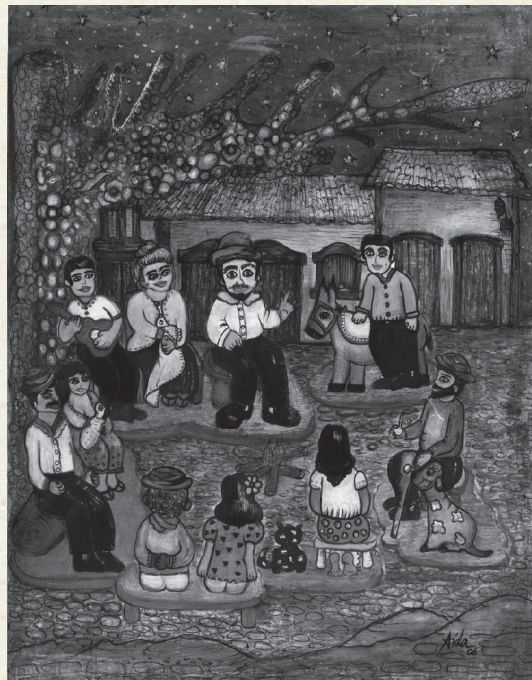
PETTER, Margarida Maria T. Tradição oral, oralidade, memória e escrita. *Estudos Linguísticos* XXIII – Anais de Seminários do GEL, São Paulo, v. 1, p. 135-142, 1994.

POEL, Francisco Van Der. *O rosário dos homens pretos*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1981.

PROENÇA FILHO, Domício. O negro e a literatura brasileira. *Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, v. 49, n. 1\4, jan.-dez. 1988.

QUEIROZ, Sônia. *Pé preto no barro branco: A língua dos negros de Tabatinga*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

SAYERS, Raymond S. *O negro na Literatura brasileira*. Trad. Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1958.



O contador de histórias. Técnica mista. Aída Campos.

O negro calado

A irmã `Nastácia

Ela foi tão sofrida, né?, e a patroa dela tomava ela do patrão. Um dia, ela disse assim:

– Cê vai `panhá lenha e pô naquele forno. Cê vai `panhá lenha e pô naquele forno.

Quando o forno tava vermelho, ela mandô:

– Agora, cê vai limpá aquele forno.

E minha sogra contava que o forno era que nem aqui assim, nessa janela, recebia aqui nessa janela. Então, abriu o forno aqui, como modo de tomá o ar, mode o calor do forno, né?, era um forno grande...

Aí ela trancô o forno, ela falô com a outra:

– Agora pega ela.

As outras duas pa pegá ela e enfiá dento do forno. E enfiô ela dentro do forno e tacô. Aí dexô. Ela foi pra lá, ficô. Quando ela voltô, disse assim:

– Ô Francelina, abre esse forno. A Francelina era a bisavó do meu paim, né?, da mãe do meu pai. Então:

– Abre esse forno!

Então, ela ficô de cá e mandô a Francelina abrí o forno.

Quando a Francelina distapô o forno, que foi oiá dentro do forno, saiu aquela bandeja de flore, e foi saíno, e ela foi fastano; e ela foi saíno na janela, essa bandeja, vuano, subino prum corde arriba – diz que chamava “corde de cima”. Foi subino p’ esse corde arriba até que eles num viu mais, num sabe pra onde foi. E o forno ficô limpinho; não ficô nada.

Então, é a irmã `Nastácia. Então tinha até a oração dela, de irmã `Nastácia; tinha com a cara dela, aquela negra forte.

Transcrição de Rogério Machado Caetano, a partir de narrativa oral contada por Generina Isidora da Silva, em Araçuaí, 1996, gravada por Jader Gontijo.

História da crise

Eu mesmo tem u’a piada que a gente sabe de um, de um moço, a gente, sei d’uá piada d’um moço que tava num tempo du’a crise, igual nós tá nessa era de hoje, dessa seca, né? O cara saiu procurano um serviço, falô:

– Vô caçá o distino.

A sorte do cara diz que fica no dedo grande do pé, né? Intão o cara saiu caçano o distino. Chegô na frente, topô um moço arrancano toco, e perguntô pra ele:

– Ô moço, que que cê tá fazeno?

– Tô aqui, tô arrancano toco. Nesse tempo a crise tá dimais, o serviço é poco, num acha serviço, tô `rancano toco...

– Cumé que cê chama?

– Chamo `Ranca-Toco.

– Ah, vamo comigo!

Aí, siguiu a viagem. Chegô mais na frente, topô um moço com uvido no chão.

– Ô moço, que que cê tá fazeno aí?

– Tô iscutano u’a missa em Romas.

– Po que que cê tá fazeno isso aqui?

– Ah, nesse tempo o serviço é poco, ninguém acha serviço, intão tô ovino u’a missa em Romas.

Aí:

– Cumé que cê chama?

– Chamo Bom-Adivinhão.

– Vamo cumigo.

Aí siguiu:

– Vão caçá serviço cumigo.

Siguiu à frente. Chegô mais na frente, topô oto cara cumeno pedra.

– Ô moço, cê tá fazeno aí dibaxo dessa pedra?

– Tô cumeno u’as pedra aqui, nesse tempo, a crise tá dimais, nessa seca, intão a gente num acha aonde se mantê, a dispesa pra gente cumê, que eu como muito.

– Cumé que cê chama?

– Chamo, eu chamo Engole-Pedra.

Aí então:

– Vão cumigo.

Aí chegô mais na frente, topô um oto moço co’ a ispingardinha atirano, apontano po lado de Grão Mogó, naquela serra, sabe?

– Que cê tá fazeno?

– Ah! Tô dano um tiro lá naquela serra, nesse tempo, ninguém acha nada que matá, intão eu vô, tô atirano naquela serra, vê se mato u’a onça tá atrás daquela serra. Aí ele oiô assim:

– Matá u’a onça?

Falô:

– É.

Aí então ele atirô, matô a onça. Aí chegô mais na frente, falô:

– Mas quem vai buscá essa onça, gente? Nós num acha quem busca ela.

Chegô mais na frente, topô oto cara, piado, co’u’as peia de ferro.

Falô pra ele assim:

– Ô moço, o que, o que que cê tá fazeno aqui?

– Ói, eu tô aqui piado, que se me dispiá eu vô em Romas num, num, num sigundo e vorto. Eu, ‘sim, eu tô piado, puque pa andá muito nesse tempo, a crise tá dimais, num dá pra gente andá dimais não.

Aí ele, ele falô:

– Ó, intão vão cumigo. Ah, mas nós matô u’a onça e num tem quem busca ela pra nós...

Falô:

– Aonde que ela tá?

Falô:

– Tá lá naquela quina daquela pedra lá.

E o cara pegô dipressa, foi lá, buscô a onça na cacunda, jugô na cacunda, levô o `Ranca-Toco cum ele, jugô a onça na cacunda e troxe imbora. Aí, foi a cumida qu’ês cumero durante a viagem deles.

Aí eles pegô, chegô num lugar, tinha u’a tarefa nu’a fazenda. Quem fizesse treis mandato na fazenda ficaria rico, e se não fizesse, era degolado, era morto. Aí ele falô:

– Qualé o... o que que é pra fazê?

O moço, o rei falô assim:

– Ó, quem cortá aquela peroba cum trinta minuto, eu dô a parte da minha riqueza. E se não cortá é degolado.

Aí ele falô:

– Ó...

O `Ranca-Toco ficô de lado, falô:

– Ó, manda aí.

Ele, o cara, o moço que invinha co’ele falô:

– Ó, vão lá cumigo. Vão lá cortá a peroba.

Deu duas machadada no pau, já tinha meiado a metade da madeira. Aí o rei falô assim:

– Ó, vamo em casa, vamo em casa, nós vão tomá um café, depois cê volta cortá o pau.

Quando ele chegô lá, o pau já tinha aumentado o dobro. Ele tinha u’a feiticera, que infeitiçô aquilo lá, aumentô o dobro. Aí o `Ranca-Toco deu u’a machadada de lá, deu ota de cá, dirrubô, separô as duas tora, dento de pocos minuto, falô:

– Cê qué que `ranca a raiz?

`Rancô a raiz, tombô pro lado de lá. Era o `Ranca-Toco.

Aí, ele siguiu pa frente. Mais dipressa, falô:

– Ó, tem o mandato. Um cê fez, quero vê cês fazê o o. Minha nega vai em Romas cum meia hora buscá u’a garrafa d’água. Quero vê se vocês vai.

E pensô assim, falô:

– Ó, vô sigui em frente. Vai você lá, Bom-Corredô.

O Bom-Corredô falô `sim:

– Tira a peia!

Falô:

– Não, precisa tirá não, que eu vô lá.

Dexô a muié saí, quando é, quando a nega dele saiu, cum dez minuto que tava fartano pa meia hora, cum vinte minuto que a nega saiu, ele saiu. Quando ele chegô lá, que ele pegô a garrafa d'água, que lá ia saíno, topô com ela no caminho, passô por ela, ela falô:

– Ó, perai! Ispera `i que eu tenho um coisa pa te dá.

Pegô a 'liança, colocô no dedo dele, ele durmiu. O Adivinhão pensô, o cara falô:

– Ó, nós tão morto.

Aí o Adivinhão perguntô, o oto perguntô:

– Por quê?

– A nega colocô u'a 'liança no dedo do Bom-Corredô e ele tá morto na istrada. Tá, tá `terrorizado na istrada.

Aí, o Bom-Atiradô falô:

– Ne qualé o dedo que ela tá?

Levô a ispingardinha, pá! Quebrô a 'liança, dispiô dipressa, veí' cá, buscô ota garrafa, foi lá em Romas, buscô ota garrafa d'água, chegô primero do que a nega. Aí ele falô:

– A coisa agora tá danada. Dois cês fizeram, ma' os treis cês num faz.

Mais que dipressa ele falô:

– Ó, minha nega come um boi, de u'a vez. Quero vê qual docês que vai cumê.

Aí o Come-Pedra ficô todo...

– Puxa vida, co' essa crise que nós tá nela, nessa sêca, né?, como que nós vão fazê pa cumê um boi? Eu... num... nunca achei nada pa cumê pa enchê...

Mais que dipressa, falô:

– Ó, mata aques boi.

Aí o... Engole-Pedra falô assim:

– Mata aquele de lá pra mim!

Mandô o patrão dele mandasse matá o maió pra ele. Aí, mais dipressa, a nega cumeçô, falô:

– Pode i cumeno. Quando ela tava fartano a metade do boi pa cumê, o Engole-Pedra cumeçô, cumeu o boi dele todo, foi na metade do boi da nega, cumeu, a nega falô:

– Cê perdeu a aposta, cê cumeu meu boi.

Ele pegô, falô:

– Será que eu perdi mesmo?

– Perdeu.

Intão foi na nega, cumeu tamém, o rei falô:

– Cê perdeu a aposta, cê cumeu minha nega.

Falô:

– Ô rei, agora cumi a nega, agora vô cumê é ocê.

Abriu a boca, taman' da boca, falô:

– Agora vem você, seu rei.

O rei falô:

– Pode fechá a boca. Por inquanto tá, tá terminada a história.

Fecha a boca, num precisa me cumê não. A metade das coisa é docês.

Aí terminô.

Transcrição de Rogério Machado Caetano a partir de narrativa oral contada por Onofre Cordeiro de Azevedo, em Turmalina, 1988, gravada por Reinaldo Martiniano Marques.

Juão Tomba-Morro

Ixistia um cara por nome de Juão Tomba-Morro. Ele era agigantado. Intão ele gostava muito de `sim... pegá luta cus oto. A vida dele era saí, passia pra convidá alguém pra pegá luta cum ele.

Intão ele saiu e pediu informação onde ele poderia encontrá assim u'a pessoa que quisesse lutá cum ele, assim por brincadera, num era pra briga. Informaro ele que no mar tinha um home que vivia tanto na água como no seco.

Aí, ele perguntô:

– Como ele chama?

– Chama Antono, mas é cunhido por Marinhero.

Dero ele o nome do porto ond'ele poderia gritá assim muito alto e ele vinha atendê. Ele chegô lá nesse lugá e gritô:

– Ei, Marinhero?! Marinheeeero?!

Foi gritano, gritano. Cum poco ele viu a água burbulhano, num sabe? Quando pariceu lá um home nadano pu lado dele. Chegô, cumprimentô e perguntô:

– Que que ocê deseja?

– Sabe, eu gostaria de cunvidá ocê, pra você pegá u’a luta cumigo.

– É lógico que eu num vô guentá u’a luta com você, puque você, um home forte desse jeito e eu sô franzino. Num vô guentá u’a luta cum você, mas eu topo.

Aí, ele falô:

– Bom, só de você falá ‘sim... me serve. Num tô totalmente querendo lutá nem brigá, quiria vê sobre seu ânimo.

– Intão será que você qué saí cumigo assim a passιά, ficá assim uns seis mese, só andano assim pelo mundo? Cê, você num vai gastá nada, eu pago tudo pra você, cê num vai gastá nada. É só passιά.

– Eu vô.

Aí ele saiu cum ele.

– Ispera aí que eu vô pegá meus documento.

Foi buscá uns documento dele. Daí uns dez, quinze minuto, chega ele e saiu pa passιά... Aí foi pidino informação.

– Será que a gente pode incontrá por aqui alguém que tem corage de lutá cum a gente?

Informaro ele que tinha u’a cidade que tinha um cara por nome de Antono e que a profissão dele era trançá. Fazê laços de cabrestos, essas coisa, intão, chicote. Intão ele foi pra lá. Ele tinha o apilido de Trançadô. Quando ali chega nessa cidade, foi procurando a casa do moço e pidiu informação até que incontrô. Intão perguntô:

– Seu Antono, eu vim aqui pra convidá o siô, se o siô qué pegá u’a luta cumigo? Eu gosto muito de pegá luta. Se o siô quisé lutá cumigo um poquim...

Falô ‘sim:

– Uai! Eu num guento! Eu num vô guentá u’a luta cum siô puquê o siô, um home forte desse jeito, né?, e eu num vô guentá.

Ele era tão forte que o facão dele pesava uns cem quilo, num sabe? É, era muito grande. Ele carregava o facão assim de lado. Ele ia imendano assim cuberta e jogava as coisa ali dento, fazia aquela troxa e jogava nas costa pra carregá, qu’ele era agigantado e cumia muito mesmo, num sabe?, nada chegava pra ele. Carne? Tinha que saí assim e fazê caça. Andá naquelas mata onde tinha anta, esses bicho grande. Fazê carne pra cumê. Aí ele falô ‘sim:

– Antono, eu num tô totalmente quereno lutá cum você. Eu quiria vê o seu ânimo e de u’a vez que você tem corage mesmo de saí aí cum a gente. Intão, eu gostaria de convidá. Se quisé saí pra passιά uns seis

mês, num sei quê, dá u'as volta pu mundo afora, passiano, que eu gosto muito de caçada. A gente vai nas mata pa gente caçá.

– Tá muito bem, a gente vai.

Priviniu lá e cum ele, os treis: o Marinhero, o Trançadô e o Tomba-Morro. Aí foro, viajaro, viajaro. Quando chegaro na mata, o Tomba-Morro falô `sim:

– Agora nós vamo acampá na mata e fazê u'as caça por aqui, que deve tê muito bicho, que deve tê `té fera aqui: onça, essas coisa.

Aí falô:

– Vô limpá aqui um trecho aqui pa gente acampá.

Limpô e armô barraca lá pra ficá uns dia e quando... fizeram a janta, jantaro e, quando foi notro dia, ele falô assim:

– Marinhero, você vai ficá aqui pra fazê o almoço pra gente, eu vô com o Trançadô pra gente fazê a caça.

– Tá muito bem.

A ispingarda dele, acho que era tão grande que, acho, ele podia entrá den'dela. Intão saíro. Aí o Marinhero ficô fazeno o almoço. Dipois, aquele tacho chei de cumida. O Tomba-Morro cumia dimais, né? Aí, quando ele tava com o almoço pronto, ouviu um barulhim `sim nas folha seca, num sabe? Chap! Chap! Quand'ele oiô, pontô lá u'a cavera, mas num tinha coró nem carne, só tinha osso. Aquela cavera, aquela coisa

mais feia do mundo, pareceno um esqueleto humano. Aí a cavera chegô e cumprimentô ele:

– Bom dia!

Ele disse:

– Bom dia! Que que a sinhora deseja?

Ela deu u'a risadinha:

– Hi, hi, hi! Eu vim aqui propô um negoço pro siô.

E... e... oiano nas panela, né? Se tava cum cumida.

– Vim fazê u'a proposta pu siô. Vim pegá u'a luta cum siô. Se o siô me vencê, eu vô imhora, se eu vencê o siô, eu como essas cumida.

Falô `sim:

– Muito bem! Bom!

Passô a mão no facão dele e foi à luta cum a cavera. E essa cavera dava cada ossada nele, num sabe? Ele dava facãozada nesses osso, ela sentava os osso nele e levai, levai, cum poco a cavera venceu ele. Venceu ele e ele caiu dismaiado, num sabe? Aí, ela foi lá e cumeu o tacho de cumida todo. Aí o Marinhero ficô parado, dismaiado. Quando ele deu cor de si, a cavera, ó!, cascô fora. Quando ele deu por si, cumeçô fazê ota cumida. Quando o Trançadô e o Tomba-Morro chegaro:

– Uai! Cê num fez cumida inda não?

– Ah! Cês num sabe o que cunteceu aqui. U’a tragédia, sabe? Chegô u’a cavera aqui, propôs e cunversano u’a coisa isquisita que eu nunca vi u’a coisa como aquela. Que lugar isquisitão esse aqui, sabe? Tô assombrado cum isso aqui. Num dá pa gente ficá num lugar desse, não! Propôs pegá u’a luta cumigo... eu... eu... aceitei. Fui lutá cum ela, ela me venceu. Quando eu dei cor de si, ela tinha cumido a cumida toda e já num tava mais aqui, foi `mbora.

Ah! O Tomba-Morro tava mal-sirvido. Falô:

– Amanhã, cê vai cumigo e o Trançadô fica. Que moleza é essa? Você dexá a cavera cumê a cumida toda?

Aí, no oto dia, ele falô:

– O Trançadô vai ficá.

E o Marinhero saiu pa fazê as caça toda pu Tomba-Morro. Naquele periudo qu’ele tava terminano de fazê o almoço, chegô a cavera ota vez. Quando ele oviu aquele baruio nas folhas seca: chap, chap, chap, chap! A cavera vei aproximano dele e dano aquela risadinha, né?

– Hi, hi, hi, hi, hi!... Bom dia!

– Bom dia! Que que a sinhora deseja?

– Eh! Eu vim aqui prová u’a proposta cum siô. Prová u’a luta cum siô. Se eu vencê o siô, eu como a panela de cumida e vô imhora e o siô fica dismaiado por aí. Se o siô me vencê, eu vô imhora.

Pegô o facão dele e foi lutá cum a cavera. Quando ele dava facão-zada daqui, ela batia osso nele. Ele batia o facão nela e ela batia os osso nele e, quando pensô que não, ele dismaiô também, sabe? E ela foi lá e cumeu a cumida toda e foi `mbora. Quando ele acordô, foi fazê ota cumida. No mesmo instante chega o Tomba-Morro mais o Marinhero:

– Vai vê que a tal cavera veio aqui, né?

– Acunteceu a mesma coisa, eu num dei conta, ela cumeu a cumida e foi `mbora.

– Eh, corja de mole! Cês são molerão mesmo! É, amanhã eu vô ficá aqui e ocês vão dá conta de carne pra mim. Eu num vô cumê sem carne, não! Vai fazê caça. Amanhã quem vai fazê o almoço sô eu!

Aí, no oto dia, os dois saiu pa fazê caça e o Tomba-Morro ficô preparano o almoço. Depois que ele tinha preparado o almoço, chega... Oviu o baruio na foia seca aqui: chap, chap, chap! Quando ele olhô era a cavera, né? E dano as risadinha:

– Hi, hi, hi!... Bom dia, bom dia!

– Bom dia! Pode chegá pra cá. A sinhora qué lutá, né? Eu quero também.

E logo:

– Vamo lutá. Se a sinhora me vencê, cê come tudo aí, né? Tem problema, não!

E passô a mão nesse facção dele. E meteu esse facção nessa cavera... Meteu esse facção e só via lasca de osso avuano. E ela curria, ela baxava num pedaço de osso, soprava e colocava no lugar, num sabe? El'era incantada, num sabe? Era u'a moça incantada, tranformava numa cavera. Intão, quando ele batia o facção que caía a lasca lá, ela catava aquilo dipressa e soprava e colava no lugá, num sabe? E ele num tava dano ela tempo de nada, num sabe? E ela num cunsiagua dá u'a ossada nele. Aí até que foi u'a hora, ele bateu e vuô u'a lasca de osso bem grande, caiu lá longe e ela num teve tempo de i lá pa panhá, num sabe? Ela foi, correu, correu, foi `mbora, num sabe?

Aí ele falô:

– Não! Vem, vem, vem cumê a cumida!

Ela:

– Num quero não! Num quero não!

E foi `mbora. Aí, quando chega o Marinheiro mais o Trançadô:

– Vamo almuçá dipressa e vamo vê dipressa onde foi essa cavera.

Aí, eles almuçaro, pegô as vasia, arrumô tudo ali e jogô dento daquês cubertô ali e jogô aquilo nas costa e saiu. Siquiro. Agora os ossos quebrado, num sabe?, saiu pingano sangue, né? Era incantado, né? Aí ês ia siguino os pingo de sangue nas foia seca. Foi andano, andano bem distância. Aí, incontraro um buraco e ela desceu aquele buraco. Em roda

tava assim tudo liso, assim... Paricia u'a morada de um bicho, u'a fera, um trem assim. Intão ele sondô ali e falô:

– Olha, eu vô tirá bastante cipó, torcê e imendá esse cipó e vô fazê um canzil, tipo dum canzil e um de vocês vai descê aqui e vê onde foi essa cavera. Qualqué coisa cê da sinal no cipó que eu puxo novamente.

Foi imendano cipó, imendano, imendano, imendano. Aí, fez um canzil e foi soltano o cipó, soltano os poquim, os poquim e ele desceu. Aí, quando chegô bem distante, quando ele viu lá imbaxo assim um clarão e tinha u'a roda assim tipo de duas navalhas, passava assim pra lá e pra cá e fazia... dexano aquele meio assim, num sabe? E elas passava assim em cruza e ficava aquele meio assim redondo. Aí, ele olhô lá imbaxo aquela coisa triste... Aí, claro, num sabe? Ele olhô, olhô, sondô bastante e deu o sinal no cipó. Ele puxô ele:

– Que que é? Cê viu a cavera lá?

– Não! Num vi.

– Que que cê viu lá?

– Sabe, Tomba-Morro, lá tem um... parece que tem otro mundo lá imbaxo. Parece um otro mundo, num sei, u'a coisa isquisita. Tem u'a campina lá, cê num vê um arvoredado grande, né? De jeito nium. Só vê aquela campina assim, o mato rasterim. E o lugar é até bunito, mas é aquela solidão! Calado! Aquele negoço triste. E tem u'a roda assim, lá

num meio, no saí do buraco pra saí imbaxo, tem u'a roda assim, tipo de duas navaia que passa assim em cruza assim e o meio abre assim, de vez em quando abre.

– Dá pra passá nesse meio?

– Dá. A hora qu'ela formá, fô formano assim, vê se dá pa saltá, porque se fô passá na hora qu' ela tá fechano, ela corta a gente. É duas navalha.

Aí, ele falô:

– Cê vai saltá lá imbaxo nesse otro lugá e eu vô descê. Dipois eu amarro o cipó num pau aí e vô descê também.

Assim ele fez. O Marinheiro desceu, saltô. Aí, ele puxô o cipó, desceu o Trançadô. O Trançadô saltô também e ele amarrô lá, midiu bem assim a distância, marrô lá no pau, no cipó, e foi desceno nesse cipó, foi desceno, desceno, aí chegô lá, saltô. Num pode levá as coisas, manutenção deles, dexô tudo pra trás, a ispingarda, dexô tudo pa trás.

– Eu quero discubri onde foi essa cavera! Eu nunca vi coisa assim. Parece incanto! Eu nunca vi osso dá sangue! Isso só pode sê u'a coisa incantada.

Aí ele saltô lá, foi os treis lá, nesse mundo lá. Foro andano, andano... O negoço... tem que andá. Aí, inquanto tinha dia já naquele pingo de sangue siguino. Quando deu a noite, ês já num tava inxergano

mais, ês já tava ovino o cantar de galo, cachorro latino, criação berrano. Aí eles marcô direção assim e foro andano, andano, andano... Tinha istrada, não! Era só aquela campina baxinha. Aí, quando eles viro u'a casa, já tava de noite. Chegô nessa casa. É! Deu fala. Aí ês oviro u'a voz respondeno. Aí ês gritô:

– Ei de casa!

E u'a voz respondeu:

– Ei de fora, vamo chegá!

Aí chegaro os treis.

– Entra pra cá.

Num veio ninguém. Aí ês entraro. Aí, puxô a cadera, a cadera fastô assim.

– Vem sentá, senta aí, Juão.

– Não!

– Senta, Antoino! Senta, Marinhero!

Aí ês sentaro. Daí a poco vei água pa banhá rosto, vei café. Ês tomaro café cum quitanda, mas num vei ninguém. O Tomba-Morro fazia assim pra ês.

– O negoço aqui é bom, hem? Incantado!

Troxero água pra ês banhá os pés. Banharo os pés. Aí u'a voz falô:

– Óia, João, seu quarto é aquele, número um; o quarto do Marinheiro é aquele, número dois; e do Trançadô, o número treis. É, cês vão durmi lá, cada um separado. A noite vai aparecê aí uns fantasmas. Cês num dá cunfiança. Cuidado, viu? Se assombrá, nada feito, viu?

Eram treis moça que quiria casá cum eles, num sabe? Os treis rapaz. Aí o Tomba-Morro falô 'sim:

– Cuidado, ó! A voz falô que num é pra dá alarme, não! Num tenha medo, não, que são coisas fantásticas, isso num vai valê nada, não! Tudo passa.

– Tá bem.

Quando foi mais tarde, foro deitá. Quando foi mais tarde, chegô um toro de todo tamanho lá no quarto do Marinheiro, dano aquelas guinada, invistia aquelas invistida nele, que dava nele, num sabe? E ele já cumeçô tremê de medo, num sabe? Cumeçô tremê e falô 'sim:

– E... sai pra lá! Sai pra lá!

E o toro dava aquelas invistida nele, num sabe? Até que o toro desapareceu. Aí apareceu um negão, tipo dum macaco, num sabe? Aquês dente pariceno uns cavaco, num sabe? A boca de fogo e rabo, num sabe? Oreia de macaco e dava... e fazia assim cum as mão pu lado dele assim como quem quiria pegá ele e ele cumeçô a gritá:

– Ai, me acode! Me acode! Me acode, pelo amor de Deus!

E o negão fazia assim pu la' dele, como quem quiria pegá ele, e ele danô a gritá e chorano de medo. Cum poco o negão desapareceu e apareceu u'a serpente, mas de todo tamanho, aquela cobra mais feia do mundo, num sabe? E abria a boca assim como quem ia pegá ele, num sabe? Ele danô a gritá e correu e bateu na porta quereno saí, num sabe? Aí a cobra desapareceu. Cum poco cumeçô lá no quarto do Trançadô. Ele fez do mesmo jeito, deu alarme do mesmo jeito. Aí o Tomba-Morro falava assim:

– Cala a boca, pel'amor de Deus, num grita, não!

Mais ês num tinha corage, né? Quando chegô lá no quarto do Tomba-Morro, Tomba-Morro num tava:

– Cês pensa que eu tô ligano pra isso? Nem tô 'suntano. Num ligo pra isso, não! Tenho medo de nada, não!

Aí passô. Quando foi no oto dia, a voz falô pro João Tomba-Morro:

– Óia, fala pus seus colega que pelo amor de Deus, que aquelas fantasma que aparece aí que num vem a sê nada, que num faz nada cum ele. Num resiste naquilo. No fim tudo vai dá certo pra vocês e cês ficam aí... aqui é tudo incantado. E se vocês resistirem, aí vai tudo disincantá, vai tudo ficá bom pra vocês.

– Tá muito bem, eu falo cum eles.

Falô. Quando foi no oto dia, na hora eles deitaro, a voz tornô falá:

– Num tenha medo, não, que num vai acuntecê nada cum vocês.

– Não, tá tudo bem. Ninguém vai tê medo, não!

A hora quês deitaro, cum poco vem um tigre, aquela onça mais feia do mundo, num sabe? E vem... vem assim caquele canuado mais firme pu lado dele:

– Me acode? Me acode que a onça vai me pegá.

Cum poco a onça desapareceu, vei um lião e ele pôs a boca no mundo a gritá, num sabe? E assim por diante, num sabe? E foi no quarto do Tomba-Morro e o Tomba-Morro nem ligô. Quando foi noto dia, a voz falô cum Tomba-Morro:

– Pel’amor de Deus, falta só um dia, se ês resistisse essa noite, ainda pode dá certo.

Quando foi no oto dia aconteceu do mesmo jeito, num sabe? Eles gritaro e dero alarme e o Juão Tomba-Morro nem ligô. Aí, a voz vei’ e falô cum Juão Tomba-Morro:

– Ó, amanhã, na hora de clariá o dia, não vai tê claridade mais. Cês vão ficá aqui no iscuro. Nós somo treis irmãs que istamos aqui, mas nós num moramos aqui. Meu pai mora lá em cima, naquela parte lá, onde vocês viro a cavera, mas nu’a região mais distante dali, muito distante. Acuntecimento que amanhã nós vão ‘bora e vocês vão ficá no iscuro. Mais, Juão, eu vô te dá ispelho piqueno, de bolso. Cê guarda ele.

Aqui vai virá um ispinhal! Mas você... o seu facão é muito bom, você vai roçano esses ispim no iscuro pa você saí daqui. Quando você tivé cansado e aguiniado, você pega esse ispelho e joga pa trás. Ele vai clariá, dá claridade pra frente pa você i andano. A hora que suas vista cumeça zangá novamente, eu vô te dá qui um punhado de cinza, você joga essa cinza pra frente. O ispelho pa trás e a cinza pa frente, porque cinza vai dá claridade lá no ispelho... Cê joga ela ‘sim pu ar, ela vai dá claridade e o ar vira parado. Inquanto ela tivé no ar, o pó daquela cinza tá dano claridade pra você com o reflexo do ispelho, até você saí daqui.

Falô:

– Tá muito bem.

– E seus colega... Cê que sabe o que cê faz cum eles.

E ele tava té aqui de raiva deles, num sabe? Aí...

– Adeus, até um dia, Juão.

Dispidiu dele e foro imhora, as treis. Aí, assim ele fez. Depois que elas saíro, aí gritô:

– Marinhero, vem aqui! Vem aqui! Ondé que cê tá, Marinhero, ondé que cê tá?

– Tô aqui!

– Vem aqui!

Vei apalpano, apalpano...

– Quêdê? Quêdê você? Me dá mão aqui, Marinheiro.

Quand'ele pegô na mão dele, passô a mão no facão, ó! E decepô o pescoço dele. Chamô o oto e fez a mesma coisa. Num dá nem pa criditá, num sabe? Fez a mesma coisa. Decepô o pescoço do oto e saiu roçano aquel' ispinhão, num sabe? Foi roçano, roçano, roçano no iscuro, ispinhano, pisanano naqueles ispinho, e foi andano, andano, andano, quando cumeçô ficá aguniado, num sabe? Achô que num tinha... que num saía daquel' ispinhal ma nunca. Aí ele foi, pegô o ispelho e jogô o ispelho pa trás, num sabe? Aí o ispelho clariô pra frente. Ele foi andano, roçano, roçano, roçano até aquela picada! Foi andano, andano... Quando ele cumeçô a zangá as vista novamente, ele foi, pegô um punhado de cinza e fez como a moça insinô. Jugô a cinza assim pra cima. Aí o pó da cinza, com o reflexo do ispelho lá trás, fez claridade pra ele. Ele foi abrino picada, abrino picada, abrino picada até que saiu num pé de u'a barroca, mas aquele barranco mais alto do mundo, num sabe? Não tinha jeito daí daquele campo ali. E ele já tava tonto de sede, num sabe? É... treis dia já sem bebê água. Aí tinha um poço de água, assim, no pé dum barranco, mas a água tava mês cristalina, tava mês tremeno assim, num sabe? Ele chegô, mas bebeu água até! Aí, sentô, ficô naquela tristeza, num sabe?

– Como eu saio daqui? Num tem jeito d'eu saí daqui! Que que eu faço? Mas certamente Deus vai dá um jeito d'eu saí daqui, dessa masmorra aqui.

Aí, quando foi meio-dia, aí viero treis urubus. Tinha um magro e dois gordo. Aí, era as mesma treis cavera, num sabe? E aquela que era magra era a moça que tinha sorte de casá cum Tomba-Morro, e as otas que era pa casá cus otos dois e num deu certo. Aí a moça tava sintida, que o Tomba-Morro risistiu tudo, né? E ela tinha sorte de casá cum ele, se bem que num casô. Aí os urubus descero, bebero água e disse assim e falô assim:

– Ei, Juão, cê qué saí daqui?

Ele falô 'sim:

– Cumé que cê sabe que eu sô o Juão?

– Cê num é o Juão Tomba-Morro? Você num é aquele mesmo que venceu a cavera?

Aí aquele urubu magro falô 'sim:

– Cê qué saí daqui, Juão? Vamo saí daqui. Cê monta aqui nas minhas costa que eu vô te tirá daqui. Aqui num tem nada, só tem água procê bebê.

Aí ele falô 'sim:

– Eu quero saí daqui.

– Monta aqui nas minhas costa.

Aí, ele montô nas costa d'urubu magro. E os otos dois urubu mês gordo, inchado... E aí aquelas rampa alta! E ele oiava pra cima ele oiava pra baxo... Aí, quando chegô nu'a altura, e os oto incostadim, incons-tadim naquele magro. Aí ele faltô cunfiança. Olhô pa cima e viu muita distância, olhô pra baxo, viu muita distância. Falô 'sim:

– Esse urubu magro nu'me 'guenta me levá, não!

Dali ele foi das costa pu oto, ele levô mão assim no pescoço daquele gordo e mudô pras costa do gordo, e o gordo, ao invesso de fazê verão e levá ele pra cima, fez verão e desceu cum ele e soltô no mesmo lugar. Aí soltô ele lá, voltô e vei imhora. Aí quando foi no oto dia mei-dia, desce os treis urubu novamente:

– Ué, João, cê num quis i ontem não, né? Cê faltô confiança em mim, né? Óia lá, cuidado, se não cê vai morrê de fome aqui e sede.

Aí ele falô assim:

– Não, mas hoje eu saio daqui.

Aí montô no urubu magro. Quando chegô assim no meio da rampa, ele olho, falô 'sim:

– Meu Jesus, que que eu faço?

Olhava pra cima, olhava pra baxo, a distância era a mesma. Ele fez mesma coisa. Mudô pras costa do urubu e o urubu gordo desceu e soltô. Foi no terceiro dia, chega os urubus, mei'-dia, pa bebê água.

Falô:

– Olha, a gente num vamo voltá aqui mais. Cê vai morrê e problema seu, viu, João? Cê faltô confiança, cê pudia tê 'guentado a barra. Eu 'guento te levá lá em cima.

Ele falô 'sim:

– Não, po' dexá, hoje eu saio daqui se Deus quisé.

Fechô o olho e montô nesse uburu e fechô o olho, num sabe? E abriu o oio quand' o urubu soltô ele lá.

– Pode descê, João!

Soltô ele assim lá nu'a istrada e falô 'sim:

– Ó, João, você num sai daqui, não! E nem vai pegá condução nessa istrada, não! Cê vai saí daqui a pé. Daqui a treis hora, vai chegá aqui treis rulinha. Elas vão conversá com você.

– Tá muito bem!

– Tudo que elas t'insiná, você faz do jeito qu'elas t'insiná...

Dispidiro dele e foi imhora. Passô, passaro as treis horas, chega, chegaro as treis rulinha pedresa. Chegô cantano:

– Prruuuum, pruuu! Fogo pagô! Fogo pagô! Prruuu.

– Juão, que que cê tá fazeno aqui, Juão?

– Juão, cê deve tá com fome, né, Juão?

Ele falô `sim:

– É, tô cu’ a vontadizinha de cumê. Tô cu’ a pricisãozinha. Tá cum treis dias que eu não como nada.

Aí ela pegô u’ a tualha, u’ a das treis rulinha pegô u’ a tualha. Falô `sim:

– Ói, Juão, vô te dá essa tuaia. A hora que você tivé cum fome, você abre ela, que ela tava dobradinha, cê abre ela e fala: “Compõe, tualha!” Ela compõe e tudo que você precisa e quisé.

– Tá muito bem.

Aí vei a ota rulinha e falô `sim:

– Toma, troxe aqui pra você essa varinha. Essa varinha chama-se varinha de condão. A hora que você tivé pricisano de dinheiro, você bate ela treis vezes assim no chão e fala assim: “Varinha de condão, você me dá dinheiro ô não?” Aí aparece o dinheiro, tanto quanto você quisé e pricisá.

– Tá muito bem.

Agradiceu ela. Aí vei u’ a otra e falô `sim:

– Juão, eu troxe pra você u’ a viola. A hora que você tivé mais triste da sua vida, você vai levá esse dedo nessa viola, que tudo se alegra e você vai se alegrá também.

Ele falô:

– Tá muito bem.

Agradiceu as rulinha. Elas vuario e foro imhora. Era as mesma treis cavera e os treis urubus, as treis rulinhas. Aí, era incantada, né?, transformava naquilo que quiria. Intão elas vuario e foro imhora e falô `sim:

– Você vai saí aqui à direita. Cê pega aqui à direita e você vai chegá assim... A hora que você viajá uns 30 a 40 minuto cê vai chegá na cidade. Você prgunta onde é que mora o rei. E eles vão te informá onde é que mora o rei e você fica por ali. Sua namorada tá `li, cê vai tê de casá cum ela. Sua namorada tá `li. E você vai casá, você vai sê muito feliz.

– Tá muito bem.

Aí Juão, né?... istranho. Chegô lá, informô:

– Onde é que mor’o rei aqui?

Insinaro ele:

– O rei mora ali naquele palácio ali.

– Tá muito bem.

Ele foi ficô por ali como as rulinha insinaro. Ficô fazeno hora por ali e lá ninguém podia ficá fazeno hora nessa cidade, fazeno hora assim,

puquê, né?, principalmente pessoas istranha. Aí dero fé do Juão lá. Aí mandaro investigá o Juão. De onde ele era, procurô os documento dele. Os documento dele era tudo isquisito, né? Num tava sirvino pra eles lá, num sabe? Intão, ês falô `sim:

– Isso pode sê um malandro. Manda prendê esse cara.

E mandaro prendê Juão Tomba-Morro. Aí o Tomba-Morro foi pra prisão sem devê nada, só puquê ele era istranho e os documento dele tava mei' isquisito, falsificado, né?, pra eles lá. Aí Tomba-Morro entrô dentro do cárcere. Aí quando foi à tarde, vei' a cumida ali pra ele. Ele olhô aquela cumida, a cumida muito isquisita, muito ruim. Aí ele falô `sim:

– Isso é cumida de gente, nada!

Meteu o pé nessas bandeja de cumida e isparramô cumida pa todo canto, num sabe? Os prisionero lançaro nele pra batê nele, num sabe? Aí ele falô `sim:

– Num bate, não! Eu vô dá cumida pra vocês. Isso num é cumida pra gente não, viu? Isso é cumida pra porco.

Aí pegô a tualha, abriu a tualha:

– Compõe, tualha!

Na mesma hora, apariceu tanta cumida boa lá, num sabe? Aí...

– Cês pode cumê à vontade!

E a iscrava que vei' trazê pra ês a cumida, u'a nigrinha daquelas, fofquera, a língua mei' inrolada. Era muito chegada aí na raça da deusa africana. Ela falava muito mal. Sinhô, ao invés dela falá sinhô, falava trinhô; sinhá, ela falava trinhá, e assim por diante. Aí ela ficô prestano atenção naquilo. O moço mandô a tualha compô e a tualha compôs. E o rei, sabe?, era muito ambicionero. Tudo quanto há bunito e bom ele quiria pra ele. Aí a tal nigrinha ficô olhano, sabe? Eles cumero à vontade, num sabe? Pra fartá! Ali ele pegô a tualha, dobrô travez e guardô. A nigrinha saiu correno, num sabe?, e chegô lá, chamô o rei e a rainha.

– Ó, trinhô, pode vim cá mais a trinhá que eu quero contá pocês. O rapaz que ocês prendeu ontem, ele tem u'a tualha lá. Ele mandô os preso num cumê cumida, trinhá, e isparramô cumê pa todo lado e, quando os preso amontô nele pa batê nele, ele:

– Num bate ni mim, não! Num bate ni mim, não!

E abriu a tualha lá e...

– Compõe, tualha!

E a tuaia compôs. Tanto trem bunito e gostoso! Mas, foi carne! Foi... e eles cumero lá! O rei falô `sim:

– Vai lá. Chama a puliça e fala cum eles que manda a tualha pra mim. Se num mandá a tualha agora, vô mandá degolá ele.

Aí a puliça foi lá e...

– Ó, o rei mandô pidi a tualha, qué a tualha pra ele. Um presio-
nero num pode possuí u’a tualha dessa, não!

– Ah, mas ela é minha, uai! Vô dá minha tualha vô ficá sem nada?

– E disse que, se ocê num mandá, é pra mandá degolá você e
palavra de rei num volta atrás.

– Intão leva.

Levô a tualha. Aí, quando foi noto dia, evém a nigrinha trazê o
almoço. Quando chegô com o almoço, a mesma cumida badoque de
ruim, num sabe? Ele olhô, meteu o pé nessa cumida, nessas marmita,
isparramô cumida pa todo lado, num sabe?

– É, diacho! Onte tinha tuaia, hoje...

Quando ês viero pa batê nele, os prisionero viero pa batê nele:

– Num me bate, não! Que eu vô dá ocês dinheiro. Cês compra o
que ocês quisé.

Aí ele pegô a varinha de condão. Bateu treis vez:

– Varinha de condão, você me dá dinheiro ô não?

Mas apareceu tanto dinheiro nessa hora, num sabe? Que eles
pode panhá dinheiro e quanto mais panhava, mais aparicia dinheiro. Eles
incherô os bolso e saíro farto de dinheiro!

– Ah! Esse já serve pa ficá mais a gente aqui!

Cataro dinheiro, saíro pra comprá as coisa, num sabe? Mandô
comprá as coisa.

– Traz isso aí! Traz isso daí pra mim.

Tudo que quiria comprava e assim por diante. Aí a nigrinha correu
e juntô as marmita. Saiu correno.

– O home é rico, é rico, puquê el’ hoje num tinha tuaia, não! Tinha
u’a varinha de condão. Ele bateu a varinha assim e falô ‘sim: “Varinha de
condão, cê me dá dinheiro ô não?”

– Vai lá e fala cum ele pra mandá a varinha de condão pra mim.
Se num mandá, eu vô mandá degolá ele agora mesmo.

Aí a puliça foi lá e falô:

– Ó, o rei mandô falá que cê mandasse a varinha de condão pra
ele.

E ele foi, mandô a varinha de condão, já cum medo de sê morto.
Pegô a varinha de condão e mandô.

– Depois eu trago ela novamente. Ele vai tê que m’ intregá ela,
dex’ ele!

Intregô. Aí, quando foi à tarde, levem a nega trazeno as marmita
pros prisionero. Quando chegô, ele mandô o pé nas marmita, aí ispar-
ramô cumida pra todo lado. Eles falô ‘sim:

– É, hoje... ontem foi a tualha, hoje cedo foi a varinha de condão. Agora à tarde, cê num vai tê essas coisa mais, não! Cê vai nos pagá essa cumida!

– Não! Não me bate, não!

E logo passô a mão nessa viola e cumeçô a tocá, num sabe? A viola era só biliscá na viola. Tudo que tivesse ali perto tinha que mexê e dançá, tinha que mexê e dançá. Os crimosos já cumeçaro a dança lá dento, num sabe? Todo mundo que passava na rua e que ovía o toque da viola já cumeçava a dançá. E virô aquele negoço... E a nigrinha saiu pelejano pa saí, mas num cunsiguia saí, dançano, num sabe?

– Cumé que eu vô contá isso sinhô rei? Cumé que eu vô contá? Dixa eu i contá sinhô rei!

– Aqui num tem negoço sinhô rei, não!

Aí, quando ela tava demorano a chegá, num sabe? Eles viero pra sondá o que tava aconteceno. Quando o rei chegô, já chegô dançano tamém, num sabe?

– Que qu'ê isso? Que que tá aconteceno aqui?

O rei dançano. Só parava de dançá a hora que parasse de tocá. Aí esse rei foi dançano, foi dançano, foi dançano... Cum pouco a rainha. O rei tava demorano, a rainha vei pra vê que é que tava aconteceno, e a rainha já cumeçô a dançá, num sabe? Foi dançano, dançano.

– Ô, moço, para de tocá que eu num tô 'guentano mais, não!

– Num paro, não!

– O que que cê qué?

Quando ele num tava 'guentano, os pé dele num tava 'guentano mais:

– Que que cê qué procê pará de tocá essa viola? Quanto é que cê qué?

Ele disse:

– Num quero nada, cê tem que dançá. Aqui é 'sim, tem que dançá.

– Pel' amor de Deus, que eu tô cansado demais, num tô 'guentano mais, não! Para de tocá.

– Num paro, não! Cê tem que dançá mesmo.

– Ó, moço, quanto é que cê qué pocê pará de tocá?

Ele falô 'sim:

– Num quero nada.

– O que que é que ocê qué?

Ele falô 'sim:

– Eu quero a sua filha em casamento.

Aí esse rei foi dançano...

– Mas num é pussível eu dá minha filha. Eu num sei se ela qué casá cum você! Eu tenho treis filha lá e num sei se alguma delas vai querê casá cum você!

– Que conversa isquisita! Intão cê tem que dançá.

Tá tocano, ele tá dançano; tá tocano, e ele tá dançano. Aí o rei:

– Manda chamá as minina lá.

Aí, nada. Ninguém podia saí, viro que tava demorano, num sabe?

Elas viero. Quando elas chegaro já chegaro dançano. Aí:

– Qual é delas? Qual é delas? Qual é delas?

– Aquela lá!

– Intão tá, eu te dô ela em casamento. Cê pode casá cum ela.

– Cê qué casá cum ele?

Ela disse:

– Quero.

Aí, mas aí ele num para de tocá, não! Foi tocano, tocano...

– Vai buscá os iscrivão pra fazê o casamento.

Aí mandô chamá o iscrivão.

– Vai mandá chamá o sacerdote pra fazê o casamento! Só paro de tocá depois que ele chegá e prometê de fazê o casamento.

– Intão bem, vai dipressa!

Aí manda lá. Telefonô pum cara lá que num tava ovino o toque da viola. Aí o cara foi lá e chamô o iscrivão, chamô padre. O padre vem. Quando já chegô, já chegô dançano tamém, num sabe? O sacristão... Ele garrô o sacristão e tá dançano. Mandaro chamá o iscrivão.

– Para, moço, pel'amor de Deus, cumé que faz esse casamento?

Aí tá dançano, tá dançano, tá dançano. Aí:

– Cê promete fazê o casamento, seu padre?

– Prometo, sim, faço casamento.

O pai da moça já falô aí:

– E o siô, iscrivão?

– Prometo de fazê o casamento.

– Intão pode cumeçá aí.

O iscrivão cumeçô a fazê o casamento. Chamô a moça. A moça disse que quiria casá. Fizero o casamento. Ah, moço, depois que o sacerdote fez esse casamento, aí foro fazê a festa lá do casório, num sabe? Mas foi tanta cumida, tanta bibida! Fogos? Nunca vi tanto. A cidade iscu-receu de fumaça de fogos nesse dia. Foi aquele festão medonho! Doces? Doce de leite. Nossa! Nunca vi tanto doce de leite. Intão tinha um pote de doce de leite lá, daquele ingasga-gato. Muito gostoso mesmo, né? Doce quentim, mas quentim mesmo, feito naquela hora. Eu falei:

– Eu vô levá um pote de doce de leite pos meu colega lá. A dona... cumé que chama? A dona... Ana Lúcia... Não! Antunieta. Eu vinha trazeno um pote, um pote de doce pra vocês.

Ês vão chegá lá em Turmalina, eu sei que ês vão chegá lá. Eu vô trazê um pote de doce quente pra ês, pra ês cumê um docim quente, igual ingasga-gato.

Transcrição de Carolina do Socorro Antunes e Sônia Queiroz, a partir de narrativa oral contada por Francisco Lourenço Borges, em Turmalina, 1987, gravada por Reinaldo Martiniano Marques.

Juãozim e a princesa

Tinh' um rei, antigamente tinh' um rei que tinha u'a filha, nasceu u'a filha co' um problema assim no corpo. Estilo d'um defeito físico, sabe? Então ela nasceu, a minina nasceu com... minina muito bunita, mas nasceu cum treis fios de cabelo assim no umbigo. Então, a intendente cortô o umbigo da minina, zelô da minina e o pai quiria que consumisse aquilo de jeito que ninguém percebesse que a minina nasceu daquela maneira, sabe? Um cabelo grande assim! Então ela, a intedente falô assim:

– Num pode desaparecê com isso, num pode 'rancá, tem que criá a minina com esses treis fio de cabelo. Criá ela, o que Deus faz, ninguém dismancha. Aí pode às vez num dá certo. Às vez cê vai puxá esse fi' de cabelo, arrancá, e pode dá um defeito, a minina morrê.

Então, lavava a minina e pegava os treis fio de cabelo 'sim, juntinhos e dava treis volta na cinturinha da minina e amarrava com u'a

fitinha branca. 'Sim, tem que amarrá com u'a fitinha branca por toda vida, não usá fita de ota cor. Só branca. A fitinha istreitinha, né? Então, e com muito zelo pa num machucá a minina, aquela fitinha.

Então a minina cresceu com aquele...

– Num é pra ninguém sabê que a minina nasceu desse jeito. Isso num pode saí. Se saí daqui eu, eu sei qu'é a partera que saiu com isso daqui. E o pai e a mãe num vai contá pra ninguém. E essa minina, quand'ela... de uma vez cê num qué que 'ranca isso e desapareça com isso, então essa minina é pra crescê, quando ela tivé moça já feita, que tivé no ponto de casá, ela só vai casá se o rapaz 'divinhá o que ela tem, vei' no nascimento dela.

Aí tá muito bem, né? A intendente falô:

– Num vô contá pra ninguém.

Se saísse era ela, que el' sabia qu' era ela, ia procurá matá ela, né? Então ela tinha medo, num contava.

A minina creô, depois de moça grande, ninguém em casa sabia, era só o pai, a mãe e a partera que sabia. Então, nem as colega dela num sabia. Aí, criô, sem ninguém sabê.

Depois da minina grande, já moça feita, tinha uma velha lá que criav' um minino que era neto dela, por nome de João, ês tratav' ele é Juãozinho.

Essa velha era riquíssima, velha. Tudo que esse minino quiria – era filho único da filha dela, né?, e pai e mãe morreu e a velha ficô criano o minino –, e tudo que esse minino quiria, a velha dava ele, fazia gosto do minino. Então, estudô o minino. O minino, tudo que pidia à velha, a velha dava. Tinha medo do minino sumi, disgostá e dexá ela sozinha. Ela tamém num tinha companhia não, era viúva, véia.

Era Juãozim pr' aqui, Juãozin pr' ali, era os deuses do céu da véia. Então de frente ao palácio desse rei, tinha uma lagoa, assim, u'a piscina, tipo du'a piscina 'sim, e muito bunita. E lá era onde o povo ia fazê hora, tinha um jardim e o povo ia fazê hora ali, descansá, tinha sombra, u'as árvore por lá. Então, o Juãozim um dia falô 'sim:

– Ô Dindinha, será que a senhora poderia me mandá fazê um barquinho pra mim? Mais a senhora pode num querê me dá, mais eu quero um barquim de oro.

Aí a véia falô 'sim:

– Quê isso, meu fio! Eu mando fazê procê o barquim de oro.

E mandô fazê um barquim de oro po minino. O minino saiu – minino não, já era rapazim já grande – ele saiu e foi brincá lá, num sabe?, um rapaz já feito, já a ponto de casá. Foi brincá e tinha u'as ideia de minino, e foi brincá com o barquim de oro lá nessa piscina. Tá lá brincano e quando a princesa viu ele brincano co'aquele barquinho lá,

puxan' ele com u'a correntinha fininha, de oro, sabe?, tá puxano. A véia tinha, as grana tava é cum ela mesmo, sabe? Intão, quando a moça viu, a moça gostô tanto de vê o barquim, mandô a impregada falá. Era as tais negra igual a otra, fofoqueira.

– Vai lá, fala co'aquele minino, aquele mocim lá, que traz aquel' barquim cá que eu quero vê o barquim.

Então ela mandô a nega lá chamá, a nega foi:

– A princesa mandô falá co' sinhô que é pro sinhô levá lá o barquim, qu'e'a, tá quereno vê o barquim. Ê' tá achano muito bunito e e'a qué vê e ela é fia do rei. Leva lá.

Ela falô assim:

– Fia de rei? Se eu dexá ela vai querê meu barquim e esse barquim num posso vendê nem dá não. Cê garante dela num propô querê comprá ou o que, ou intão me tomá ele?

– Não, não, num tem pirigo não, pode i lá mostrá ela.

Aí o rapazim saiu:

– Vão lá, vão dipressa.

Chegô lá, aí, a moça disse:

– Mas que gracinha!

Pegô o barquim, olhô.

– Mas que gracinha! Cê num vende não?

Ê' disse:

– Não, num vendo não. Isso foi minha avó que me deu. Dindinha que mandô fazê pra mim. Num posso vendê não.

– Pode dá o preço que você quisé, é porque m' interessô e papai pode pagá.

E o rapazim foi e falô assim:

– Bom, eu num tenho el' pra vendê, mas eu te dô el'. Num tem pra vendê e num tem pra dá, mas eu vô te dá el' nessas condições: é... se você num levá a mal comigo, num é por maldade qu'eu tô falano, mas se você num levá a mal, é... se ocê suspendê a ropa até no juei'... Se ocê subi o vistido até no juei', eu te dô ele.

Ela falô assim:

– Atrevido! Eu vô contá papai, viu? Sem-vergonha! Cachorro! Num faz proposta dessa cumigo! Que dia cê já viu falá isso pu'a fia d' um rei? Cachorro!

Ele:

– Então dê cá meu barquim, x' eu i 'mbora, qu' ele é meu.

Aí a nega já tava coçano a cabeça:

– Ô, diaba, 'riba, diaba, 'riba! Se foss' eu já tinha 'ribado. Ô 'riba, que que tem? Ninguém vai contá seu pai.

A nega muito assanhada, num sabe?

– Cê tá doida? Num pode u’á coisa dessa. Que absurdo! Fazê isso?
– Ah, cum’ é qu’ ocê é boba `sim? Eu num vô contá, ele num vai contá, cê num vai contá. Ninguém! O que que tem? O que que tem isso?
`Riba, boba, `riba!
Aí:
– Mas, num pode não, nega. Cê num tá veno?
Já doida quereno `ribá, pa passá a mão no barquim, num sabe?
Aí ele:
– Xô i `mbora. Xô i `mbora.
Ela já pegô no barquim.
– Vem cá, moço! Vem cá comigo, `xô vê o barquim aqui ó!
– Então, moça, suspende a ropa até no juei qu’ eu te dô o barquim!
– Óia lá, fé da puta, mais se cê contá, eu te mato, viu?
E foi suspendeno a ropa até no juei’, num sabe? Prendeno o vestido, até no juei’, num sabe? E ele oiô, num viu nada, né? Falô:
– É, perdi meu barquim.
Saiu e foi `mbora. Saiu e foi `mbora e ela vap no barquim.
O rapazim chegô lá chorano. A vó dele:
– Que que é, Juãozim? Que que é, meu fio, que cê tem que tá chorano?

– Ah, Dindinha, eu perdi meu barquim lá, na piscina. Num sei como foi lá, meu barquim desapareceu. Num houve mei’ que eu encontrasse.
Mintiu pa véia, né? E chorano.
– Ah, meu filho, dexa de bobage. Eu mando fazê otro pa você.
– Ah, mais eu num quero de oro não. Eu agora eu quero é um de prata.
A velha foi e mandô fazê um barquim de prata, todo enfeitado de brilhante, lá em roda. Aí fez e deu pra ele. No otro dia, sai Juãozim pa i brincá lá. Tudo que a véia quiria, na mesma hora e’a cunsguia. Juãozim saiu pa brincá lá na piscina com o barquim de prata.
Aí, quando a moça viu, a nega falô `sim:
– Óia, óia, óia, óia! Óia, óia, é oto mais bunito! Oto mais bunito!
– Vai lá falá co’ ele que traz o barquim cá pa mim vê.
Aí:
– A princesa mandô falá...
– Esse aqui num é aquele de ontem não, que saiu assim, sem mais sem menos, viu? Né assim não, viu? Pó até i lá pegá e falá co’ ela.
– Não, mais leva lá, é a fia do rei, óia lá, hein?, vai corrê pirigo po seu lado. Vai, leva e mostra. Ela num vai querê não, é só pa vê.
O rapazim le vai. Chega lá:
– Ó aqui ó, o barquim.

– Quant' é que é o barquim? Quanto... dá o preço do barquim.
– Eu num posso vendê el' não. Eu já minti pa Dindinha que eu tinha perdido esse de oro, e agora eu vô... o de prata, né? Ela, só gastano, eu perdê, num dá não.
– Não! Dá o preço! Fala o preço aí do barquim, moço! Pode falá, papai pode pagá. Tem dinheiro.
– Nas mesma condição do de ontem. Se ocê... Posso te dá ele, mais naque'as condições. É, se você, se você suspendê a roupa até no mei' assim das coxa, eu te dô o barquim.
– Ô desgraçado! Vem pra cá co'essas proposta sem-vergonha! Vem pra cá! Cê é muito é sem-vergonha, viu? Cachorro!
– Então me dá cá meu barquim, 'xô i 'mbora.
Aí, quando ele ia saí:
– Não, vem cá moço, vem cá!
A nega muito chegada, ela pegava, a nega suspendia a roupa dela, como quem era ela qu' era pa suspendê.
– Uh, se fosse eu, já tinha 'ribado! Se fosse eu já tinha 'ribado! O que que tem? Eu num vô contá seu pai, num vô contá sua mãe, ele num é doido pa contá que ele vai morto, cê num vai contá. Que que tem? Fica só entre nós três aqui. 'Riba, boba!
– Cê tá veno que num pode, sem-vergonha, num pode não!

Aí, doída pelo barquim, né?
– Ó moço, dá o preço do barquim.
– Ah, pegá meu barquim, xô imbora.
– Vem cá, vem cá, num leva não.
– Então, 'riba logo a roupa. Que que tem? Eu num vô. Num é proposta... a num sê essa não. É só, é só porque eu quero vê suas perna.
E ele doido quereno vê o que que ela tinha de segredo, né? Ela foi, suspendeu a roupa até aqui mesmo. Juãozim falô:
– Lovado seja Deus! Ond' é qu' eu vim. O qu' é qu' eu vim cherá aqui? Agora, chegá lá, cumé qu' eu vô falá pa Dindinha? Dindinha vai me batê.
Chegô lá num pranto de choro. A Dindinha:
– É, perdeu 'tra vez, né?
– Ah, Dindinha, parece que foi 'té robado, eu nem sei... nem sei. Num sei, eu discuidei lá um momentim, desapareceu.
– Ê, meu fio, mas cê, desse jeito cê me põe pobre. Assim num dá, né? Ah, num chora não, meu fio, eu vô mandá fazê oto.
Aí mandô fazê oto barquinho lá de oro, e todo enfeitado de prata, chei' de brilhante, num sei o que mais, é, rubis, mais aquilo. Infeitô esse barquinho todo, falô:

– Vai. Olha lá, num vai perdê não, meu fio. Dinhero num tá fácil, não. Vê qu’ eu sô viúva.

– Ah, num dexo perdê não, Dindinha.

Ele doido pa mostrá pa moça, né? Chega lá, com poco evém a tal fofoquera:

– Mandô falá pocê levá lá, ela qué vê, ela qué vê.

– É... desse jeito, a vaca vai po brejo. Eu vô lá mostrá pa ela. Mas hoje eu discubro, hoje eu discubro. Num resta dúvida. Tem fé em Deus, eu discubro que segredo que tem no corpo dessa moça. Eu vô casá com ela, num resta dúvida.

A moça já tava doida quereno qu’ ele descubrisse o segredo pa pudê casá com ela, num sabe? Ela já tava doidinha. Aí, mais tinha vergonha, né? Era tímida, num... é, antigamente num é igual hoje. Que hoje o povo nem tá sumano com nada. Nem tá ligano pa nada. Vê tudo e nem liga. Então, parece tudo é comum.

Então, chega lá, o rapaz falô `sim:

– Ó, é a mesma proposta. Se ocê quisé eu te dô o barquinho. Mais hoje é `sim: você vai tê que suspendê a ropa até no pescoço.

Ele falô: “Que né possive que do pescoço pa cima num tá o segredo.” Então:

– Mas já vem ocê com as tais proposta, né?

– Óia, eu num vô contá seu pai, num vô contá sua mãe, num vô contá pa ninguém e num quero nada a num sê somente vê o seu corpo. Num vô contá pra ninguém. Fica entre Deus e nós. Agora, se a nega, se saí, vai sê essa nega aí... Eu num vô contá.

A moça foi pegô falô assim: “Pois eu vô casá com esse demônio desse rapaz. Num resta du’da.” Ela já tava gostano dele. “Qué sabê? Eu vô suspendê a ropa.” Falô:

– Óia lá, mas óia lá meu nome, hein? Cuidado.

– Não, que isso? Que isso? Fica só entre nós treis.

Pegô o vistido, troxe até cá no pescoço. Quando ele olhô, reparô bem, falô: “Bom, é só isso.” Saiu, foi `mbora.

Chegô lá, a véia:

– Vai, cadê o barquinho?

– Ah, Dindinha, eu vô contá pa senhora. Aquele de antonte eu num perdi, o de onti eu num perdi e o de hoje tamém eu num perdi. Sabe o que aconteceu? O segredo da fia do rei. Descubri. A moça quereno comprá na minha mão, eu fazia uma proposta. Aqui pra nós, Dindinha, mas óia lá, Dindinha, num é pa saí, não. Eu vô me casá com ela. Agora mes’ eu vô lá falá com o rei. Eu vim cá só pa falá c’a sinhora, eu vô casá c’a fia do rei. Eu discubri, e contô pa véia o caso.

E um dos escravo do rei tava atrás da parede escutano, sabe? E ele contano mei' alto, num sabe? E a véia:

- Fala baxo, meu fio, que mato tem oio, parede tem ovido.

O nego escutô e ó, correu. Chegô lá:

- Ô, sinhô, eu discubri o segredo da sua fia.

- Uai, negro, você discubriu?

- É, eu sei, eu sei o segredo da sua fia.

- Qualé o segredo dela, nego? Entra pra cá, entra pa cá.

Aí chamô o nego, pôs u'a cadeira, o nego sentô, cruzô aquês per-não, perna cinzenta de puera, aquês dedão aberto, chei' de bicho de porco, balançano os dedão.

- O segredo dela é isso: a sua fia nasceu com treis fi' de cabelo no umbigo, inrolado na cintura e marrado c'uma fitinha branca.

O rei foi, oiô pra ele, falô: "Louvado seja Deus! Palavra de rei num volta atrás, eu vô tê que dexá minha filha casá c'um escravo? Louvado seja Deus! Num tem recurso, agora o jeito é dexá." Falô:

- Eh, nego, cê `divinhô. Parece que `divinhô. Se num tivé, se num tivé algum... que cum que nesse meio, nego, ah, meu Deus do céu!, cumé que cê sabe disso, nego?

- Eh, fui eu que sonhei. Eu vi em sonho.

O rei falô:

- É, se a porca num torcê o cabo, cê tá divinhano ô quereno adivinhá.

Ma' inda ficô `sim... quereno se saí do nego. Aí, cum poco o nego foi saíno, na mesma hora foi chegano o Juãozim. Quando o rei saiu, falô `sim:

- Que que ocê deseja, Joãozim?

- Eu vim cá contá po sinhô o segredo da sua filha.

- Qual é o segredo da minha filha?

Ele num falô que o nego já tinha falado não.

- Ah, o segredo da sua filha é isso: nasceu com treis fio de cabelo no umbigo, enrolado na cintura e com uma fitinha branca amarrada. Assim, na cintura dela, uma fitinha estreita.

Aí o rei falô `sim:

- Tá muito bem, agora, só que um nego vei' aqui e eu tô até duvidano. Cê num contô isso pra ninguém não?

Ele disse:

- Não, a não sê pra Dindinha... eu contei pra minha Dindinha, e a Dindinha falô que eu pudesse vim. E aquele que num `divinhasse ia morto, né?, que tentasse `divinhá e num falasse certo, tinha que matá.

Aí, ele foi falô `sim:

– É, Juãozim, tá certo, mas o nego saiu daqui agora, o negro veí e contô isso mesmo. Ocê num falô pa ninguém não?

– Só falei pra Dindinha qu’ eu vinha cá pa pidi em casamento sua fia.

Aí, apertô o nego:

– Cê num iscutô, não?, ele falano o segredo da minha fia?

– Não, num iscutei não.

Aí:

– Ó, eu vô fazê uma análise aí, vê cum’ é que nós vão resolvê esse problema. Problema seu tá mei’ difícil. Esse nego, deve tê quarqué coisa aí entre você e Juãozim, né?

Aí ele mandô chamá a puliça, contô o caso. A puliça falô `sim:

– Óia, sabe que que nós vão fazê? Ocê vai prepará treis camas, uma da moça, assim no meio, a do Juãozim d’um lado, e a do nego seu escravo do oto e vai botá os treis ali pa durmi, põe vigia lá. Num vai acordá nem Juãozim, nem o nego. Aquela a quem ela vai sê deitada virada a frente pro lado dele, da cama dele, é aquele que vai casá com ela.

– Está muito bem. Boa ideia você teve, porque aí ninguém vai sabê `divinhá qualé que `divinhô. Todos dois no mesmo instante? Quantos

anos tem isso e ninguém nunca `divinhô, pros dois chegá no mesmo instante e contá assim? Certo?

– E é esse mesmo o segredo?

Ele falô:

– É esse mesmo.

– Então faz assim.

Então o rei foi mandô prepará lá treis cama no quarto, pôs o vigia lá e falô:

–Óia, aquela a quem ela `manhicê com a frente virada po lado da cama dele é que vai casá com ela.

Aí mandô prepará o jantar lá e a festa do casamento e cunvidô o povo todo, num sabe?, cidade, pra i jantá lá. E esse nego intestô, mais cumeu, mais cumeu pa valê. Então, o andu, cumo diz... Aí, então, Juãozim num quis cumê, num quis jantá. Eles prepararo muita coisa lá cherosa, muita cebola, isso mais aquilo, cumida pa fazê mal.

O Juãozim foi na casa dele e falô `sim:

– Dindinha, pois o nego deve tê iscutado eu contano pa sinhora aqui atrás da parede. Porque o nego foi na minha frente, e contô pro rei, mais o rei astuciô fazê isso: treis camas numa sala lá, aquele a quem ela amanhicê com a frente po lado da cama dele é que vai casá com a

moça, pa num dá cunfusão pa ninguém, senão vai virá um e num causá revorogo aí na cidade.

– Muito bem, meu fio.

Falô `sim:

– Ó, Dindinha, a sinhora vai prepará um bolo pra mim, aquele, Dindinha, um bolim de saravá. Porque eu tô co’ medo de morrê e ele foi primeiro, eu tô co’ medo dela manhicê com a frente virada po lado da cama dele e o rei mandá me matá.

– Ah, num tem pirigo não.

Mandô prepará um bolo de saravá daquele lá.

– Eu quero um bolo bem cheroso, Dindinha. Um bolo muito e muito cheroso mes’.

– Tá muito bem, Joãozinho eu vô prepará o bolo.

A véia pegô... Então mandô prepará o bolo, num sabe? E um bolo perfumado, muito cheroso, muito gostoso, num sabe?

Aí falô `sim:

– Senhora arranja um canivetim aí pra mim parti esse bolo. A sinhora manda lá no terrero lá, prepará esse canivete, senão eu vô morrê.

A velha foi e mandô prepará o canivete. Quando foi, ês deitaro, num sabe? Tinha que deitá todo mundo papo pro ar, num sabe? E quando

foi assim, ela durmiu um sono, quando ela acordô, ela tava assim meia tensa po lado da cama do nego. Dormino po lado da cama do nego. Aí, Juãozim já tava morreno de medo, num sabe?, de morrê, matado. “Ele num `divinhô nada, eu que `divinhei, e ele escutô atrás da parede.” Aí, quando foi lá p’ essas meia-noite afora, Juãozim deu vontade de cumê. Aí, ele foi, pegô o canivete, abriu o canivete e perguntô assim pro guarda que tava lá assim:

– Tem urinolo aqui?

Ele disse:

– Tem sim, embaixo da cama, pux’ ele aí.

Aí ele foi, puxô o urinol, falô:

– Faz favô de `pagá essa luz aí um minutinho aí pra mim.

‘Pagô a luz. Ele puxo, raaap, puxô o urinol, fez de conta que ia fazê o prciso no urinol, sabe?, levô a faca nesse bolo. Quando partiu, mais esse bolo rescendeu o quarto todo. Mas aquele chero mais gostoso do mundo, sabe? E Juãozim tá ali cumeno, sabe? Cumeno bolo. Aí, quando a moça escutô ele mastigano...

– Faz favô `cendê essa luz dipress’ `i pra mim?

O moço `cendeu a luz dipressa, quando `cendeu, era o Juãozim cumeno o bolo. Falô `sim:

– Me dá um pedaço dessa obra sua `i. Que obra mais cherosa!

Ela cunheceu que era um bolo, sabe?

– Que obra mais cherosa! Me dá um pedacim da sua obr’ aí.

Ele pau no pedacim do bolo saravá, deu ela, ela cumeu, aí já gamô com ele, sabe? Já gamô com ele.

Já virô as costa pr’ esse nego e ficô virada com a frente po lado da cama de Juãozim, sabe? O nego ficô `ciumando, o nego ficô `ciumando. E aí ês cumero, Juãozinho pegô o restante do bolo, guardô, com poco o nego, a barriga do nego tá assim: pererê, pererê... Tinha cumido muita carne `cebolada. Aí cum poco ele falô:

– É, ela pidiu da obra dele, eu vô oferecê um poquim da obra.

`Paga essa luz aí pra mim!

Aí o moço `pagô a luz.

– Ond’ é qu’ é o urinol aqui?

Aí...

– Deve tá debaxo da cama.

Ele foi lá: raaaaap... debaxo desse urinol e... tatatata... Incheu esse urinol.

– Cê qué um tantinzim da obra não?

– Ocê acha qu’ eu vô cumê u’a obra dessa? Filho du’a puta! Eu vô cumê u’a porquera dessa? Sem-vergonha! Vai... consome esse trem daqui!

Aí, o militar que tava lá falô:

– Ó, cê consome esse trem logo daí, que tá fedendo demais aqui!

Ele foi jogá aquilo fora. Aí, quando foi noutro dia, a moça `manheceu deitada virada pro lado da cama do Juãozinho. Juãozinho todo sorridente lá, eles bateno papo, num sabe? Aí, quando o véio chegô, chegô, falô:

– É qualé dos moço?

Aí o militar falô `sim:

– É o Juãozinho... que vai casá.

Aí, falô:

– Pode levantá. Pega esse nego e leva, dá u’a cossa nele.

Pegô esse nego:

– Agora cê vai conta cum’ é que foi qu’ ocê discubriu esse negócio.

Sem-vergonha!

Quando deu u’as duas puxada nele, num sabe?

– Foi eu qu’ iscutei Juãozinho contano a vó dele. Num bate mais não, meu fio.

Lelep...

Juãozinho:

– Vai, vai mais! Busca lá... Lev’ ele pra fora! Vai buscá, vai, busca o revolve, atira nesse demônio, consome ele daqui!

Esse nego `rancô da mão desse militar. Voô na janela, era terceiro andar, num sabe?, tinha um angaime de capado lá embaixo, num sabe? Quando esse nego voô nessa janela lá, que pulô lá imbaxo, no mei' dessa capadaria, os capado tava tudo deitado, no mei', eles levantô tudo assustado: hum! hum! hum!

– Né um não, bobo, é dois! É dois!

Era dois militar, num sabe? Era dois soldado, e cada um quiria batê mais, num sabe?

– Né um não, é dois, é dois.

E saiu correno, moço, e tá infiano lá dibaxo do porão. Teia de aranha tava assim ó. Aí eles caça o nego daqui, caça o nego dali, o nego tá infiado lá dibaxo do porão. Num acharo o nego não. Aí foro prepará o casamento do Juãozinho. Aí fizero aquele casamento. É tanta cumida, tanta bebida, nossa! Biscoito nunca vi, biscoito de toda espécie. E o tal doce... Eu ia trazeno o doce procês, uai, quando cheg' aqui, chega no mei' da istrada, tinha um tal de Zé Macedo aí e tal, falô:

– Ô Chico, me dá um poquim desse doce!

Falei:

– Num dô. Num dô não. Eu vô contá lá pros meus colega. Vô contá a história pra eles e dá o doce, o doce da festa pr' eles cumê. Só qu' ele

foi, infiô o dedo, eu taquei o pote de doce na testa, num sabe? O beijo im vez de fazê assim, fez assim. Pelô, fez aquele caminho...

Transcrição de Ana Elisa Ferreira Ribeiro, a partir de narrativa oral contada por Francisco Lourenço Borges, em Turmalina, 1987, gravada por Reinaldo Martiniano Marques.

Juãozim e Pena Verde

Diz que tinha um casal que tinha três filhas: uma por nome Pena Verde, uma por nome Pena Amarela, e a outra por nome Pena Azul. E diz que Pena Verde era a mais bonita que tinha das três irmãs. Aí que certos tempo, chegou um rapaz na casa desse povo, por nome Juãozim. Aí que ele ficou por ali, ficou mais esse, ficou com esse, ficou, ficou, e namorou com Pena Verde escondido. Quando foi um dia, ele perdeu a mão de Pena Verde em casamento. Aí, o vó falou com ele que ele casava com Pena Verde, mas depois que ele fizesse um serviço pra ele.

E a madrinha de Pena Verde diz que era Nossa Senhora, e a vó mãe de Pena Verde diz que era feiticeira. Aí, o vó marcou uma roça pro Juãozim roçar, quemá, plantá e dá ele os mantimentos tudo num dia só, coitado, e deu pra ele um machado de metal. Ele falou: "Minha Nossa Senhora!" O que é que ele vai fazer?

Diz que ele foi p' essa roça, fazê essa roça. Aí, quando ele deu a primera machadada na plantação, diz que o machadim virô o corte lá po lado do cabo. Ele pegô um facão e disintortô o machadim. Aí ele foi e largô pra lá, falô: "Ah! Eu num consigo não..." Dexô e sentô dibaxo du'a moita. Aí diz que Pena Verde chegô co' o almoço pra ele, falô:

– Mas Juãozim, Juãozim, cê num já fez nada!

Aí ele falô assim:

– Mas comé que faz, Pena Verde, cê qué vê?

Aí foi lá, deu ota machadada, o machadim virô. Ela falô assim:

– Ó, deita. Come e deita aqui – no colo dela – e vai durmi.

Aí que ele cumeu a cumida, deitô e `garrô no sono. Aí ela `cordô ele, quando ela `cordô ele, os mantimento tava tudo separado, culhido, tudo quanto é qualidade de mantimento. Aí ela voltô e foi imborá, e ele ficô lá. Ficô, ficô, ficô, quan' foi iscreceno ele vei' `mbora. Falô com o véi':

– Ô véi', a impreitada tá pronta.

Aí o véi' foi lá vê, tava pronta. Era treis impreitada. Aí ele falô assim:

– Ó, a sigunda impreitada: cê vai naquel' tanque, tira a água daquele tanque toda cum dedal, separa tudo quant' é qualidade de pexe.

Diz que ele chegô e meteu o didal nesse tanque: só tirano água, só tirano água, só tirano água... Quando Pena Verde chegô, ele nu' `inda tinha tirado duas lata d'água do tanque. Aí que ela falô:

– Mas Juãozim, Juãozim, cê ainda tá desse jeito!

Aí que ele falô:

– Com' é que num tá, Pena Verde?! Pois num dá rendimento não.

Aí que ela falô assim:

– Come e deita – no colo dela.

Aí ele cumeu, deitô no colo dela. Quando ele assustô, os pexe tava tudo separado as qualidade. Aí ela vei' `mbora. Aí a véia, dibaxo da casa – e Pena Verde chegô – a véia ficô assim meia disconfiada com Pena Verde. Quan' foi iscreceno, ele chego, falô:

– Pronto, véi', tá pronta a empreitada.

Quan' foi de noite, a véia falô assim:

– Ô véi', isso é sirviço de Pena Verde.

Aí o véi' falô:

– Vô vê se é sirviço dela. E de noite, é amanhã, ela num vai levá cumida pra ele, ele tem que cumê aqui. Eu vô mandá ele juntá os animale da fazenda tudo, e dá ele aquele burro preto pra muntá.

Quan' foi de noite, ela foi no quarto de Juãozim e falô assim:

– Ô Juãozinho, ó: meu pai vai mandá cê muntá num burrim preto, pa juntá tudo quant’ é qualidade de animal que tivê na fazenda: cego, alejado, são, doente... E o burrim vai sê meu pai, e minha mãe vai fazê do meu pai o capeta. E ocê bate no meu pai pra valê, cê po’ batê nele de laço e de pau, até ele urrá treis veze. À hora que ele urrá treis veiz ele `caba o incanto.

E o burro era cego, do jeito do véi’. Aí já sábia, quan’ foi cedo ele pegô esse burrim preto, arriô e muntô, diz que o burrim saiu saltano co’ ele tudo quanto era chapada, e saltava. E diz que ele meteu a laça nele, meteu a laça nele, meteu a laça nele, até esse burrinho urrô. Urrô treis veze, o burrim já num tava `guentano subi os topo, cançado. Aí ele juntô tudo quanto foi animal e pôs no curral. Aí Pena Verde falô cum ele, falô assim:

– Ô Juãozim, minha mãe num vai dexá nós fugi, num vai dexá nós casá não. Eu vô fazê treis boneca, vô cuspi na boca das treis boneca, e nós vai fugi meia noite. Cê vai lá na manga de madrugada, pega o cavalo mais magro que tivê e traz.

Tinha um cavalo por nome de Ventania e tinha otro por nome Relâmpago. O Ventania era o gordo, Relâmpago era o magrim. Aí ele foi. Chegô lá, diz que incontrô os dois cavalo, um magrinho e o gordo, ele

falô assim: “Esse seco num `guenta nós. Esse seco num `guenta nós dois não, vô pegá esse gordo.” E pegô o tal de Ventania. Aí ele falô:

– Eu truxe o cavalo, Pena Verde.

Quando ela foi vê, falô:

– Ô, Juãozim, num era esse não, era Relâmpa’, era o mais magro.

Mas cê já troxe esse, vão `bora.

Aí ela foi e `panhô treis dedal de sal, treis dedal de alfinete e treis dedal de cinza. Falô:

– Vão `bora, Juãozim.

Aí que eles muntaro nesse cavalo e foi `mbora. Quan’ foi bem mais tarde da noite, e a véia falô assim:

– Véi’, véi’, Pena Verde num tá aí não.

Aí o véi’:

– Dexa de sê besta, muié! Quando é que Pena Verde sai uma hora dessa? Ela nunca saiu.

Aí diz que ele chamô:

– Pena Amarela!

A moça respondeu:

– Sinhô, meu pai!

– Pena Azul!

– Sinhô, meu pai!

– Pena Verde!

Uma bonequinha respondeu:

– Sinhô, meu pai!

Aí Pena Verde pôs o ouvido no chão, falô assim:

– Ô Juãozim, minha mãe já fez uma boneca falá, só tem duas.

Vão `bora.

E eles rompero, rompero, rompero, muntado nesse cavalo. Quan’

foi mais tarde, a véia tornô a falá:

– Véi’, véi’, Pena Verde num tá aí não.

Aí o véi’ tornô a chamá:

– Pena Amarela.

– Sinhô, meu pai.

– Pena Azul.

– Sinhô, meu pai.

– Pena Verde.

A ota bonequinha:

– Sinhô, meu pai!

Ficô uma. El’ vai, el’ vai, el’ vai, ele vai, ele vai, el’ vai... Aí a véia

tornô a falá:

– Véi’, véi’, Pena Verde num tá aí não.

O véi’ tornô a chamá as moça:

– Pena Amarela.

– Sinhô, meu pai.

– Pena Azul.

– Sinhô, meu pai.

– Pena Verde.

A ota bonequinha:

– Sinhô, meu pai.

Rompero. Quan’ foi o dia já `manhiceno, a véia:

– Véi’, véi’, Pena Verde num tá aí não...

Aí o véi’ pôs a boca no mundo:

– Pena Amarela!

– Sinhô, meu pai!

– Pena Azul.

– Sinhô, meu pai.

– Pena Verde.

Nada. Tornô a chamá Pena Verde, nada. Chamô treis vez, Pena Verde num respondeu. Aí a véia falô assim:

– Ela fugiu cum Juãozim. Pega o cavalo e vai atrás.

Aí o véi’ foi na manga e pegô o Relâmpago. E foi imbora atrás de Pena Verde. El’ vai, el’ vai, el’ vai, el’ vai, el’ vai, el’ vai... Aí Pena Verde pôs o ovido no chão, falô:

– Ô, Juãozim, evém meu pai. Mas faz isso: eu viro a Santa, cê vira o padre, e o cavalo vira a igreja. Meu pai passa perguntano por nós, cê fala: “Dobra os ouvido, pra casamento é mil réis, batizado é tostão”.

Aí ele virô o padre, e a igreja, e a Santa. Aí o véi’ chegô, falô:

– Ô Seu Vigário, sinhô num viu passano uma moça aqui mais um rapaz muntado num cavalo assim, assim e assim não?

Ele falô assim:

– Dobre os ouvidos, pra casamento é mil réis, batizado é tostão.

Ele falô assim:

– Não sinhô. Ele num tá nem casano nem batizano não. Ele tá perguntano se o sinhô num viu uma moça passá aqui mais um rapaz.

Juãozim tornô a respondê:

– Dobre os ouvidos, pra casamento é mil réis, batizado é tostão.

Aí ele voltô, o véi’ voltô. Chegô em casa:

– Cadê, véi’?

Aí o véi’ falô:

– Ora, véia, eu perguntei um padre se eles num viu Pena Verde passá lá mais Juãozim, o padre me respondeu que: “Dobre os ouvidos, pra casamento é mil réis, batizado é tostão”.

Aí a véia falô assim:

– Ô, o padre era Juãozim, a igreja era o cavalo, e a Santa era Pena Verde. Vai atrás.

Aí o véi’ voltô. Quan’ tava pega-num-pega, Pena Verde falô assim:

– Ô Juãozim: eu viro a rosa, Ventania vira o pé-da-rosa e ocê vira o beija-flor. E ocê num dexa meu pai passá não. Se ele vim pa passá, cê pinica ele.

Aí, na mema da hora, virô esses bicho. E evém o véi’, que evém danado muntado ne Relâmpago. E Juãozim pinican’ esse véi’, pinican’ esse véi’, o véi’ risistiu até ele acertô o ôi do véi. Furô o ôi do véi’, o véi’ voltô.

Aí a véia:

– Cadê, véi’?!

Aí ele zangô:

– Ora “Cadê, véi’!” Olha a situação que ele tá: cego.

Aí ela falô assim:

– Quem te cegô foi Juãozim. Quem vai atrás deles agora é ieu.

Aí a véia passô a perna nesse cavalo e foi, atrás de Juãozim. Aí Pena Verde pôs o ouvido no chão e falô assim:

– Eh, Juãozim, quem vem atrás de nós agora é minha mãe, e minha mãe é dura! Mas vão `bora.

Aí, quan' tava pega-num-pegas, diz que Pena Verde jugô o dedal de cinza, e só virô aquele fumacero no mundo, num via nada. Diz que essa véia foi tentano, foi tentano, foi tentano, foi tentano, até que conseguiu passá. Aí Pena Verde falô:

– Juãozim, minha mãe passô, ma' vão `bora.

Rompeu, rompeu, rompeu... Quan' tava pega-num-pegas, diz que ela jogô o dedal de alfinete. Virô só ispinho, e nem pensamento passava. Aí diz que essa véia socô esse cavalo em cima, el' vai, el' vai, el' vai... el' vai até conseguiu passá de novo. Aí ela falô:

– Eh, Juãozim, só tem o sal. Mas de Deus virá um remédio. Vão `bora.

Aí quando a velha tava pega-num-pegas com eles, diz que ela jugô o dedalzim de sal. Virô aquela água sem fim. Diz que a véia socava esse cavalo pa passá até no mei', voltava. Tentô treis veiz, num conseguiu passá, aí ela sentô em cima du'a pedra, e falô assim:

– Eh, Juãozim, pode sentá aí que minha mãe num passa mais não.

Aí que a véia falô com Pena Verde:

– Eh, Pena Verde, assim como cê perdeu o amor dela, um dia cê há de perdê o de Juãozim também.

Aqui memo ela voltô, e Pena Verde siguiu mais Juãozim. Chegô lá `diante, Juãozim, muito saído, causa que Pena Verde era muito bonita, falô pa Pena Verde:

– Agora cê fica aí em cima dessa peda. Eu vô na cidade buscá uma carruagem, um vistuário procê. E cê num pode apresentá pra minha mãe desse jeito não.

Aí diz que Pena Verde falô:

– Ô Juãozim, ó, mas cê tem cuidado, cê num dexa ninguém seu te bejá nem do lado direito e nem do esquerdo. E nem gente istranha também.

Aí que ele falô:

– Tá certo.

Aí que Juãozim foi, tinha muitos anos que Juãozin tinha desaparecido da cidade. Aí que um pega Juãozim daqui, pega Juãozim dacolá, ele tirano o povo dum lado, tirano o povo do oto, diz que veí' uma namorada dele que ele dexô, e abraçô ele e bejô ele: ele isqueceu de Pena Verde, nem alembrava de Pena Verde mais. E ficô, ficô, ficô, ficô, e todo mundo conhicia Juãozim. Ficô Juãozim tempos e Pena Verde isperano por ele.

Aí Juãozim já tinha tratado casamento, com a outra moça. Aí Pena Verde foi e desceu pa cidade, Pena Verde foi e desceu pa cidade. Aí que ia passano um moço c' um papagaio, Pena Verde foi e comprô o papagaio

e foi nu'a sapataria, mandô o sapatero fazê pra ela um chicote e um nego bem grande de cera. O sapatero falô:

– Pra que a sinhora qué?

Ela falô assim:

– Não. Puque eu só insino pass'ô verde falá cum nego de cera e chicote.

Aí diz que fez o chicote pra ela e o negão de cera. Aí que ela rompeu. Chegô n'ota rua, ela falô assim:

– Ó, o sinhô sabe informá ond' é que mora um Juãozim, que há muito tempo desapareceu daqui da cidade? Ele tava trabalhano po pai dela, e ele vei' mbora sem o pai dela acertá cum ele. E o meu pai mandô eu vim trazê um dinhero agora pra ele, e ele vei' mbora sem ele recebê o pagamento.

Aí o moço falô assim:

– Sei, ele vai até casado, já treis dias.

Aí que ela falô:

– O siô pode me levá lá?

Diz que ele falô:

– Posso.

Mandô um meninozinho levá.

Aí, diz que levô Pena Verde na casa do próprio Juãozim. Chegô lá, tava ele sentado mais a noiva dele, aí que ela falô assim:

– O sinhô dá licença eu pô meu papagaio pa falá?

Diz que a namorada dele falô assim:

– Pode pô, que ele gosta muito de vê papagai' falá.

E diz que Pena Verde foi e falô assim:

– Ô, papagai', ocê alembra daquela veiz que ocê pidiu o casamento po meu pai, meu pai falô comigo que ocê só casava comigo depois que ocê fazesse treis impreitada pra ele?

Aí diz que o papagai' véi' pensô e falô assim:

– Não me lembro, não me lembro...

Aí diz que ela meteu o chicote no negão de cera. Aí ela falô assim:

– Ora, papagaio, mas cê alembra da vez que meu pai mandô ocê fazê a roça, eu cheguei lá, ocê num deve tê derrubado nenhum pé de pau, eu levei sua cumida, mandei cê cumê, deitá ne meu colo, quando cê levantô os mantimento tava tudo coído?

Ele falô assim:

– Não. Não me lembro, não me lembro...

Aí ela falô assim – e ela meteu o chicote no nego –, ela falô:

– Mas, ô, papagai', mas cê alembra da vez que meu pai mandô ocê tirá água do tanque todinha cum dedal, separá tudo quanto é qualidade

de peixe, quando eu cheguei lá cê num 'inda tinha feito nada? Cheguei, cê cumeu, durmiu, quando cê acordô os trem já tava tudo no jeito?

– Não me lembro, não me lembro...

Ela, chicote no nego. Ela falô:

– Ô, papagaio, mas cê alembra da última impreitada? Eu avisei procê, falei: “Ô papagaio, cê vai muntá ne meu pai, que é procê fazê assim, assim e assim, até meu pai urrá treis vezes?” E Juãozim mais a noiva incostado, iscutano, e rino...

Aí que ele falô assim:

– Não me lembro, não me lembro, não me lembro.

Aí ela falô:

– Ô, papagaio, mas cê alembra o dia que foi pra nós fugi, eu mandei cê pegá o cavalo mais magro que tinha, cê foi e pegô o mais gordo? Meu pai vei' atrás de nós, ocê virô o padre, eu virei a Santa, o cavalo virô a igreja... meu pai perguntô por nós, cê falô: “Dobre os ouvi-dos, pra casamento é mil réis, batizado é tostão”?

Ele falô assim:

– Não me lembro, não me lembro...

E ela, chicote no nego, chicote no nego. Ela falô assim:

– Ô papagaio, mas cê alembra a última vez que meu pai vei' atrás de nós: eu virei a rosa, ocê virô o beija-flor, e o cavalo virô o pé-da-rosa? Cê pelejô, até furô o ôi do meu pai?

Aí que ele falô assim:

– Não me lembro, não me lembro, não me lembro...

Ela pensô, dexô ele discansá um poquinho... ficô, ficô, ficô... Aí ela bateu nele, no negão, tornô a batê no nego de cera. Aí falô:

– Mas, ô papagaio, cê alembra que minha mãe vei' atrás de nós, eu joguei o dedal de cinza, minha mãe passô; joguei o dedal de alfinete, minha mãe passô; joguei o dedal de sal, minha mãe num passô, voltô pra trás e falô que assim como eu perdi o amor dela, um dia cê ia perdê o meu também?

Diz que esse papagai' ficô foi horas pa respondê. Ficô, ficô, ficô, ficô... aí ela falô:

– Hein, papagaio, cê alembra?

Mas o papagai' sacudiu a cabeça e falô assim:

– Tô quase me alembro, tô quase me alembro...

Aí ela bateu no negão drobado do que ela tava bateno. Nessa hora que ela bateu nele, que o papagaio falô que lembrava, Juãozim já 'fastô um poquim da moça, dize que já num ficô mais perto da moça.

Aí ela falô:

– Ô papagai', mas cê alembra que ocê me dexô em cima du'a pedra e falô pra mim: "Ô Pena Verde, cê fica aí que eu vô buscá uma carruage, um vistuário procê, que cê num pode apresentá meu povo desse jeito", que eu falei assim: "Ô, papagaio, ocê num dexa ninguém seu te abraçá e nem te beijá nem do lado direito e nem do isquerdo?"

Diz que o papagai', o papagai' pensô, pensô, pensô... Aí que o papagai' falô assim:

– Já me lembro, já me lembro.

Aí que ela bateu no nego. Quando ela acabô de batê no nego, que Juãozim voltô, levantô e abraçô cum ela, e falô com a otra moça:

– Minha namorada é essa daqui.

Aí que já mandô ajeitá o casamento. Mandô fazê o vistuário pa Pena Verde, foi apresentá Pena Verde pos pai dele, e dize que a ota suicidô ela mesma. Dize, eu num sei não, é o povo que fala. Dize que a ota suicidô ela mesma, e que Juãozim tá viveno feliz mais Pena Verde até hoje. Diz que teve muita festa, mas eu num sei... que eu num fui... num participei dessa festa. Eu vejo é o povo falá, de caso de dia no assado, mas eu num vô na festa, puque eu contei isso não.

Entrô na perna do pinto, a perna do pato, diz que o rei mandô falá que se eles queresse mais contasse ao menos quato. Só que eu não vô falá mais...

Transcrição de Rogério Machado Caetano, a partir de narrativa oral contada por Silvânio, em Rubim, 1989, gravada por Reinaldo Martiniano Marques.

Minas Novas

Bem-Posta, 30 de julho de 1983.

Senhor, peço licença, nesta alta sociedade,
também peço me desculpa minha poca habilidade,
eu agora vô contá a história desses pequenos comércio
e dessas grande cidade.

Eu contano vocês não acridita; parece sê ilusão,
vocês deve, por bem, sentir, e prestá bem atenção
que quando eu não existi, serve de uma recordação.

Minas Nova era uma mata, catava oro no chão,
isto passô há muitos anos, foi no tempo da iscravidão;
foi assim que eles formô aquele belo sobradão.

Começô o sobradão, os iscravo dizia assim:
"Vala-me Nossa Senhora! Meu Deus, que será de mim!?"
Dentro dele foi morá, o amigo João Pixim.

Istudô quarenta rapazes, fizeram uma revolução
cum dó dos pobres iscravo, na maió judiação
quando foi à meia noite, João Pixim pulô o fanado,
só vistido de calção.

Minas Nova foi cresceno, só de gentes compitente;
foi criano os Badaró, que são filhos de boa gente
e por ali eles chamaro, capitão, majó e tenente.

A casa dos Badaró é uma casa compitente;
quem nela entrá triste sai de lá muito contente,
naquela casa já posô o nosso querido Tiradente.

Nas última do Badaró, chamô Murilo e assim falô:
"Meu filhinho adorado, meu filho que Deus criô,
Não despreze a Bem-Posta, que povo o meu pai amô."

Falano em nossa Bem-Posta, eu conto todo o passado;
aqui morô o Padre Pedro, dentro de um grande sobrado,
tinha cent' e vinte escravos, dentro daquele cemitério
foram todos sepultado.

Isto passô há muitos anos, eu conto porque vi contar,
reuniu vinte homens: "Agora como é que vai ficá?
Somos homens e não pudemos deixá a Bem-Posta acabá."

Falei nos vinte homens, o nome deles eu vô dá:
Patrício Fernan' de Azevedo, que foi criado no lugá,
Gino Rodrigues Mendes, que este também ajudô a infrentá.

Todos homes reuniro, não `fastaro da carrera,
Rufino Alves Macedo e também Baldino Ferrera,
Binidito Santos Pinto e meu Mestre Zé Perera.

Fizero armazém, loja e venda, vocês veja que delícia,
fizero um grande salão para professora normalista,
mas tudo foi se acabano, hoje só se vê notiça.

Chegô a professora Daci, e com meu filho se casô,
ele, por sê um bom home, honesto e trabalhadô,
formô muitas lavoras boa; quase todas as casa
foi ele quem plantô, a belíssima moeda de oro,
foi meu filho que imanô.

Daci, quando chegô a professora, a iscola começô,
sem um poço de isperança, tudo aqui se parô,
quando nós ouviu uma voz, Maria Ilca chegô.

Duas légua e um quarto, Maria Ilca andô;
privada, horta e jardim tudo ela se plantô,
quem aqui vivia triste, todo mundo se alegrô.

Maria Ilca chamô o povo, todos eles concordô,
carpintero e pedrero, um bom preço ela pagô,
você veja que bonita casa Maria Ilca plantô,
igual Maria Ilca, nesses meio nunca pisô.

Filiço dá arroz e milho e feijão, nesta nossa comunidade,
aonde o Filiço passa, ninguém sofre necessidade;
parece que é Deus quem mandô esse home com tanta bondade.

Vera mais Juvenata, muito elas nos ajudô;
Juvenata troxe um belo Santo Antônio,
e na igreja colocô; para nosso padroero,
a festa dele nós já marcô.

Eu me sinto numa paixão, eu falano vocês tem dó;
se hoje meu amigo estivesse aqui, a coisa era melhor;
num tem nada neste mundo que tampa a falta do dotô Badaró.
A eleitorada de Bem-Posta cumbinaro e fez um jura
de não dá um voto contra, o número dele não se mistura;
colocamo Tião Barbosa no centro da prefeitura.

Obrigado, Tião Barbosa, o sinhore luitô em sacrifício;
agora ficamos sabeno que o sinhô trabalha difíci,
colocô naquela placa o nome de João Patrício.

Agora eu vô terminar é com as ordem do forró;
eu peço uma salva de palma, pra Filício e Maria Ilca,
pro povo de Capelinha e dotô Murilo Badaró.

Obrigado dotor Murilo, breve nós tamo te esperano;
Nossa Senhora da Saúde é quem vai te acompanhano,
dá um abraço a sua isposa, Cristina Mendes é quem tá mandano.

Ainda ficô uma coisa, Nossa Senhora me lembrô:
é o cemitério daqui que a chuva dismanchô.
Maria Ilca andô lá dentro e as lágrima derramô,
dos ossos dos defunto a situação que ela achô.

O povo daqui tinha pena, mas eles não tinha dinheiro.
Maria Ilca foi depressa e troxe um belo pedrero,
com a ajuda de todo mundo, o sirviço saiu ligero.

Hoje as alma estão contente, colocada em bom lugar,
elas tão pidindo a Deus, com vontade de salvar,
elas vão pedir a Deus: "Conta os passo de Maria Ilca,
em todo lugar que ela andá."

Ricardo mais o Alberto têm boa sabedoria,
trabalha perfeitamente nessa nossa freguesia,
o Ricardo ainda tem outra, que é um moço de alegria,
com os marujo de Santo Antônio,
ele é nossa companhia.

Agora eu vô agradicere, neste verso derradero,
abraçano dotor Murilo e todos os seus companhero;
a presença de vocês pra mim vale muito dinheiro.

Cristina Rodrigues Mendes abraça todo o pessoal,
e isto é com muito prazer.

Transcrição de Rogério Machado Caetano, a partir de narrativa oral contada por Cristina Rodrigues Mendes, em Minas Novas, 1990, gravada por Reinaldo Martiniano Marques.

O canço no uto

Agora, uma confusão que eu tive foi com uma muié. Quand' ela tava doente, ela ficô de gravidez, e o minino dela... Num tinha médico, porque o dotô José, que só tinha um médico que tinha era na Santa Casa, era aqui meso, nesta cidade, né? Aí, o marido dela trouxe a muié pra cá e a criança dela nasceu c' as duas mão, o corpo ficô e a minina nasceu as duas mão! O minino dela tava vivo. Nasceu as duas mão! Ês truxero ela de carro, de estrada, ês levaro a muié. Quando ela chegô que o dotoro pôs ela na mesa pa tirá a criança, ela morreu. Ela morreu cum minino, sabe. E esse minino dela fartava uma perna e a cabeça. Por que que a criança dirige chega do coração tremê? Chega o corpo a tremê! A criança faz o corpo tremê, já era o coração tremê. O minino num tinha cabeça e fartava uma perna, a criança. Pru que essa criança tava viva nesse probrema? Pru que num tinha cabeça? Pois é, num tinha cabeça praque a muié, ela sufria do uta, a matéria correu, o puso correu

e desastrô a cabeça da criança e uma perna. Derreteu, sabe cum' é que é? Ela tinha o uta inflamado, de primeira hoje ês tem como lamentá isso, né? Ela tinha canço e o canço comeu a cabeça do minino e a perna. Diz que é canço no uto, num é?

Aí, essa muié, ela morreu com essa criança que o dotô num tirô. O dotoro olhô, olhô a barriga dela que o minino fartava a cabeça e uma perna. Ele tacô a mão lá dento e olhô a criança toda. Ela morreu, ele tacô a mão lá dento e olhô a criança toda! Mexeu a criança toda lá dento, ela já tava morta. Ele oiô, ele fartava a cabeça e uma perna. Nem que nascesse essa criança ela num vivia! Ele tinha o coração pruque o coração nosso é que vevi nós é o nosso coração. Se o coração morrê, morre o corpo todo. Morre o corpo, morre tudo. É o coração, né? Que morre? Ele tava vivo porque o coração dele tava vivo, sabe. Ele ia nascê e morrê, mas o coração dele... com' é que a criança vevi sem cabeça e sem perna? Sem perna vevi, mas num vevi sem cabeça. Eh, num podia, porque num podia alimentá, né?

Aí tá bão. Essa muié, ela ficô na terra dela dezesseis ano, essa muié, todo dia ocê uvia ela na boca da noite, cê via ela. Ela passava na estrada. Ele lá morava, o home morava po lado de cima da minha casa, era marido dela e ês morava e ele casô otra vez com otra muié que `judô criá os fio. Essa muié ficô dezesseis ano andano, ela num se sarvô, ela

andava. Quando era boca da noite, todo mundo via ela passá na estrada. Ela abria cancela e entrava pa casa e ês num via. Ela ia pa casa dele.

Quando foi de um dia, eu tratei ni Belo Horizonte desse acidente de carro lá no abrigo. Ês trabaiava com Davi Miranda. Tinha uma muié que no abrigo ela trabaiava com Davi Miranda. Mas se ocê descobri o que que o Davi Miranda num é. O Davi Miranda é pastoro crente, ele é vidente. Ele é, o Davi Miranda é avidente, ele adivinha. Sabe, é o minino que chora na barriga da mãe enhante de nascê e a mãe num conta. E o minino que nasce na barriga da mãe e a mãe num conta e ele adivinha! O Davi Miranda, ele num é crente, ele é pastoro mas ele num é crente não. Davi Miranda num é não. Ele adivinha.

Aí, tinha uma muié que trabaiava lá e falô com nós assim:

– Ô, hoje é quarta-feira e eu vô levá umas muié que quisé i lá no Davi Miranda, na igreja dele, nós vão levá.

E eu trabaiava no refeitório, na cozinha descascano verdura, eu descascava verdura e picava, passava manteiga ni pão. Aí, e'a falô assim:

– Se Don'Ana quisé i também, nós leva.

Eu falei:

– Eu num tenho dinheiro.

Falô assim:

– Eu pago a passagem procê.

E nós foi numa imbulança, nós foi em dez muié lá na igreja do Davi Miranda. Nós foi lá. Uma muié, tinha uma tal Marina lá e me parguntô:

– Ô, Dona Ana, ocê qué que ele sara ocê?

Eu falei:

– Quero não, quero não. Ele num vai desmanchá essa trombada de carro, eu já aleijei mesmo. Ele num vai me cunsertá não e nem eu quero que ele me cunserta.

Aí, nós fomo e eu sentei pertim dele. Chegô uma muié, uma muiezinha magrinha, ela imbodocô o jueio e o carcanhá dela ficô na porpa da bunda. Essa muié, e duas trouxe ela. Num sei se uma era cunhada dela ô se era irmã dela. Chegô co'ela sabe, chegô co'ela e ela foi. E eu mandei o Davi Miranda descê o espírito nessa muié, nessa tal Maria do Miguel Brandão e ele desceu do cumpade Rosa, e ele desceu espírito nela. Mas ela num quis me contá o que que foi. Ela falô assim o embolado:

– Ah, um negócio qu' eu tenho lá eu num conto. Um da casa e tem tudo errado.

E ela ia contá um da casa que ela num podia contá um de fora. Ela falô imbolado e ela já tinha me aparecido numa época que meu marido morreu. Ela, inhante de meu marido morrê, ela me apareceu um dia, ela me cercô duas vez. Ela cum pano 'marrado assim, ninguém vê a

cara de alma não. Um pano 'marrado, um pano preto 'marrado assim. Ninguém vê cara de alma não. A gente vê o corpo, mas a cara não. Ela cum tão triste e eu vi ela duas vezes. E eu corria dela, eu sabia qu' era ela, eu corria dela. Quando foi um dia, ela me cercô num lugar que eu num posso d' eu decidi, d' eu saí do lugar, nem voltá pra trás que tinha um vizim qu' eu tinha vindo da casa dele. Ele tinha um cachorro pegadô que comia, se chegava fora d' hora lá, ela matava a gente e comia e era perto da minha casa e meu marido escutô a conversa dela. E aí ela me falô assim, aí eu priguntei ela assim, oiei pa cara dela, falei assim:

– Ocê que é a Maria?

Ela gungunçô. Falei:

– Ô, Maria, quando cê quisé, fala comigo no sonho. Não que eu tenho meus fio pa criá e meu marido pa zelá e meus fio pa criá e eu num posso morrê não.

Quem conversa com alma morre. É, quem conversa com alma morre. Aí ela calô e eu falei co'ela:

– Ocê fala comigo no sonho o que ocê quisé comigo.

Ela foi.

Quando eu cheguei den' de casa que meu marido mexeu a brasa da fornaia, a casa virô uma fogueira de fogo. As parede virô puro fogo.

E eu num quis deitá mais ele. Eu tava com mininha pequena e eu num quis deitá mais ele. Sentei na cama e falei com ele:

– Cê drome lá no quarto da sala e me deixa drumi aqui sozinha que eu tô muito impressionada.

Quando ele, eu cheguei, eu falei com ele, ele me falô assim, ele tava de meia:

– Ô, nega, ocê é doida.

Eu falei:

– Pru que que eu sô doida?

– Pruque ocê conversô c’ a Maria do Miguel Brandão.

Eu falei com ele:

– Ocê escutô?

Falô:

– Escutei.

Eu falei com ele:

– Pruque alma num sabe ond’ é que a gente tá não. Ah, mas num tem que sabê ond’ é que a gente tá não. Eu que falei que ocê tava ‘panhano café.

Eu trabaivava com essa muié ‘panhano café, sabe? Ele foi falô comigo assim:

– Eu falei o qu’ ela falô c’ ocê.

Ele falô comigo assim:

– E daí eu vô te contá o que ela falô comigo. Ela durô quinze dia, morreu, deu uma febe, morreu. Durô quinze dia, morreu.

E ele num me contô o que ela falô com ele. Aí tá bão. E eu fui sonhei. Essa noite eu num drumi não. Vinha a cama me cessava, melava nas nuve e descia lá embaixo c’ as minina no colo. Eu num podia deitá. Quando e’a me socava den’ do buracão escuro, quando eu tava afogano, ela me subia pa cima. Quando os galo cantô, todo mundo, ela me deixô. Aí eu acordei. Eu tinha duas minina grande, acordei as minina qu’ eu tava com uma dori, mandei elas levantá pa mim, passá o resto da noite na cozinha. Falei qu’ eu tava com uma dor dueno, mas eu num tava com nada não. Ó, minina, eu num pisava no chão, não sabe? Aí, quando foi na ota noite, ieu drumi e sonhei com ela, que ela chegô dentro numa roça onde tinha uma palhada, ela tava mais um home. Me fez confusão foi esse home, ela tava nas três vez que eu vi ela, ela tava sozinha. E esse diabo era mais um homão gordo, preto, um homão preto, gordão, sabe? E ele de coque. E ela falô comigo:

– É p’ ocê mandá celebrá uma missa pa mim cum santís’ sacramento.

Quando eu tive a Jandira, que foi a primeira minina do bananal, ela desacordô, ês tiraro as parteira, tiraro a menina à força, a menina

nasceu toda aleijada, muda, que ês judiá c' a minina no vento dela. A minina ficô toda paralarítica, a minina-moça que ês tiraro, a parteira tirô ela à força e ela desacordada e ela mandô cumpri a promessa pra ela, celebrá a missa pra ela, cumpri prumessa pra ela, rezá ni cruzeiro, rezá terço den' da igreja na de Lorena.

Eu cumpri a jura cum Divino. Eu girei com uma fia dela, chama até Maria, aquela preta, girei mais aquela minina. Aí, cumpri as prumessa dela tudo e ela ficô apariceno do mesmo jeito, do mesmo jeito. Eu cumpri as prumessa dela. Mas cê sabe que que resultô, que ela falô com Davi Miranda, no espírito do Davi Miranda, sabe que que aconteceu? Aí o home dela casô com a muié, a muié dele tinha cinco minino e ela andano. Ela vivia na casa dê, mas ês num via ela. Ela quebrava lenha, acindia fogo na fornalha, tinha um minino que via ela acendê fogo, ela oiava o minino deitado. No que ela deixô o minino já tava rapazim, tinha quatorze ano. Aí, quondo esse dia que eu mandei o Davi Miranda descê o espírito dela, ela falô embolado, mas ela explicô mais ou meno o que que era.

Quando o marido dela foi fazê uma cozinha na frente pa fazê ota puxada na casa que é na roça, tinha um estei' da casa assim lá, um esteio tava pôde, no ele cavacá, ele achô um rusário de oro, ele vendeu ele em Diamantina. Por que que esse home deixô ela sarvá? As conta

dele e a corrente era de oro. Ele achô um rusário interrado, foi isso. Tinha uns sujeito andano, tinha uns home comprá oro véi', sabe? De primeira, vinha uns home aqui, muitos ano atrás, vinha uns home recoieno, comprano de oro, ané de oro, 'liança de oro, rusário de oro. Vinha comprano os oro véi', sabe? E ela ficô com medo do marido dela vendê esse rusário de oro, as conta dele era grande 'sim, de oro. E a corrente de oro, a medaia de oro, o crucifigo de oro. Ela ficô com medo e interrô, cavacô no esteio da casa e interrô. Interrô num saco prasco, o saco apudreceu e o rusário ficô lá que oro num apudrece na terra, né?

Quando o marido dela foi cavacá, achô esse rusário de oro e vendeu ele em Diamantina. Ela num me contô que ela ficô com medo d' eu i lá e roubá ele. Num foi? Foi, ela num me contô praque ela ficô cum medo d' eu i lá e 'rancá ele e vendê ele e ficá com dinheiro. Aí, minina, o marido dela 'rancô, a muié sumiu daquês dia té hoje. Só tirá. Mas nós celebrô missa pra ela com o dia do rusário. Cê vê que coisa mais invísive: a pessoa num pode interrá oro. A pessoa num salva não. Ela num vai po inferno e nem po céu e aí fica andano no mundo. A pessoa que interra oro.

Tem muitos antigo lá na roça onde eu morava, nesse lugá tem dois cacho de oro interrado, pote de oro. Tem dois pote de oro interrado lá. Praque ocê vê uma lua crescê no céu, qu' eu via lá todo dia, veio uma

lua cheia de fogo, uma lua, luona, paricia lua cheia, aquel' horror de raiz de fogo. E vem e desce no lugar e no chão. Ela esparrama o fogo, a terra toda e some. Ela afunda na terra. Afunda na terra e nesse lugar qu' ela afunda tem pote de oro. Mas ninguém... Cê sabe praque essa pessoa tira esse oro? Porque tem que resisiti muita coisa. Tem de, Sexta-Feira da Paixão, quinta e sexta da paixão, a pessoa fazê um facão de cedro, fazê um... Mas ninguém tem corage de arresisti. Fazê um facão de cedro e pispíá ele quinta-feira, como é hoje, e `rematá ele sexta. E meia-noite, amanhã, i numa água virge numa cabiceira de grotta que sai pa lá e `panhá um litro d'água, um litro branco. E tê um rusário bento e uma vela benta, benzida tudo hoje. I pa lá cedo, às nove hora i pra lá, chegá lá. Quando dá meia-noite, perto da meia-noite, evém uma porca criano os pinto e vem a galinha criano um mucado de leitão. Cê tem medo! Picisava resisti esses trem. Ou dispois vem dois home com dois facão e mete n'ocê os facão e ocê mete nele esses facão. Cê cort' ele e te corta e ocê cort' ele. Os facão é de pau, mas os facão num quebra, feito de cedro. Ocê mete o facão nês e ês mete o facão n'ocê e os facão dele num corta a gen' tamém não e nem da gen' cort' ês. E vai debatenó. Se ocê vencê ês, ês te mostr' ocê onde tá o pote de oro. Eles mostra. Agora, esse pote de oro véio, aí o pote de oro tá sete metro, dez metro, doze metro po chão adentro. É bem fundo, né? Agora, o home véio agora,

esses home que debate c'ocê é o demônio, é o demônio que vem vencê ocê, é o demônio. Vem e ocê venc' ele.

Quando ocê vencê ele, ocê joga, a hora que ele aparicê, aí o home vem. O home que interrô, os antigo que interrô esse oro, ele vem. Ele `parece, `parece só ossada do ar, cai os dois braço do ar, cai as duas perna, cai o corpo e cai a cabeça e imenda, imenda, imenda. Agora o home fica perfeito, o home que interrô esse oro fica perfeito, agora ele fica perfeito.

Quando aí ele te conta ond' é que tá o oro, mostr' ocê, ocê vai lá e marca de noite, ocê vai lá e marca ond' é que tá o oro. Ocê infinca um pau lá e marca. Quondo é notro dia, ocê vai lá e tira. Mas, na hora que ocê tirá o oro, ocê tem que despejá água benta e `cendê a vela, senão cê num tir' ele, ele some. Agora é só dele na terra. Agora ocê acha o pote de oro, o caixa de oro, o pote de oro, aí ocê acha.

Muitos já foi arresisti, mas num teve corage não. A hora que a porca vem criano um `cado de pinto e a galinha vem criano um mucado de leitão, a pessoa corre! Enquanto os home chegá, ês corre. Os trem tudo feito, ês corre, num arriseste. É o demônio, é o demônio que vem e ele vem é dois, vem é dois com os facão. Se cê tê os facão de cedro, feito na sexta-feira santa e na quinta-feira, cê ia resisti. Se ocê num tivê, num arriseste. É os facão que tem o poder e a água benta, e se a hora

que o pote se ocê fô tirá, ocê num pô a água 'panhada na Sexta-Feira da Paixão, ela some na terra. Ninguém teve corage. Eles arresistiro, mas num teve corage.

Agora, perto de Água Boa, o home arresistiu, numa fazenda, resistiu. Ninguém ficava nessa fazenda. Era uma fazendona e tinha uma casona de sobrado. Mas um home, era parente de meu pai, lá ia um home viajano, um rapaz viajano. Chegô nessa fazenda e pediu cômodo. Ês num quis dá. Diz assim:

– Ali tem um sobrado, mas é mal-assombrado aquele sobrado. Se ocê quisé drumi lá, ocê po' drumi, eu te dô ocê uma coberta.

Ele subiu na escada e deitô lá. Quando foi meia-noite, diz que evém tuf, tuf, tuf, tuf, tuf, tuf, tuf, tuf no sobrado afora, `rastano couro, `rastano po sualho afora. E ele tá lá deitado, consentino aquilo. Aí, diz que chegô dois home e ele num tinha nada não, ele arresistiu, ele num tinha nada não, ele só tinha um rosário bento.

Transcrição de Ana Elisa Ferreira Ribeiro, a partir de narrativa oral contada por Ana "Benzedeira", em Itamarandiba, 1990, gravada por Reinaldo Martiniano Marques.

O minino gigante

Vivia um casal, pobrezinho. Aí que a mulher tava nos dia de ganhá neném, o isposo dessa mulhé vai e morre: ficô ela sozinha no mundo. E eles num tinha nada. Nada, nada ele tinha; era pobrezinho.

Aí, essa mulhé saiu po mato pa panhá lenha, e lá no mato ela ganha esse minino, essa criança sozinha. Aí, e essa já nasceu cunverso, caminhano; ele pidiu um machado à mãe dele pa panhá lenha, ele mesmo, o minino. Ele mesmo `fundô no mato, tirô um enorme fexe de lenha, pôs na cabeça e saiu mais a véia, mais a mãe dele. Chegô lá na casa, ele jogô o fexe de lenha no chão e falô pa mãe:

– Po' cumê mamãe.

Aí a muié ficô ispantada, a mãe do minino; ficô assim, assombrada cum ele. Ela num tinha nada no terreno, tinha uns dois pintim véi', e matô esses pintinho e ferventô, e deu ele pa cumê. Aí, ele cumeno, falô assim:

– Eh, mãe, traz mais que tá poco.

A véia foi e matô as duas galinhazinha, e antes de pidi, ele falô:

– Traz que tá bom, eu já como.

Aí, e a mãe assustada co’ele. E o rei tinha pidi a mulhé o minino pa batizá e criá pra ela. Aí a mulhé levô, falô assim:

– Eu vô dá um padre ele pa batizá, puque o padre tem o que ele come.

De resto, contô isso pa muita gente. Ela matô os porquinho. Depois que ele cumeu o porquinho, que pidiu mais cumida, a mãe dele pegô ele e levô. Falô:

– Ô, cumpade, aqui o minino que eu truxe po sinhô batizá e criá.

Aí, que o véi’ falô assim com a impregada:

– Ô, vai, nega, faz mingau e traz pra meu fio.

Aí ela oiô assim po rei e falô:

– Mingau não, meu padrim. Ele po’ cumê a cumida.

Fez o pratim de cumida e troxe. Ele falô:

– Isso não, isso não. Isso num dá pra ele pô nem no buraco do dente. Eu vô matá um boi.

Matô um boi e mandô cuzinhá um quarto d’uma veiz. Aí ela falô assim:

– Ô, meu padrinho, po’ trazê que ele já come, inquanto o sinhô cuida do oto.

Aí chegô esse minino, só cumeno, né?, só cumeno, só cumeno, e o rei mei’ assombrado com ele. Aí a rainha falô assim cum rei, falô:

– Ô, marido, faz isso amanhã: cê manda Juãozinho i no Mato das Fera pa midi lenha, e lá as fera come ele, e nós fica livre dele.

Aí ele falô assim:

– É mesmo!

Foi no oto dia, cedim, correu e falô assim:

– Ô, Juãozinho!

Ele pulô da palma no chão e falô:

– Pronto, meu padrinho.

– Cê pega os boi e vai no mato pa midi lenha.

Aí ele falô assim:

– Pois não, meu padrim. É pra já.

Aí ele foi lá, pegô a junta de boi, fundô po mei’ do mato. Ói um pau aqui, e oto aculá, diz que ele passô o pau mais grosso que tinha no mato, e o maior; soltô o machado. E num parô não, só as ponta, mal, mal. Agora, ele vai lá ‘panhá a junta de boi, e a fera tinha cumido um dos boi; só tava co’ os chifre de fora. Aí ele olhô assim pa fera, falô assim:

– Eh, cê cumeu o d’ eu cumê à hora que chegá lá, né?, pois quem vai levá o pau de lenha é ocê.

E disimbuchô a vara nessa fera cum boi e tudo, e oto boi aculerado po mei’ da fera, né?, e pau neste boi co’ essa fera, até levá no terreno. Aí o rei oiô assim:

– Louvado seja Deus, ma’ meu fio, meu fio, solta, solta!

Falô:

– Não, meu padrim, ela vai pagá ele, puque o boi d’ eu cumê à hora de chegá ela matô.

Diz que bateu nessa fera, bateu, bateu, até matô. A hora que ele acabô de matá a fera, ele falô:

– Ô, meu padrinho, dá um jeito nu’a cumida aqui, que eu já tô pa morrê de fome.

E o rei na farta de boi, e ele só cumeno, só cumeno; e farta de boi, e ele só cumeno. E amanhã, e dano otos pau pra ele. E ele vai, ele vai, ele vai, esse minino cumeno esses boi, esse minino cumeno os boi, aí a rainha falô cum rei no oto dia de noite:

– Ô, marido, ó: amanhã cê manda ele i lá no inferno levá uma pasta po capeta mais véi’, praque os capeta mat’ ele e nós fica livre.

Aí o rei falô assim:

– É mesmo!

Quan’ foi no oto dia, cedo, ele falô assim:

– Ô, Juãozinho.

– Pronto, meu padrinho.

– Toma esse bilhete aqui; cê vai lá no inferno e intrega essa pasta aqui pro capeta mais véi’ e traz a resposta pra ieu.

Aí ele falô assim:

– Pois não, meu padrinho, é pra já.

‘Rancô um imbornalinho, e o rei deu ele um mil em réis. E ele viajano, ele num tinha fome. Aí ele rompeu; ele vai ino rompeno, e nada de chegá nesse inferno. Ele vai, ele vai, el’ vai, el’ vai, el’ vai... Aí ele incontrô um ferrero. O ferrero tava trabaiano. Aí ele foi e perguntô o ferrero:

– O sinhô sabe informá ele aqui onde é que é a istrada que vai po inferno?

Aí o ferrero:

– Ô, cê vai ali, volta, passa dibaxo daquele cruzero, passa dibaxo daquela pedra; na ota pedra é o inferno.

Aí ele falô assim:

– E pru quanto cê faz uma truqueza pra ele, bem furnida pra ele i agora?

Aí o ferrero falô assim:

– Um mil réis.

Ele falô:

– Pode fazê.

Aí ele sentô, isperô, o ferrero fez a truqueza e intregô ele. Ele deu o dinheiro o ferrero, e a truqueza na capanga. Siguiu viage po inferno. Chegô lá, quando incontrô com o capeta mais véi', aí ele falô assim com o capeta:

– Bom dia, moço.

O capeta tá intalado, com o beirão dibruiado pra baxo. Aí ele falô:

– Bom dia, moço.

Nada desse capeta respondê. Aí ele meteu a mão no imbornale e falô assim:

– Ó, esse bilhete foi meu padrim que mandô procê, e o sinhô me dá a resposta, que eu quero voltá agora.

E o capeta calado. Aí o capeta discuidô dele, ele pegô o capeta po beijo co' a truqueza. Falô:

– O sinhô num qué me dá resposta não, né? Pois cê vai dá meu padrim...

E ele vai agarrado, e o capeta po beijo, seguro. Quando chega dibaxo do cruzero, que o capeta falô co'ele:

– Não, ele num passa dibaxo disso não.

– Pois cê tem que passá.

Ele passô...

– Pidiu pa passá ni ota istrada não, puque ele errô e passô foi por essa.

E sujigô o capeta na truqueza; entrô o capeta, passô dibaxo do cruzero. Aí ele vai, el' vai, el' vai, e só cortano o mundo, e ele sigura o capeta. Ele vai, ele vai, ele vai, el' vai, e foi o minino. Quando chega na casa, palácio todo fechado, aí ele grita:

– Ô meu padrim!

Aí que a mulhé ispartô:

– Marido, tá o minino.

Quando eles foro colocá ele, esse minino sigura o capeta po beijo.

– Aqui, meu padrim, ele num quis me dá a resposta não; eu truxe pa dá a resposta po sinhô.

Aí o rei falô assim:

– Solta, meu filho! Pelo amor de Deus, não!

E diz que ele foi apertano esse capeta na truqueza; foi apertano, foi apertano, até o capeta intrô dento do reino. Aí que ele soltô o capeta, que o capeta istorô, virô aquele fumação no mundo. Aí ele virô:

– Ô, meu padrin, eu tava morreno de fome.

Farta de boi, e ele só cumeno carne. Ele vai, esse minino cumeno carne, e eles ideano o que fazê co'esse minino. Ele vai, ele vai, el' vai;

e morre um boi hoje, morre o amanhã; morre um hoje, morre um o amanhã. Aí que a rainha falô assim:

– Ô marido, amanhã cê chama Juãozinho cedo, e antes dele pidi coisa pa cumê, e vai no cartório, o que nós tem, parte no meizim com ele. Depois que ele cumê o dele tudo, ele morre de fome. Aí o rei falô:

– É mesmo.

Oto dia, cedo, chamô ele:

– Ô, Juãozinho!

Ele:

– Pronto, meu padrim.

– Nós vamo no cartório, puque o tisoro que eu tenho é partido no mei' cum cê. Aí ele falô assim:

– Pois não, meu padrim, é pra já.

Ele saiu. E a mãe dele, morreno de fome, tá sozinha. Ele foi po cartório mais esse rei. Chegô lá, o que o rei tinha, o tisoro do rei foi partido no meizim cum ele. Aí ele falô assim:

– Ô meu padrim, agora o sinhô dê os documento.

Diz que o rei passô os papel, assinô e intregô ele. O lado da sede ficô pra ele. Aí ele pensô assim: "Eh, agora ele vai buscá a mãe dele". Chegô lá e falô:

– Ó, minha mãe, vão `bora. Vão morá nós dois agora.

Depois que ele pegô a mãe dele, que pôs dento de casa, a cumida dele era um prato raso de cumida, dois aos poco. Mais nunca ele cumeu um boi duma veiz, dois, tudo.

Eu tô na perna do pinto, eu tô na perna do pato, o rei falô: "Se fô mintira, ocês me conta as quatro". Isso é mintira; isso num é verdade não...

Transcrição de Rogério Machado Caetano, a partir de narrativa oral contada por Isnaldo Pedro Dias, em Rubim, 1989, gravada por Reinaldo Martiniano Marques.

Os negro e a Santíssima Trindade

Puquê antigamente os missionário vinha, né? Tinha uns holandeses, né?, e espanhol tamém. E eles vinha, era um pessoal que sofre demais. Andava p' aquelas istrada, nem istrada existia, né? E aquela batina também falhava, né?, como hoje, né? A tomera eles ficava, ia ficano veno o povo ali, tudo ignorante por toda parte aquela negrada, iscravos e tudo. Intão, naquele tempo eles vinha, e eles ficava nervoso, a ponto de batê mesmo no povo, né? Nego que ocê quisé batê – isso eu já vi também, né?, aqui mesmo eu já vi batê.

Eles chegaro num lugar lá, e quando eles chegaro já tinha – iscrivava antes daquele dia – prá tê aquelas moça catequista, né?, pra insiná os minino o caticismo e, pra hora que eles chegá, pudê confessá, né?, senão num podia confessá, cumungá, recebê Nosso Sinhô assim sem... Coisa...

De fato, era assim mesmo. No meu tempo, também, eu também tinha que aprendê o caticismo, né? Intão eles insinava e tudo. Quando eles chegava, já tava aquilo: mais uns dois caticismo, podia confessá o povo todo. Intão, chegô num lugar lá, e eles tão pra confessá, eles diz:

– Não, amanhã é pros preto todo que vêm.

Aqueles trabalhado iscravo. Acho que tinha acabado a iscravatura, mas era mais ou menos, aquilo continuô, quase era a mesma coisa, né? Intão, vei' eles pra confessá, foi, padre muito nervoso, um mais velho, e ficô pra depois. O oto tá lá cunfessano, e ele tá lá, fazeno ali uma seleção, aqueles que sabia, né? Mas, cunfessano, que num chegava ninguém, eles chegava, foi chegano perto. Aí ele perguntô:

– O senhor sabe quantas são as pessoas da Santíssima Trindade?

– Sei deles, mas peraí. Isso que é pessoa? Peraí. Isso é uma família?

Ele disse:

– É a família: Santíssima Trindade.

– Ah! Deve sê u'as doze pessoa, seu padre.

– Doze pessoa? Cê num tá achano isso muito poco não!? Cê num tá achano não!!? Sai pa trabalhá, vai aprendê, sô. É isso que você aprendeu aí?

E ficava nervoso. Vei' o otro de lá:

– Olha, eu já fui lá, essa família é muito grande. Eu falei lá “é doze pessoa” e ele brigô, quase que me bate, hein, que achô poco.

Aí o home tá lá isperano pra cunfessá, num vinha ninguém. O oto disse:

– Eu vô pô trinta nisso.

Chegô lá, quando falô co'ele que é trinta, que ele perguntô a mesma coisa, “são trinta pessoas”, ele disse:

– Óia, cê num tá achano isso muito poco tamém não? Seu... O que é que cês aprendero. A caticista num tava aí?! A moça num t' insinô não?! E vai já daí; amanhã ocê vem cunversá.

Quiria até batê nele, ele correu. Quando chegô o oto, que eles falô a mesma coisa, já falô trezentas pessoa, e esse home danô:

– Tem que largá; num pode dá confiança a essa cambada de burro desse jeito!

Eles xingava de tudo mesmo, xingava muito, né? Aí, tamo lá e coisa, e ninguém tinha corage, quando saiu um rapazinho de lá, chegô perto dele:

– Seu Padre, hoje eu vim confessá. O sinhô me faz a caridade.

Ele disse:

– Ó, meu fio, muito bem! Intão cê vai dizê aqui quantas pessoa da Santíssima Trindade.

Qué dizê: cunfessava era o oto; ele não podia falá na confissão.

Ele disse:

– São treis, seu Padre.

Ele disse:

– Muito bem! Graças a Deus. Ao menos teve um aqui que aprendeu. Vira pra lá, pro lado deles, procê falá co'eles, co'esses véi' que tão aí. Ocê, que é quase um minino, sabe. Quantas pessoa são a Santíssima Trindade? Fala alto!

Ele disse:

– São treis.

– Pois é; agora: quais são elas.

– É ieu, pai Miguel e o rapazinho que tá lá em casa.

Ele disse:

– Rapazinho é isso, seu cachorro!

Pá nele.

Transcrição de Rogério Machado Caetano, a partir de narrativa oral contada por Oliveira, no Serro, 1988, gravada por Reinaldo Martiniano Marques.

O soldadim e o bitela

Não, tem oto e é tudo história de gen' valente tomém.

O oto valentão tomém. O oto valentão, então, e era sortêro, num era casado não, morava sozim. Mas o home era valente, mas num perdia uma fonção, só pa fazê, só pa fazê `ruaça.

Antão, ele ia pa função, chegava per' da casa, ele tava no mato até tardão da noite. Tarde da noite, depois que o povo juntava tudo na fonção, ê' chega, é o derradero que chegava. Chegava por ali, entava. Ele num gostava, cá por fora, ele num gostava de ficá não. É ficá lá da varanda pa cozinha.

Antonce ele ia mexeno ali mais aquele pessoal ali, num sei, ia ino, ia ino, mexeno e chegava numa artura, moça, ele increncava lá, ele increncava lá com um e punha o povo todo po mato. Ô, e num tinha jeito, num ficava ninguém den' da casa, curria tudo do home. O home ficava den' de casa sozim, mexia lá, andava lá, fazia o que ele quisesse

lá den' da casa, num tinha ninguém, o povo tava tudo no mato. E ê cas-cava fora. Quando eles mantia o dia que ês chegava, nada e o home já foi `mbora.

Ma' o home furava os oto. Dava parte do home, mas num tinha jeito. Antão mandava puliça buscá o home. Puliça ia, chegava lá na casa lá, ele pintava merda, puliça, batia ni puliça, furava puliça e puliça num podia co ele. Largav' ele pra lá. Chegava, falava cum delegado:

– Não, um home daquele num tem jeito pra ele não, moço, ele, num dá pa pegá um home daquele não!

Aí lá vai. Só tem léguas que ele num pidia, mas só pra aquilo, só pra fazê `ruaça na fonção. Ê' morava sozim. Antão, foi ino, foi ino, foi ino, chegô numa artura, o home foi no, chegô no dadô de papo, falô:

– Ó, fulano, tem uma função `sim, assim...

Que ele num podia pará onde tivesse um casamento e sabia que tinha fonção, ele num pirdia. Foi ele que fez uma `ruaça lá, furô os oto e caso sério. Aí o delegado falô:

– Ó, num picisa cês vim aqui dá parte não.

O fazendero falô que tinha chegado um capitão de fora. O dadô de fato chegô e deu que o capitão tava na casa do... cunversano mais o delegado, falô, o capitão foi e falô, pois é, contô o dadô de fato, contô o jeito que o home é, falô:

– Não, pode dexá que hoje ele vai pegado. Ieu vô com dez pulícia que eu peg' ele, ele num vai pegado?

Ensinô mais ô meno a casa do home.

– É em tal lugá `sim, assim. Ieu vô mais ocês que eu sei da casa dele.

Antão foi. Chegô perto da casa, ês dexô dá noite. Ês chegaro, ês chegaro e chamô ele. Chamô o home, o hom' respondeu lá dento. Aí falô:

– Abre essa porta aqui.

O hom `té ficô sussegado lá, falô:

– Moço, abe a porta aqui.

Nada. Aí, quando chegô:

– Ô, moço, mas eu já falei c'ocê pa abri a porta.

Falô:

– Ó, ieu abro a porta se eu quisé porque a casa é minha.

Aí o capitão deu um coice na porta, a porta caiu lá de banda de dentro e entrô o capitão, entrô mais quatro puliça e os oto ficô pra fora tomano arredó da casa pa ele num saí.

Andô a casa toda cum lâmpa', ispiô aquês quarto todo, olhô, num tinha ninguém, num tinha nada, num tinha ninguém lá den' da casa e o hom' tava lá. Ma' desapareceu na vista deles. E por fora num saiu que

as puliça tava a roda da casa. Andô tudo, olhô, nada. Aí disinganaro. O capitão vortô com as puliça pa trás e chegô e falô po delegado, falô:

– Ó, aquele home num tem jeito p' ele não. Num tem não puquê nós chegô, ele tava lá na casa, eu chamei e ele respondeu. Eu falei com ele pa vim abri a porta. Ele nunca mais, nunca mais. Quand' eu tornei falá com ele, ele falô abria se ele quisesse que a casa era dele. Eu dei um coice na porta e pus a porta no chão e entrei pa dento com quato puliça e os ota puliça ficô ao redó da casa pa pegá ele. Lá, oiei a casa toda lá, num tinha ninguém den' de casa – falô – num picisa d'ocês incomodá com aquel' hom' não que ele num tem jeito pra ele não.

Andô. Passô. Aí, passô uns dia um poco, tá o dadô de fato cheganô 'tra vez. O hom' já tinha feito ota sujera. Chegô, aí o delegado falô com o dadô de fato, falô:

– Não, num picisa não. Ó, num vem me dá parte daquele hom' aqui mais não, num picisa, num tem, ele num tem jeito pra ele não.

E tinha um sordado de farda, de fora, tava de distacamento naquela cidade e o soldadinho assuntô aquele caso e o soldadim falô:

– Ó, ieu pego ele – falô – ieu peg' ele.

Aí o dadô de fato pegô, tornô contá de novo, ota vez. Ê' falô:

– Não, moço, aí, num dá pra mim pegá ele não. Ieu só garanto que um de nós fica deitado no chão lá. Ô ieu ô iele fica deitado.

– Pois é, tal dia 'sim assim tem um casamento e ele num perde, ele vai na fonção.

Falô:

– Pois é, um vem cá me buscá. Ieu aqui num cunheço, sô novato aqui, cheguei p' aqui agora. Tô aqui. Vem um aqui me buscá.

Antão, quan' pegô, falô po delegado, falô:

– Ó, ieu vô querê umas duas qualidade de arma lá.

Aí, quando foi na véspera, que o casamento era amanhã, hoje o sordadim foi lá na casa de delegado, falô:

– Ó, agora nós vão lá na delegacia pa mim isculhê.

Antão, foi, chegô lá, falô, delegado falô:

– Escolhe aí qualé das arma que cê qué.

Foi, escolheu uma Masa e um punhal, falô:

– Ó, num picisa mais nada. Só com essas duas arma aqui um de nós mata o ota. Ô ieu mat' ele, ô ele me mata.

Antão, vortô pa trás. Vortô. No ota dia cedo vinha o próprio que vinha buscá ele, chegô com dois animal, montado num com o ota de arriado. Sordadim montô e ês foro imhora. Passado po casamento no camin', chegô lá na casa do casamento, viu, mas aquilo, o soldadim chegô lá. Mas o dono da casa foi mes' que chegado Deus, Nosso Sinhô do céu. É cum a mão pru baxo e outra pru cima com tal de soldadim, ó. Vei

umas moça, tal, e o soldadim ficô `cordadim ali. E quan' foi já de tarde, o soldadim falô com as moça assim:

– Ó, quan' dá a noite e quando o casamento chegá, uma docês senta mais eu e num sai não que é hora que ele chegá, que ele vê ocê sentada mais eu.

O delegado falô se ele num... se ele:

– Cê vai de paisana, num vai de fardado não que ele num pode vê puliça não.

Falô:

– Não, ieu vô co' minha farda. É o boné. E eu num vô tirá, não. Eu...

Assim o sordadim falô com a moça:

– Olha, fala que a hora que cumeçá dançá, ê' vem de lá chamá ocê qu' é de picardia. Ocê vai e dança mais ele e hora que ele, que pará a dança, ocê vorta e torna sentá mais eu.

– Ah, sim.

Então, chegô no casamento, chegô, tratô do povo todo, e o povo tá brincano e bem tarde da noite ele chegô. Um massa d'um negrão entrano pa casa adento. Óia aqui, óia ali, entrô lá na varanda, sordadim tá sentado lá num canto lá mais a moça lá. Ê' olha aqui, óia ali. Quando ele olhô, ele viu o boné lá do sordado e viu que tinha puliça lá. Ê' foi e

sentô numa mesa lá, sentô numa mesa assim aonde ele inxergava lá o sordadim. Ê' tá sentado assim, cunversano mais os oto, vez em quando ele passava os olho lá no sordado e sordado tá oiano cosentino ele por baxo do boné.

A moça tá aí sentada mais o sordado, ele cunversano. Aí, quando tocô a primera moda, ele foi lá, falô:

– Vamo dançá?

A moça – sordadim já tinha falado que quando chamá ocê, cê vai, e hora que pará a dança, cê torna vortá e senta mais eu. Assim foi. Dançô e dançô lá a moda, mais a ota e tal e quan' parô a moda, a moça vortô e sentô lá mais o sordadim, ele sentô no memo lugá.

Quando tornô tocá outra vez, ele tornô i lá. Chamô a moça, a moça vei, dançô aí já dançô mais a moça por picardia, pisano no pé da moça, pintano a merda. Aí, a moça, quando parô a dança, a moça chegô lá e falô po sordadim, falô:

– Ó, eu num vô dançá mais ele mais não. A primera vez ele dançô comigo muito bem, agora ele dançô comigo foi de picardia, pisano no meu pé, me machucano meu pé todo. E eu num vô dançá, eu...

Falô:

– Não, hora que ê' vié, hora que ê' falá, ocê num vai.

Andô. Quan' tocô a ota moda, ele foi lá. Falô c' a moça, a moça tá chorá, falô:

– Ieu num vô dançá mai' ocê não que a primera vez ocê dançô muito bem cumigo, mas a segunda vez ocê já dançô cumigo de picardia, pisano no meu pé, pintano a merda, num vô não, de jeito nenhum.

Falô:

– Ah, se ocê vai! Cê num tem querê!

Aí o soldadim falô:

– Ah, ela num vai não.

Falô:

– O que qu' ocê é dela?

Falô:

– Eu num sô nada dela mas ela num vai – aí falô – pois é, ah, pois então quem vai no lugá dela antonce é ieu! Aí ieu vô dançá mais ocê antão no lugá dela.

Aí o negão `rancô um punhal e o soldadim levantô tamém, `rancô um punhal e ês dois trançô den' dessa varanda. Punhal daqui, punhal d' aculá e o povo foi passano naquela janela, caíno de banda de fora, passano nas porta e dali a um mucadim só tinha ês dois só den' da casa. Mas já tá tudo no mato já. E ês dois tá trançano no punhal, vai lá, leva com daqui lá, vorta e ês dois trançado no punhal. Chegô numa artura,

o soldadim levô lá assim, quando o bichão que ê' troxe, o soldadim de ponta assim na jinela assim, soldadim empurrô assim, ê' caiu de fora com o punhal, caiu de banda de fora e o bichão pulô assim e caiu em cima dele, ele levô o punhal assim, foi meso que levá num cristal. Nada! Num entrô nada! E era tempo das água num dá. Via só aguia quebrada na mesa, ês trançano no punhal, ia lá, vortava aqui, ia lá, vortava. Chegô numa artura, soldadim levô ele assim, quand' ele equilibrô lá, ele soltô, soldadim subiu assim numa cerca assim de costa assim e caiu assim den' d'um curráli e o bitelo caiu em cima e ele levô o punhal. Ele levô o punhal, cumeçô furá e aí o bitelo falô:

– Ê, diabo, olha que ocê me mata.

Ele falô:

– Fica ocê me mata.

O soldadim já tinha mitido a mão, já tinha `rancado a Masa, deu um tiro. Deu um tiro, ê' caiu pra lá `sim e o soldadim saiu, sentô como daqui lá e o bichão ficô `li roncano. Foi roncano, roncano, roncano até que `cabô de morrê e o soldadim tá lá sentado discansano.

Aí, quando cumeçô mais gen' chegano de ponta de pé, com medo `sim, tal, soldadim falô:

– Não, pode chegá. Pode chegá que o home tá deitad' aqui no chão discansano.

Aí ês foi chegado. Foi chegado e o bitelão tá morto lá c' a língua d'um lado, que ê' morreu cansado. Aí ele mandô na cidade. Mandô na cidade. Vei' quase metade do povo da cidade pa cunhecê o hom' que num cunhicia ele, que ele num ia na cidade. Aí mostrô soldadim. Aí passô ele:

– Aí, vô falá, passá posto. Agora cê é sargento. Cê já num é soldado raso mais não.

Suspendeu do soldadim e ês ficô live. Mas o soldadim que sabiam a incantaria, o hom' sabia, o soldadim, quand' ele falô no dadô de fato voltano, ele assuntano, ê' já sabia qualé a incantaria do hom'.

Cumé que o capitão, cum dez puliça, num pode arrumá ele e o soldadim sozim cunsumiu ele?

Transcrição de Ana Elisa Ferreira Ribeiro, a partir narrativa oral contada por Joaquim Soares Ramos, em Minas Novas, 1997, gravada por Sônia Queiroz.

Os treis rapaz

Era o Antônio, o José e o João. Antão, diz que eles foi e falô:

– Nós temo que dá um recurso. Nós temo que pissuí alguma coisa na vida. Que será que nós vamo fazê?

Aí os treis cumbinaro e saíro. Sentaro num canto, tava eles treis lá pensano o que podia fazê.

Aí apareceu uma velhinha e falô cum eles.

– Aí, nós tamo aqui pensano no que que nós podíamos fazê.

Aí diz que ela falô assim:

– Ô, meus fio, eu vô dá ocês aqui treis maçã.

Cada um ficô com uma maçã.

– Ôia, mas só pode cumê onde tem água. Aonde não tem água não adianta cês comê.

Aí eles chegô lá, o Antônio falô:

– Sabe de uma coisa? Eu vô é comê a minha.

Quando deu uma dentada nela, pulô uma moça bonita:

– Me dá água, me dá água!

Ele não tinha água, aí ela desapareceu. Aí diz que eles foi e chegaro numa artura, o José foi e disse:

– Cê sabe duma coisa? Eu também vô é comê a minha.

Deu uma dentada, apareceu a moça bonita:

– Me dá água, me dá água!

Num tinha, desapareceu.

Aí diz que o João falô:

– Enquanto num tivé água, eu não vô...

Quando tava num córgo correno, que ele foi e disse que falô assim:

– Vô comê a minha.

Deu uma dentada, pulô a moça, bonita que só se veno.

– Me dá água, me dá água!

– Ó, o córgo correno aí, bebe.

Aí diz que ela bebeu. E nisso chegô uma nega preta, com um pote na cabeça. Então diz que foi chegano, aí diz que viu:

– Ô, Sinhá, tão bonita que a sinhora é...

Aí diz que ela falô de inveja, e forçô a mão na cabeça dela e diz que apanhô um alfinete, exato na cabeça dela. Ela virô uma pombinha e saíu rodano, né? Primero tinha dado ele um cartão, e falô:

– Olha, esse cartão, aonde você chegá eles vão mostrá ocê que ali é que é o palácio.

Aí foi que ele deu, aí quando ele chegô:

– Aqui é que é palácio mesmo.

Aí falô assim:

– Cê vai buscá a carruagem?

Foi. Aí o moço entrô lá dentro e foi buscá a carruagem pa botá, pa buscá a princesa cum ele. Quando chegá lá, tá essa nega lá num pau, pindurada, que é ela que ficô no lugá da princesa. E a princesa virô uma pombinha e saíu avuando. Aí que chegô, já num deu, que ela falô:

– Ieu que sô sua.

– Ieu que sô sua? Ela que é minha? Mas, Jesus, quê que eu vô fazê cum essa pomba?

– Um cordão de oro, põe na sua mão, que eu ponho no pé.

Quando ele pôs, que ele puxô o cordão, foi justamente a princesa que ele tava esperano, que ele foi buscá a carruagem. Aí diz que ele pegô ela, disse assim:

– Quê que eu vô fazê cum essa nega?

Pegô um cavalo bem brabo e diz que pegô ela, botô ela pa muntá nesse cavalo, e o cavalo saiu pulano cum ela, ela pindurô o pé no cavalo

e saiu pindurano por toda a vida, com a pena de tipi da pata. Foi embora a nega.

Transcrição de Rogério Machado Caetano, a partir de narrativa oral contada por Geni Maria de Jesus, em Araçuaí, 1996, gravada por Jader Gontijo.

O tesoro do Padre Brasão

Padre Brasão foi um padre que, antes de Bernardo da Fonseca, tanto que lá tem uma parte, uma fazenda antiga, velha, atrás daquele quartel ali, que se chama Brasão, justamente por causa do padre Brasão. Mas os padre daquela época era padre por conveniência, porque ninguém procurava documento, ninguém ia procurá sabê nada; bastava chegá vistido de padre que era padre. Que eu sei de caso aí, de coisa aí, inclusive do cumpadre de meu pai, que vistia de padre, saía por essa mata aí; quando ele voltava, ele voltava cheio de dinheiro. Então, esse padre Brasão tinha muito iscravo, e ele fazia garimpo; e nesses garimpo dele – geralmente o iscravo sofria demais; isso é coisa que num precisa nem de dizê –, ele um dia bateu num iscravo. O iscravo, pa se vingá, correu lá no contratador e denunciô o padre, como se ele fosse... que ele tivesse uma fortuna em casa.

Inclusive, lá no tal Brasão, tem o marco da casa onde era, tem umas laranjera, tem u'as manguera, tem u'as limera: é coisa já muito antiga. Ainda tem essa restinga lá, partino de Diamantina, lá de cima daquele alto, do outro lado, lá onde antigamente eles chamava de curtume. Lá em cima, no poço do Jequitinhonha, o sinhô olha aquele campo que tem assim, à direita. O sinhô vê uma risca no campo todo – do quartel, o sinhô vê melhor –, e lá imbaxo, o sinhô vê os disbarranco que fizeram. É que naquele curtume desce o córrego, desce ali. Então, eles cercaro esse córrego e fizeram um valo pa levá água lá no garimpo, lá imbaxo. Esse valo existe lá no morro lá do otro lado.

Mas a mulhé do contratadô rezava muito, e ouviu. Ela tinha respeito pelo padre, né? Quando ela soube a história tudo, ela correu e contô o padre. Mandô um oto iscravo i lá e contá po padre que o iscravo tava ino lá, e que denunciava ele. Então, esse homem – esse padre, aliás – ele, depois que soube do negócio com o contratador, num ia tratá daquilo fora de hora. Ele saiu de casa e foi lá no tal Brasão, reuniu os iscravos todos, inclusive o que denunciô ele, e mandô que eles abrisse um buraco, pra iscondê o tisoro dele; e realmente ele tinha.

Qué dizê: alguém anda procurano esse tisoro até hoje. Intão abriro uma vala enorme, e ele amuntuô ali os diamante, oro, aquelas

coisa toda que ele tinha lá. Depois que tava tudo no lugar, ele convidô eles:

– Agora, nós vamo bebê aqui uma coisa.

E deu bebida pra todos, mas a bebida tava invenenada. Eles bebero e ele mesmo acabô de amuntuá eles todos em cima daquele negócio, e cobriu aquele negócio. Quando viero cobrá dele, ele num tinha.

– Não, eu num sei o que cê tá falano, não. Num tenho nada.

Mesmo lá no Brasão ninguém foi, puque a terra também era revirada por toda parte. Acontece que isso é coisa de mais de duzentos anos, né?, mais o menos isso. Puque Diamantina tê... a primera notícia que se deve tê de Diamantina é de mais o menos 1610. Intão, é uma coisa de duzentos anos; só pode sê disso. Intão, esse tisoro, tem aí nego procurano esse bicho pra todo lado: nunca se incontrô. Nunca alguém... nunca se diz nada; nunca ninguém achô nenhuma moeda, nenhuma argola, nenhuma inxada velha lá naquele negócio.

Intão, eles tem uma história lá em Diamantina, que tinha um moço que, uma noite, ele cismô de procurá. Parece que bebeu, coisa que vai, e ele tinha aquel' negócio encasquetado na cabeça, que ele iria procurá o tal tisoro. Bom, isso só pode sê história, puque o freguês, ele ficô loco, ele num podia tê contado do jeito que todo mundo conta. Intão, ele desceu lá no tal Brasão. Quando ele chegô lá no lugar lá, ele incontrô,

viu uma figura do padre, e que o padre num perguntô pra ele nada; só falô cum ele, só apontô pra ele:

– Vem, e ele acompanhô o padre.

Quando chegô em determinado lugar, o padre falô com ele assim:

– Ocê vai tomá posse de todo tisoro que eu tenho, mas que tem uma coisa: cê vai entrá cumigo aqui, mas não pode olhá pra trás. Cê não pode olhá pra trás o que acontecê aqui dentro, cê vai tomá posse de tudo. Mas se ocê olhá pra trás, acaba o trem todo.

E entrô cum ele. Ele acumulô, tinha corage. Aí, chegô nu'a certa altura lá que ele num 'guentô, tinha que olhá pra trás. Olhô, ficô doido. Morreu loco. Qué dizê, eu num cunhici nenhum dos personage aí, principalmente esse aí que diz que ficô loco. E por causa disso, tem várias história.

Transcrição de Rogério Machado Caetano, a partir de narrativa oral contada por Francisco Feliciano Souza Maia, em Diamantina, 1987, gravada por Reinaldo Martiniano Marques e Vera Lúcia Felício Pereira.

Quando o negro toma a palavra

A Festa do Rosário

O Chico Rei era um escravo, era um rei lá na África, né? Então, ês trazero, ês foi lá, levô um navio; ês levava os navio, chegava lá, atracava na África, e então? Ali eles invulvia os nego, né?, os nego entrava no navio, um monte de coisa, ali tava chei' de nego, eles disligava o navio e saía, num é? Então, ês saíno co' o navio, troxe Chico Rei, que era rei lá na África, ele e a mulhé. Eles chegando aqui no Brasil, ele ficô muito apaixonado, né?, puque era rei lá, e o que é que el' fez? O primero que ele fez, ele trabaiô, que no Brasil era o seguinte: o iscravo tinha o direito de forrá, `furria num é? Eles trabaiava co' uma quantidade de dinheiro dele comprá a liberdade. Intão ele comprô a liberdade dele; e trabalhô, comprô a liberdade da mulher e de dois filho. Aí ês treis, trabaiano, foi comprano alguns iscravo. Depois, ês compraro, ele quereno sê rei, el' afundô a primera festa do Rosário no Brasil, e ficô seno o primero rei do Brasil pra Festa do Rosário. A origem é essa, lenda ô origem?, que ficô seno o rei. Foi forrano gente e ficô seno rei. Todos ano ês fazia a festa.

E conta que na festa, também, que aquelas negra tudo, que pra nós trabaiaava muito oro, né?, nessa época, aqui pra Festa do Rosário, tinha uma pilha, que elas ia lavá a cabeça, aquele oro fino punha no cabelo, quando na hora da festa, elas ia, lavava a cabeça; quando acabava a cabeça, que era no otro dia, e que ia `purá aquilo, aquilo era uma ismola pra Nossa Senhora do Rosário.

Transcrição de Rogério Machado Caetano, a partir de narrativa oral contada por Joel, em Minas Novas, 1990, gravada por Reinaldo Martiniano Marques.

A história da caxa

Em uma história dessa caxa também. Essa caxa, tinha um nego aqui, Leramim Pinhero, que ele era um peão. Aí esse negro, ele era peão, e lá em baxo, na fazenda do Delgado, perto do Vau, tinha ota sanzala lá, do Carlos de Paula. Esse Carlos de Paula tinha um burro, e diz que ele recriô, virô rei do munto, ficô bravo. Aí esse burro, ninguém tinha corage de amuntá. Aí, numa época de Festa do Rosário aqui, diz que esse José, nego daqui do Vicente do Prego, virô e falô:

– Ó, ieu vô muntá no burro hoje.

Diz que ele tinha parte, muito forte. Desceu, foi lá, pegô o burro e falô assim:

– Vô muntá no burro no pêlo.

Muntô no pêlo, diz que o burro pulô muito. Aí a turma das negrada virô e falô assim:

– Ó, num munta no burro não, que o burro pode acabá co'cê.

Ele falô assim:

– Não, munto, que eu sô peão. Nasci pra morrê.

– Aí ele arriô o burro e muntô no burro. Quando ele muntô no burro, a turma da negrada virava e falava co'ele:

– Num munta, Zé, ocê num vai.

Ele falô:

– Eu vô. Vô pra Festa lá assisti a Festa.

E vei' acompanhano. Aí os treis viero acompanhano, a questão de uns treis quilômetro, e o burro só sartano. Quando chegô num lajeado, o burro caiu, entre as perna dele, morto, todo `rebentado. E nem o lumbinho num ficô em cima; o lumbinho foi o primero que arreventô e saiu, e ele continuô no pêlo do burro. E ele tamém, todo já quebrado. Mas ele num morreu na hora, não; e o burro morreu. Aí os negro foro procurá socorro. Viero aqui, no Leranim Pinhero, avisá aí, foro lá na fazenda do Carlos de Paula, lá da onde ele saiu muntado, foro em São Gonçalo, em mais de duas sanzala, juntaro as negrada, e pegaro ele no lajeado e levaro pa São Gonçalo, distância duns seis pa sete quilômetro. Chegô em São Gonçalo, colocaro dento da igreja. E, nessa época, dizia que tinha um padre muito virtuoso, o padre Espíndola. Aí, que esse padre Espíndola ungiu o corpo, e diz que o corpo nada de intregá. Aí o padre Espíndola falô assim:

– Vai em Milho Verde e pega a caixa do Rosário.

Mandô um portadô. O portadô veio, chegô aqui, pegô a caixa e levô. Quando foi chegano na porta da igreja, o padre falô:

– Toca na caixa.

Quando tocô na caixa, o corpo foi intregano.

Transcrição de Rogério Machado Caetano, a partir de narrativa oral contada por Ivo, em Milho Verde, 1989, gravada por Vera Lúcia Felício Pereira.

A história do cigarro

- Puque o vissungo é assim: cê tira e o otro responde.

- Tem que tê o respondedô.

- Tem. O outro tá ali pa respondê. A gente tira e o oto lá sabe o que que é que cê falô. Antão o oto responde. É isso. Ah, houve uma ocasião, aí, morreu um ti' meu. Ele era ti' segundo. Ele era irmão da minha vó. Chamava Ricaldo. Aí o que que 'conteceu, e tinha um cumpade dele, que não quiria que cantava po meu ti' - Bom, meu ti' num é do meu tempo, não. Num cunhici, não. Ele é ti' da minha mãe, num cunhici não - Aí, quando pens' que não, o cumpade do meu ti' morre, e veio um cumpade dele - que el' casô novin, sabe? Ah! tem um lugá chamado Ó - que é a fazenda Santa Cruz. Ah, bão. Vei' um tal de cunha'dele, cumpade dele veio, 'companhá o interro de meu ti'. E tinha meu ti' Juão Curto, Juão dos Santo, qu'é irmão do meu pai. E o Filmiano, qu'é o pai desse Bastião que tá duente. E tinha o tal Gazino, ês era bom. Já

tinha aquês meste, cantadô. Aí, num foi nada, não, que que 'conteceu, minin'. Quand'eu penso que não, meu ti' Noberto me contô essa história, quand'eu pens' que não, o home foi e falô assim, ó, o cumpade do meu ti' Ricaldo: "Ó, gente! Agora uma coisa eu vô pedi ocês. Eu num quero que canta po cumpade Ricaldo, não. Cumpade Ricaldo, num quero que canta po cumpade Ricaldo." Ah, o Firmianu mais o João meu ti, João do Santo: "É tá danado! Nós num vão pô difunto, com'é que vai sê? Nós num é 'custumado carregá 'sim, calado." Bão, meu ti' João. Bom, aí quando falô cum Firmiano: "É, com'é que é, cumpade? Nós vamo assim calado, nós num rompemo difunto, não." Isso é João meu ti'. Aí o Firmiano foi virô e falô 'sim: "Eh, nós num vão calado, não." Tá bão. E o home falô assim, vei' cá falô cum o Firmiano, Gazino e meu ti' João e fo'imbora pra frente. "Num quero cantá po cumpade Ricaldo, não." Tá bão, foi nada não. Quando o home olhô pra frente lá, meu ti' João Curto foi, virô, falô 'sim: "Nós vão cantá. Nós vão cantá" E ele mais o Firmiano era cunhado. Meu ti' João mais o Firmiano era cumpade e cunhado. Era tudo ali mão dada. Ah, Minino! Quando pens' que não, era tempo de povo sabido, quando pens' que não, tirô, o João Curto tirô o vissungo, e antão, o Firmiano respondeu. Quando o Firmiano respondeu, ah, meu Deus do céu! O home de lá de dento desceno falô que num era pa cantá po meu ti' Ricaldo, vei de lá de tráis pra cá, calado, preparô um cigarro

e intregô o meu ti' João Curto, irmão do meu pai. O que foi e fumô o cigarro. Ó, minino! Quando pens' que não, meu ti', quando Firmiano tira lá, cadê João dos Santo respondê? O Firmiano bole lá. Quedê o oto respondê? "Ahhhh". Tá roco de tudo. Ficô roco, cadê a voz saí? Aí o Firmiano vei' de lá pra cá. Chegô cá e falô 'sim: "Ah, cumpade! O que que o sinhô viu? Que o sinhô num tá, tocano o sinhô num tá respondeno?" "Ah, ah-hhh, ciigarr, ah" [sussurrando]. Quando meu ti' falô cum Firmiano, Firmian' falô 'sim: "Iscuta'qui ocê guardô o toco do cigarro?" "Tá'qui, no bolso daah camiiisa, tá'qui" [sussurrando]. "Ah num tem pirigo, não. Num tem perigo, não. Não, não. Se ocê guardô o toco do cigarro, se ocê tivesse jogado ele fora tava ruim, mas se ocê guardô o toco do cigarro, tem pirigo, não." Tá bão, passô a mão nesse toco de cigarro, falô: "Agora cê 'cende ele". Que ele fumô ele aqui, né? Ele falô 'sim: "Agora cê vira o lado que ocê pôs o fogo pa boca." E feiz umas coisinha lá, o Firmiano. Ah, minino! Quando pens' que não as voz do meu ti' vortô, mas vortô normar. Ah, minino! Mas aí foi, mas, diz que aí é que meu ti' João mais o, esse o Gazino e o Firmiano, mais cantô urrano perto desse home que falô que num era pa cantá com... Mas diz que foi retumbano até no Mio Verde, de pique co'esse home.

- O interro foi bruxaria?

- Ora! Entendeu?

– Mas ês foi bobo, porque o meu ti' foi bobo. Porque quand'a pessoa tá numa salva dessa, vamo supô que a gente tá no catopê, nós vão num catopê aqui na cidade do Serro e lá tem muita gente. O catopê tamém ele é de devassa um com o odo, né? A gente num pode bancá o bobo, entendeu? Num pode bancá o bobo, que qualqué coisa... leva tinta. É isto aí, leva tinta. Antão, a pessoa tem que sê sempre vivo! É isso, viu? É. Antão, a pessoa, meu ti' foi besta ele tamém tava distraído, né? Mas que tira as voz assim, tira as voz no momento. No catopê também é a mema coisa. Catopê, também tira as voz da pessoa que num fica valeno nada.

– Mas tira como?

– Na sabedoria deles, uai!

– O sinhô tem conhecimento dessa sabedoria?

– Não. Eu num sei nada, não. [risos]

Transcrição de Lúcia Nascimento, a partir de narrativa oral contada por Crispim, em Milho Verde. Extraída de: NASCIMENTO, Lúcia Valéria. *A África no Serro-Frio - Vissungos: uma prática social em extinção*. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003, p. 94-95.

A história da Fazenda das Abóbra

A do milho, conforme minha mãe nos contava, que o bisavô dela, Antônio dos Santos, o proprietário da Fazenda da Abóbra, foi a passeio no Vale Tijuco, vê lá o movimento das tropa da Real Extração trabalhano. Intão, na volta dele, ele encontrô o cadáver dum cumpadre dele, qu' era o Manuel Antônio, morto na istrada.

Anteriormente, tinha `ranchado um tropero levano um carregamento de milho pra um munho aí, onde foi a primeira casa da Reá Extração aqui no Borba, aonde inda tem até hoje, inda tem os comprovante das gigantescas pedra de munho vindo da África; veio até Porto Seguro no navio; de Porto Seguro vei' do carro de boi até `i.

Intão eles lá ia co' esse carregamento de milho, lá p' esse munho, e nele `ranchá nesse rancho, sempre escapulia aquês baguzim de milho, num consiguia apanhá, né? O Manuel Antônio gostava muito de jogo de buzo, e no qu' ele viu, o tropero arranchô lá neste rancho, ele tentô i lá

cunhecê o tropero. Chegano lá, viu os bago de milho, e começô a brincá co' esses bago de milho. Intão, esse tropero foi e perguntô:

– Uai!? Cê gosta desse brinquedo, desse jogo assim?

– Gosto, sô fanático.

– Tá, pois intão nós vamo divirti, purque eu também gosto; mais eu gosto de jugá a valê.

– Não, num tem `portância... Mas nós vão jugá.

E aí, depois que o tropero organizô lá os devidos coisas qu' ele precisava de cuidá, eles sentaro pra jugá. Jugaro até quase meia-noite. O Manuel Antônio ganhô do tropero treis quartos de pataca, qu' eram doze cobres naquela época, e o tropero não quis pagá; aí ês cumeçaro a discutí: paga, num paga; paga, num paga... O tropero puxô de uma garrucha povêra, deu nele um tiro e matô; e arrastô o cadáver dele, jogô lá na istrada. E juntô essa tropa e sumiu para nunca mais dá notícia.

Intão, o Antônio dos Santo vindo, isbarrô com o cadáver dele. O sol muito quente, mês de dezembro; cobriu o corpo, e chegô aqui na povoação e deu o alarme. Tava lá um cadáve sem assistência; num podia ficá assim daquela manera. Por ele tê sido o primero que passô nessa istrada, nesse dia, ficô como suspeito, seria o único suspeito pela morte. Foi preso, deportado pra Oro Preto; lá, ele teve quatro anos preso.

Intão, na Vila do Príncipe, havia um senhor de nome Teófilo Mucuri, qu' era muito amigo do Joaquim de Paula, proprietário da Fazenda del Prata. Iscreveu uma carta pra ele, qu' ele tinha uma plena certeza que a cadeia de Oro Preto ia sê `rombada, e qu' ele tinha esse cumpadre dele lá, muito amigo, confinante do terreno, qu' ele comunicasse pra ele que essa cadeia ia sê `rombada e qu' ele aproveitasse essa oportunidade e caísse fora, que seria o único caminho qu' ele podia consigui a liberdade.

Assim foi dito e feito: o Joaquim de Paula iscreveu uma carta pro Antônio dos Santo, pôs dois mil réis pr' as despesa dele no caminho. Logo qu' ele recebeu a carta, ele ficô aguardano, uns dias depois a cadeia foi arrombada e ele caiu fora. Fugiu.

Chegô aqui nas Abóbra, então ele, já com o cunhicimento qu' ele tinha do Alejadinho lá no Oro Preto, ele teve o ideal de fazê o forro da sala dele lá, feita pelas mão do Alejadinho. Intão fez esse forro lá, tudo em muldura: o céu, o coró de anjo, o sol e a lua. Mais lá era uma obra perfeita; tinha nessa fazendinha lá das Abóbra, na casa do Antônio dos Santo.

Daí, mais um pocos ano tamém ele morreu, o Antônio dos Santo, purque devido o tempo qu' ele ficô preso, ele istragô muito a saúde dele, né? E com poco ele morreu, dexô essa casa, e eu alcancei esse forro lá,

mais era uma maravilha, só sinhô veno. 'Cabô. Demoliro a casa, num subero dá o valor.

Transcrição de Rogério Machado Caetano, a partir de narrativa oral contada por Pedro Cordeiro Braga, no Vau, 1988, gravada por Reinaldo Martiniano Marques.

A história da Luzia

A Luzia era iscrava do Joaquim de Paula, a cozinhera dos nego, de muita confiança do Joaquim de Paula. E tinha um dos nego que gostava muito dela, mais interessado, né? Intão, mais ela não dava ele a mínima confiança.

Um dia, o Joaquim de Paula mandô ela no Vau. Ela vei' no Vau e ele ficô tucaino ela. Ele tava num serviço aí na vale, e intão ele quando viu ela descendo, ele vei' isperá ela aqui nesse mato. Quando ela foi passano, ele agrediu ela, ela correu dele, ele correu atrás, chegô lá na onde tava a cruz, ela num 'guentô mais corrê, nesse lugá ele isfaqueô ela e matô.

Aí, ele chegô lá no mei' da turma e falô qu' ele tinha matado. Logo um deles foi lá noticiá pro Joaquim de Paula.

O Joaquim mandô 'marrá ele e chamô um servente da cozinha, um cativo também, e chamô ele lá no fundo da fazenda e mandô ele fazê

uma cova, com tantos palmo de fundura, com tantos de cumprimento. Aí ele fez a cova. Foi lá na fazenda, chamô o Juaquim, mostrô ele se tava de acordo como ele exigia. O Juaquim disse:

– Tá, tá tudo de acordo. Mas agora cê vai lá e traz aquele nego que tá lá amarrado, qu' é pra nós interrá ele aqui vivo.

– O nego foi e istatalô os óio pra ele assim:

– Interra o sinhô! Eu não! Tudo que o sinhô mandô fazê eu já fiz, mas uma coisa dessa eu num faço não.

Aí, o Juaquim foi e notô a bravura do nego e temeu dele:

– Cê vem cá!

Levô ele na fazenda, pegô o caderno, pediu ele a carta de `forria e falô com ele:

– Some mais ele pra nunca mais eu tê notícia, nem sonhá com vocês.

Transcrição de Rogério Machado Caetano, a partir de narrativa oral contada por Pedro Cordeiro Braga, no Vau, 1988, gravada por Reinaldo Martiniano Marques.

A história do chifre de boi

É o seguinte: um dos cativo do Gerônimo, não suportando mais os rigores da crueldade desse senhor, Gerônimo, tentô um dia fugi. Fugiu e alcançô o quilombo da Serra das Alma, e nele já havia otros lá iscundido, dos rigô do senhor lá da fazenda do Buraca. Intão, lá ês uniuro, ficaro iscundido lá. E um dia, um desse, esse iscravo do Gerônimo saiu à procura de canela pr' acendê fogo lá no quilombo, à noite, porque é o único alimento qu' ês podiam adquiri era caças: era tatu, era paca, passarinho qu' ês matava pra pudê `limentá. Intão, só tinha direito de assá essas caça era à noite, pra num fazê fumaça, né?

Aí um dia, ele troxe uma canela, e eles `cendero o fogo lá pra assá as caças, e na raiz da canela foi conduzida as canjica de gorgulho. E depois do fogo im brasa, pegô a rolá aque'as pedrazinha vermelha, né?, cor das brasa. Inclusive rolô uma pidrinha lapidada. Um dos nego foi e olhô po oto e disse:

– Brasero? Ó. Quê, de pedra? Lapidada? Ó. Aquilo só pode sê diamante!

E afastô ela, e dexô ela isfriá. Depois de fria, ele lavô: era um bunito diamante. Intão, toda noite eles iam buscá esse gurgulho, aproveitando as noite de lua. E era um rico canar de gurgulho. Ês já tava com o chifre d’ diamante quase cheio, aguardando a liberdade, que um dia ês tinha a liberdade pra vendê esses diamante.

Aconteceu que um dos iscravo do Joaquim de Paula vai, saiu à procura de vela da serra pra ilumíá lá na sanzala à noite, que lá na serra tinha u’as vela que `pois de’a seca é uma luz que bileza, só veno, bunita. Intão, descubriu o iexplorado dele lá. Foi, chegô lá na fazenda, denunciô pro Joaquim de Paula que tinha esse iexplorado lá, qu’ ele num sabe por quem era. Joaquim de Paula foi e mandô oto de companhia, pra i, pr’ ês procurá, né?, pra onde ia aquele gurgulho.

Aí eles foram fazeno as perícia, percorreno, até que descubriu pra onde ia aquele gorgulho. Um dos cativo, dos nego, tava com o chifre na mão. Quando viu o movimento de alguém aproximando do quilombo, foi e arrolhô ele bem arrolhado, e atirô pelas brenha, que até hoje tá perdido.

Intão, acunteceu que esse iscravo do Gerônimo iscapuliu. Iscapuliu e alcançô as marge do Córigo dos Borba, e chegano lá na residêcia dum

que era encarregado do rei, que foi doado esse trecho do Córigo do Borba pra ele iexplorá pra ele. Intão, ele – a fome já era muita – ele tentô ficá lá trabalhando na residêcia desse encarregado. Até que enfim chegô no cunhimento do Gerônimo, ele mandô otros iscravo buscá ele, à procura dele, e que levasse ele de quarquê manera.

Quando chegô – tem até essa vertente, cê num passô num mata-burro de ferro onde tem um vácuo assim, onde tem um bambuzero perto, não, assim?

Pois é, aí do lado de cá desse regato, o Gerônimo mandô fazê uma cova de mais ô meno um metro e tanto de fundura, `marrô esse cativo, mandô pô ele im pé den’ da cova, e pôs, mandô pô a terra im roda e socá.

Todos que passava nessa istrada, diz qu’ ele ficava com a mão posta assim, pidino pelo amor de Deus que tirasse ele daquele sufri-mento. Mais ninguém atrevia, pelo medo que tinha do Gerônimo, qu’ era um home de coração cruel, né? Aí, coitado, morreu de fome e sede. Depois de morto, intão, mandô `cabá de intupi ele.

Transcrição de Rogério Machado Caetano, a partir de narrativa oral contada por Pedro Braga, no Vau, 1988, gravada por Reinaldo Martiniano Marques.

A história do Mocarorô

Quando, porque os primitivos foram os índio. Intão, a origem de tê ficado com o nome Furna do Mocarorô foi por isso. Foi porque "Mocarorô" foi os índio que adotô esse nome, ficando de origem tamém o nome de "Jequitinhonha" pelo seguinte motivo: eles, os índio, fazia o "jequi" e punha no rio e um ia olhá o jequi, chegava e falava com os outro:

– No jequi tem onha.

Intão, ficô o nome de "Jequi-tem-onha". E o nome "Mocarorô" foi dado por eles. Mocarorô.

Aí, depois, foi descuberto um rico calderão aí nessa furna, que foi explorado pelo Zé Joaquim, proprietário da fazenda aí entre Vau e São Gonçalo. Quand' ês descubriu o cascalho rico, ele cumeçô a... o nego chamô pra ele vê; ele, de tanta embiçãõ qu' ele teve pelos diamante, que tava brilhano, ele abriu um lenço e cumeçô catá os diamante. O nego foi e disse pra ele:

– Arreda sinhô, qu’ essa pedra tá pirigosa, ela pode pegá o senhor aí.

Ele disse:

– Num, qual, num tem pirigo, não.

E tá, cuntinuô cataiano. Cum pôco, a pedra `raiô, pegô ele da cintura pra baxo.

Ainda ele teve tato pra passá a carta de liberdade pro nego, porque tentô salvá a vida dele.

Transcrição de Rogério Machado Caetano, a partir de narrativa oral contada por Pedro Braga, no Vau, 1988, gravada por Reinaldo Martiniano Marques.

A história do portão de ferro

O portão de ferro foi o seguinte: eu, as tradições qu’ eu tenho de lá é que a Real Ixtração atentô tirá lá esse trecho incanalado. Intão ele disviô. É, disviô o ribeirão pra um otrecho, e tirô aonde eles tampo, e cumeçô a descubri os calderão de cascalho. Intão, intrô novo contrato do rei, de senhores explorá pela iscravidão. `Tonce, fizeram cum coisa qu’ é um portão de ferro aguardando aquilo ali, fecharo e trancaro, pra ninguém mais mexê.

Intão ficô lá, nem a iscravidão num descubriu. Agora, mais ô meno cerca duns trinta anos, o Davi Moriço fez um sirviço lá no mesmo incanalado onde ês já tinha sido lavrado pela Ixtração, num achô níum cascalho. Tinha disviado o rio pelo mesmo lugar onde a Ixtração tinha posto o rio. Aí ele perdeu todo o silviço qu’ ele tinha feito no incanalado, que lá ele já tinha sido lavrado. Acunteceu que um dos trabalhadô dele descubriu uma aba dum calderão e falô com ele assim:

– Ó, tem uma aba dum calderão ali, convém nós prová, vê se tem algum cascalho, ô se compensa fazê algum sirviço lá.

Aí, eles já disviô o rio lá pelo mesmo leito dele, e cumeçô a cateá, pegô sorte e achô o calderão, e aí foi uma riqueza, mais tirô diamante, foi pesá na balança de pesá tocinho.

Deve tê sido mais ô meno na época de mil novicentos e cinquenta e treis, mais ô meno. Ah, foi no tempo da Real Ixtração. Ficô, porque o rei fez novo contrato de iexplorá todos garimpo pela iscravidão. Mais acabô que a iscravidão, os sinhores num descubriu, esse local ficô aguardado lá até essa data quando o Davi Moriço descubriu. Mais o diamante que foi pesado na balança de pesá tocim.

Transcrição de Rogério Machado Caetano, a partir de narrativa oral contada por Pedro Braga, no Vau, 1988, gravada por Reinaldo Martiniano Marques.

A história do Sinhô dos Passo

O Sinhô dos Passo, ele foi feito de uma madeira, um cedro que foi criado no lamero aqui embaxo. E quando dirrubaro a madeira, fez o Sinhô dos Passo, aí um nego pegô um pedaço da madeira e fez um tamanco. Dize que o padre tava celebrano a missa, aí o nego passô em frente à porta da igreja, o padre tava celebrano a missa, e ele co' uma cabaça d'água, ele olhô pa dento da igreja e falô assim:

– Deus te salve, Sinhô dos Passos, criado no meu lamero, irmão de meu tamancão, Jesus Cristo verdadeiro.

E foi embora, falô voz bem alta. Aí o padre guardô aquilo, diz que terminô a missa, o padre mandô chamá o nego. Aí chamô o nego, o nego falô:

– Ah, seu Padre.

– Ô, nego, eu quero que cê me conta o que cê falô na porta da igreja em voz alta.

– Ah, seu padre, eu falei, sa padre: “Deus te salve, Sinhô dos Passo, criado no meu lamero, irmão de meu tamancão, Jesus Cristo verdadeiro”.

– Mas o que é que é isso, nego?

– Ô, sa padre, o cedro, que dirrubô, fez a image do Sinhô dos Passo, e dessa madeira, eu tirei um pedacim da madeira e fiz meu tamanco. É irmão ô num é?

Aí o padre levô ele pa roçá, coisa assim.

Transcrição de Rogério Machado Caetano, a partir de narrativa oral contada por Ivo, em Milho Verde, 1989, gravada por Vera Lúcia Felício Pereira.

Cena cruel de Chica da Silva

O meu pai nos contava sobre uma cena muito cruel da Chica da Silva, porque ela foi iscrava, e dipois pegô a tê iscravo. O Juão Fernandes, que era o encarregado do rei, ele se alucinou por ela. Intão dav’ ela todo o direito dela fazê o que ela desejasse.

Diz que um dia vei’ um cumeta trazeno imboxada do Rio, ô de São Salvador, que era capital da Bahia, ele e um camarada. Intão, passano em frente à casa da Chica da Silva, diz que ele sintiu sede e pediu ela água:

– Ô, dona, a siora podia arranjà um copo d’água pra mim?

Intão ela foi e mandô chamá uma iscravazinha:

– Traz água pr’ esse moço aí.

Diz que a iscrava veio com a bandeja e o copo com água. E ele tomô a água, e num sei o que que houve lá no ele tomá a água, a iscrava riu. Riu e mostrô ele os dente, mas que era uma coisa, era uma

dentadura perfeita da natureza. Diz que ele ficô em observação assim, disse pro companhero dele:

– Mas que dentadura perfeita, nunca vi!

Tá Bom. Bom, aí ele saiu percorrendo lá o arraial do Tijuco, acho que ainda era, Diamantina num tinha passado a cidade ainda não. Intão, quando ele chega lá no hotel onde ele tava hospedado, o dono do hotel, o proprietário do hotel, falô pra ele:

– Seu moço, ó, vô te dá um conselho: acho bom você i `mbora o quanto antes, porque aqui tem um presente pra você desagradável.

– Uai, mas intão vamos vê esse presente.

Ele foi, ele abriu assim: uma trevessazinha com os dente da iscrava `rancad' a truquês, que a Chica da Silva mandô `rancá e mandô pra ele de presente.

Transcrição de Rogério Machado Caetano, a partir de narrativa oral contada por Pedro Braga, no Vau, 1998, gravada por Reinaldo Martiniano Marques.

Como apareceu a Nossa Senhora do Rosário

Então, a Nossa Senhora do Rosário apareceu lá na igreja véia, atrás do paiol. Aí reuniu o pessoal branco, tudo, música, foi buscá ela, fuguete e tudo, troxe ela e colocô aí. Então, no otro dia, ela amanhiceu pa rua. Aí eles ficô pensano como fazia pa trazê ela pra lá. Então ela apareceu lá. Então, quando eles descubriro aqui, esse lugar aqui, fez a igreja pra ela, eles foro buscá ela de lá pra cá, e troxe ela, foi lá busca ela. Depois, eles dissero comé que foi; juntô os nego do cativero tudo e disse:

– Nós vão buscá ela. Nós vão buscá ela.

Então: viola, pandero, caixa, tambor, e foro lá buscá ela, e troxe ela.

Agora, eles ingana o povo, que ela `pariceu aqui no Rosário, mas eles leva aí porque é mais perto, mas se fosse pra levá lá era quase um

dia. No dia da festa, busca aqui perto, mas ela num apareceu aí de jeito nenhum. E essa igreja aí quem fez foi os cativero.

Transcrição de Rogério Machado Caetano, a partir de narrativa oral contada por José Rodrigues Soares, em Chapada do Norte, 1990, gravada por Reinaldo Martiniano Marques.

História do tempo dos iscravo

Aqui, naquela época, o pessoal daqui saía pa trabaiaí era no Estado da Bahia, numa lavra por nome Cincurá, né? Então, saiu um nego aqui por nome até de Pedro Caetano; foi trabaiaí lá nessa lavra, num é? Foi ele, o Zé Lorenzo, os otos... foi ele, né? Chegano lá, ele ficô lá, trabalhô, né? Lá, uma filha de patrão gostô dele, né?, do dono da lavra. Ele foi e robô ela; robô ela, veí' e troxe aqui pra Chapada, que ainda tem muita descendência dela aqui, né?; troxe aqui pra Chapada.

Ele, quando descobriu, ele mandô dois negro pra vim à procura dela, num é?, e declarô ele que se encontrasse ele, se ele tivesse casado, não fizesse nada; e se não tivesse casado, matasse ele e ela, né? És foi e viero. Quando chegô aqui na Chapada, encontrô ele com ela, mas ele tinha casado. Aí eles nem deu decisão e voltô pra lá. Quando foi daí uns tempo, chegô dois iscravo pra ela, aqui, num é? O patrão lá mandô dois iscravo pra eles vim aqui, mas é que eles num consiguiou ficá co' os

iscravo, porque ele era preto, ele era negro, num é? Os iscravo foi chegado aqui e falou:

– Ah, eu! Eu, trabalá pra sinhô preto? Eu num trabaio não! Eu num trabaio pra sinhô preto, não. Num trabaio pra sinhô preto de jeito nenhum.

Ficô, aí pegô só falá que num trabaia, que ia fugi, ia fugi... O Pedro Caetano passô a mão e vendeu os dois iscravo; vendeu os dois iscravo, num trabalô; vendeu ês pra fora, porque sabia que os dois num ia trabalá pra ele, porque os iscravo eram muito orgulhoso, né? Eles quiria sê iscravo dos branco; eles num quiria sê iscravo dos preto; porque ele era preto, eles falou que não, era igual, que ês num ia trabalá.

E o Zé Lorenzo, esse que eu lá ia falano nele, ele era minino nessa ocasião que o Pedro foi, ele foi mais ele. Mas foi assim: a mãe dele ajustô ele, né?, pa i trabalá la na lavra de Cincurá. Ele foi lá, trabalhô lá, pa trabalhá lá, e todo mês, o dinheiro que ele ganhava lá vinha pra ela aqui em Chapada, né? Mas, lá na lavra, ês fazia o seguinte: ele era ajustado, mas o dono da lavra lá, e que tinha ajustado ele, dava a ele licença, né?, de trabalhá a semana pra ele; agora, dia de domingo eles ia pa iscá pra eles mesmo.

Zé Lorenzo, então, contava, isso aí eu mesmo vi ele contá muitas vezes, né?, que eles lá trabaia era de dia de domingo; trabaia a

semana po patrão e dia de domingo pra ele. Foi trabalhano, trabalhano; quando ele vei', de vez em quando, tirava a pedra né? Foi gardano as pedra, foi gardano. Quando ele chegô aqui em Chapada, ele comprô umas duas ô treis novilha, né?, com o serviço de dia de domingo. Foi ficando e essas novilha foi rendeno. Depois de velho, depois de já tá velho, o gado rendeu muito. Mas, depois, o que que ele faz, ele sai daqui com uma boiada pra vendê numa cidade aqui perto, cidade de Araçuá, né? Chegano lá, quando ês lá ia levano os boi, um boi dele panhó uma bichera. Eles conversaro em curá o boi, mas era difícil, porque num tinha criolina, num tinha remédio. Aí um virô pra ele e falô:

– Ô, Lorenzo, porque você não cura de palavra?

Ele falô:

– Eh... ieu num curo, porque eu num sei curá.

Um lá falô co'ele:

– Poi' então, eu vô curá pra você.

Curô. Daí a pouco, curô a bichera, e tudo... Daí a pouco, quando chamô o Zé Lorenzo, falô:

– Ô, Zé, vem cá; eu vô insiná ocê a curá a bichera de palavra.

E virô pra ele e falô:

– A bichera é assim. Cê faz o seguinte: cê pega um pé, os ramos, e vira pa criação, seja dez légua, cem, ô qualquer quantidade, e então

cê fala o seguinte: "Assim como o sirviço de dia de domingo não leva ninguém em diante, assim é qu' esses bicho hão de caí".

Vinha fazeno sete cruces, né?, treis vezes:

– De um a um, dois a dois, de treis a treis, de quatro a quatro, cinco a cinco, seis a seis, e sete a sete, até o último, né?, fazeno treis vezes com as cruz, com os ramo lá p' aquele lugar. Depois que acabá, cê passa a mão e joga os ramos atrás; aquela bichera cura.

Aí ele foi falano com eles:

– Eh... não me serve essa cura, porque minha criação toda foi comprada foi com sirviço de dia domingo.

Transcrição de Rogério Machado Caetano, a partir de narrativa oral contada por Joel, em Minas Novas, 1990, gravada por Reinaldo Martiniano Marques.

Na ocasião da iscravidão

'Tão, um fazendero, fazendero foi comprano, comprano nego, foi comprano, comprano, comprano. Quando já tinha bastante nego mesmo, aí ele, tinha aquês feitor pa governá os nego lá no mato. 'Tão, feitor ia pa lá e o feitor num fazia nada, só atrás. Negaiada tá trabaiano, feitor tá com `çoiterão na cacunda atrás. Antão os nego ia cortano. Pegava assim, lá vai cortano, o camarada, o regente dêz lá vai atrás `cumpanhano com o `çoiterão na cacunda. Chegava numa artura, ês inventav' uma pestana lá de mintira lá, com uns aos oto, o governadô dêz ia conseiá ês, ês curria atrás, curria atrás e pegav' ele e matava. E aí ês ficava de folgado lá no mei' da roça, trabaiano lá sussegado, a hora que ês quiria tava trabaiano, na hora que ês quiria tava sentado. Chegava, quando era de tarde, que ês envinha, passava na porta da fazenda pedi pros patrão, fala:

– Ó, cê vai buscá fulano de tal `sim que cê mandô pa oiá nós lá. Ê tá deitado lá no mei da terra lá.

Aí ê mandava lá. Buscava lá, mandava abri um buraco, jugava dento.

Ês foro matano. Todo que o fazendero arrumava pa de como lá diz que era feitor pa usá ele lá, matava tudo.

Aí, um dia, chegô um hom', chegô, vai passano:

– Ô, tem sirviço aí?

Ele falô:

– Temos, pode chegá pra cá.

Aí o home chegô, ê falô:

– Ó, sirviço que eu tenho aqui é pa feitor, viu? Que eu tô com uns nego aqui que todos que eu arranjo pa usá ele lá, ês mata tudo.

Falô:

– Eh, patrão, então eu num quero nem sabê! De jeito nenhum, uai! Se ocê num arruma oto sirviço?

– Não! Só tem esse sirviço só.

Fala:

– Seno pa mim trabaiá mais ês, eu quero.

– Não, de jeito nenhum. Num quero mais nego, não. Eu tô picisano é de feitor pa oiá ês.

Fala:

– Ah, patrão, mas desse jeito que cê tá contano aí, ês já matô muito. Eu num quero morrê agora, não.

Aí, ê desceno mais o fazendero, fala:

– Pois é, patrão, `tão, antão eu posso i `mbora.

– Tão pode i, se fô p' ocê trabaiá mais eles, cê pode i `mbora.

Falô:

– Ô, patrão, mas eu tô picisano de ganhá um dinheiro.

– Pois é, ma' o sirviço ta i procê, uai. É procê oiá ês lá na roça. Eu fui lá um dia lá, ês correu atrás de mim. Se um cavalo num é bom mesmo, ês tinha me matado. Nem ieu num vô lá na roça, não.

– Pió é isso! Ês num respeita o sinhô, vai respeitá ieu? Pois é, pois é, o sinhô num arruma oto sirviço pa mim?

Falô:

– Não, só tem esse. Só o sirviço que eu tenho aqui na fazenda é esse aí. Óia ês.

`Suntô, `suntô. Fala:

– Eh, patrão, eu tô picisano de ganhá um dinheiro mes'. Eu vô arriscá. Eu vô arriscá esses home me matá e ieu vô `riscá. Eu vô ficá.

`Tão ficô. Quon' foi à tarde, lá envém os nego chegano. Passa na frente da fazenda. Ês lá:

– Ó, aqui ó, pa vigiá ocês lá que ocês num tá importano nem cumigo mais. Eu, todo que eu `rumo, ocês mata e fica lá à toa, trabaia a hora que qué, fica lá forgado. Óia o que eu arrumei procês.

Aí o falô:

– Ô, moço, num assusta, o patrão tá falano não que pa mim eu posso i é pa trabaiaí mais ocês que, se eu fô mais ocês, se eu fô governá ocês, ês num deixa nem eu chegá lá na roça se eu fô mais ocês.

Aí os nego foro passano tudo calado pra lá, foi vê couve dê. Depois que ês passô, falô:

– Aí, patrão, queijo aí?

Falô:

– Tenho.

– Me vende aí um mucado de queijo aí.

Patrão vendeu um mucado de queijo pra ele, e aí foi, pegô um tacão de queijo, foi lá po lugá dos nego. Tá junto bateno papo lá mais os nego, tal. Pegô, deu queijo ês todo. `Tão agradô ês. Os nego ficô muito sastifeito com o home. Fala:

– Ah, este é diferente! Esse daqui é... os que é aí nunca fez uma coisa dessa. Ê tá aqui agradano nós, bateno papo aqui mais nós.

Ficô lá. Tá dando a noite bateno papo mais os nego. E aí, quondo foi no oto dia cedo, na hora que os nego invinha passano, o hom' entrô lá dento e trouxe o `çoiterão, falô:

– Toma aqui. A hora que ês picisá, ocê num tem dó não.

Falô:

– Ó, ô, patrão, pa que isso? Se eu fô levá essa `çoitera, ês num deixa eu nem chegá lá na roça, não.

Falô:

– Não, cê tem que levá ela. É a arma sua, é essa aí, ó.

Falô:

– É?

Ê disse:

– É, tem que levá a `çoitera.

Aí falô:

– Ô, gente, eu vô levá a `çoitera mais não. A hora que chegá lá, eu ponh' ela no toco lá. No mei' da roça. Eu num vô ficá lá com `çoitera na cacunda atrás docês, não.

Mas os nego já ficô mei'... Gostô muito dele na hora que ele levô os queijo lá, mas aí tudo que ele `panhô o `çoiterão na cacunda, os nego num ficô mei' sastifeito não.

Antão, lá vai atrás dos nego. `Çoiterão na cacunda. Tão panhano. Quan' chegô lá na roça e o home tinha um revórvi e uma pistola de dois cano, quando ês chegô lá na roça, ê, nego tá oiano, ele num pôs a `çoitera no pau, não, tá com `çoitera na cacunda cumpanhano eles. Tá trabaiano pra `qui afora. O feitor tá c'ó çoiterão na cacunda. Ês disse:

– É moço, ê num garantiu o que ele falô, não, pois se chegasse aqui, que ê punha ela no toco e ê tá co'ela na cacunda. Ê, pois é.

– Pois é, então nós vão mostrá ele. Nós vão fazê co'ele a mesma coisa. Nós vão matá ele tomém. Disaforo dele. Ele tá com `çoiterão na cacunda cumpanhano nós.

E aí, quando ele inventô a tal questão lá de mintira e o home foi pidi, disse:

– Ô gen', num faz isso todo mundo. Mas cês tudo, os camarada tudo junto, já véio da fazenda, acostumado e fazê um papel desse?

Caçô uma briga, inventô uma briga de mintira pa pudê consumi o hom'. Falô:

– Ó, num faz isso não. Cês tudo ó, junto. Há muito tempo que ocês tá junto, eu num sei que isso aqui agora, mas tem tempo, tem muito tempo que ocês tá junto. É feio, isso aí é feio. Uma questão.

Aí os nego cresceu nele. Cresceu no hom' e o hom' correu. Os nego imbocô atrás. Imbocô atrás e ele pelejano pa tirá pa disbutuá a

capa do revólvi. Quando ele disbutuô a capa do revolvi, `rancô assim e deu seis tiro assim, caiu seis nego. Caiu seis nego. Ele meteu a mão na pistola. Quando ele `rancô a pistola, os oto correrero. Os oto correrero, pegaro na inxada e foro trabaiaí e aí seis ficô deitado. E aí, aí sim, foi mostrá o que que ele era. Quando falasse quarquê uma bobagezinha, ele pegava aqui, largava na `çoitera `té saí lágrima. Largava de lá pra cá, `té saí assim. E tá atrás dê com o `çoiterão na cacunda.

Quando deu à tarde, na hora, ele:

– Ó, vão imbora.

Pega a negaiada toda com `çoiterão na cacunda. Quando ê chegô, contô po fazendero, falô:

– Ah, patrão, assucedeu um negoço lá ruim. Cheguei lá, ês trabaiano muito bem, chegô numa artura, ês inventaro lá uma questão lá e eu fui pidi ês e ês `cabô foi correno atrás de mim. Quando eu vi mes' que ês me pegava, eu `ranquei o revolve e di seis tiro. Caiu seis.

Fala:

– Agora, ocê podia tê matado mais.

Ele mandô um carretão lá, mandô abri um buracão e puxô essa negaiada toda no buraco.

Aí sim, desse dia em diante, o hom' foi mostrá o que que ele era. E o sirviço do fazendero andô mes'. Chegava, num tinha cunversa, num

tinha nada. O hom', nego num tinha nada, licença de ficá cunversano de jeito nenhum no sirviço, de jeito nenhum. Pegô, pegô mesmo. Tava atrás. Por quarqué coisa ele pegava, cumeçava a batê de uma vez, batia de fora a fora, lavrava até saí lá lavrano, até aqui na 'çortera, tirava com o 'çoiterão na cacunda.

Aí, o hom' lá vai na fazenda. Quondo o hom' deu ponto de i imbora, o fazendero falô:

– Não, moço, eu vô aumentá seu ordenado. Cê num pode saí daqui não.

– Ô, moço, ma' eu prciso de i pra casa.

Falô:

– Não, eu pago ocê tanto. Pode ficá.

'Tão o home foi ino. Toda vez que o hom pidia pra i imbora, o fazendero aumentava. Chegô numa artura que o hom' tava teno dinheiro da fazenda quase igual o fazendero mes'. E sem pudê saí e quereno i imbora, o fazendero num deixava que ele num 'rumava oto igual. Igual esse.

Ele chegô com aquelas de mole, mas num sabia o que é que ele era. Quando ele falô que ele ia 'riscá morrê, já tava sabeno mais ô meno que que ele ia fazê.

Matô esses nego tudo e o fazendero foi ino, foi ino, foi ino, foi ino, foi ino, o home costumô, falô:

– Eh, o jeito é eu ficá aqui nessa fazenda mesmo. Eu quero i imbora, fazendero num deixa, ordenado... dinheiro eu tô bastante aqui na fazenda. Eu tenho dinheiro mesmo. Aí, num fazia nada. Só oiava nego na terra lá à toa.

E o fazendero falô:

– Não, eu num acho oto igual ocê não. Eu achei ocê. Ês já matô muito. Todos que eu arranjo aqui ês mata tudo. Eh, mas topô ocê, ocê que inganô ês. Matô seis e os oto afirmô.

Transcrição de Ana Elisa Ferreira Ribeiro, a partir de narrativa oral contada por Joaquim Soares Ramos, em Minas Novas, 1997, gravada por Sônia Queiroz.

O acidente versado

A gente bate um papo com umas pessoa aí, eu vi uma coisa incrível, rapaz: um camarada analfabeto, que eu num sei nem o nome dele, que eu era novato no lugar.

Em 1959, 1960, saiu um ônibus de Brasília ino po Rio Grande do Norte, e, quando chegô em Couto de Magalhães, quando chega Rio Manso, o ônibus parô. E esse pessoal que vinha aí do Norte, viajano por aí – que lá po Norte eles era mesmo que lagarto.

Eles tava vino de Brasília, e Brasília tava em construção; tava ino pro Norte. Ês passaro ali, e puque nortista pode sê muito bom quando ele tem uma certa cultura, puque os otros, eu vô te contá. E eu tô te dizem por experiência própria, porque eu já vi. Então, tava chaveno, mês de janero: os dois camarada ficaro bebeno lá dento do bar, e o motorista foi e num quis isperá eles. Pegô, entrô dento do ônibus e

buzinô, buzinô. Eles num viero, tá lá bebendo, conversando, e foi embora, e dexano esses dois home lá.

Trinta quilômetros depois, num lugar chamado Tombador, paiolão, a estrada descia morro assim, e subia o outro lado. No ele subiu o outro lado, perdeu qualquer coisa lá e o ônibus voltou de ré, e despique lá embaixo, caiu buraco abaixo. Morreu todo mundo, menos os dois que ficaram lá; mas eles também ficaram doidos. E tem esse mal, né?: o camarada, quando morre de desastre, quando era pra ter morrido, ele fica doido.

Então, tinha um crioulo, um pretinho, que morava lá embaixo, no tal buraco, que viu o ônibus cair lá de cima. E ele procurou intervir, saber o que que foi, que que houve; então, contou pra ele a história real, depois que aconteceu. E esse home fez uma história daquilo, tudo rimado.

E eu era pouco conhecido lá em Felisberto Caldeira nessa ocasião; então eu achei uma coisa maravilhosa, porque é como eu tava contando a um professor aqui outro dia: o de inteligência que nós temos desperdiçado por aí, que num tem quem dá a mão, pra ele num tem escola... Tá vendo as minhas filhas que praticamente perderam o ano, num tem escola, num tem controle de nada. Eu num posso pagar uma escola

particular pra duas filhas. Então, elas tem que esperar: se vai continuar. Porque ficou nessa anarquia que tá por aí...

Transcrição de Rogério Machado Caetano, a partir de narrativa oral contada por Francisco Feliciano Souza Maia, em Diamantina, 1987, gravada por Reinaldo Martiniano Marques e Vera Lúcia Felício Pereira.

O caso de Pai Joaquim

O caso de pai Joaquim é o seguinte: ele era um cativo d'um fazendero. E aí, quando deu um dia de manhã, tava chuveno muito e naquele tempo os animal ficava solto po mato. Num tinha manga, num tinha manguera, num tinha nada. Então, o cavalo do senhor dele tava po mato, né? Então ele mandô pegá o cavalo p' ele viajá. Ele foi pegá o cavalo.

Antão ele foi lá, mexeu, mexeu, mexeu até mei'-dia e chegô moiado de chuva que tava caíno. Até que ele `dueceu, vei' imhora.

Quando ele chegô na fazenda, o fazendero fez ele vortá pa trás pa caçá o cavalo. Ele moiadim, sem cumê nada, já era mei'-dia. Aí, a cuzinhera correu, pegô uns torresmo e correu a casa e deu ele os torresmo, né? Na porta da sala, né? Na saída, atrás do curral. E ê' foi imhora que ele topava consumi sozim com os torresmo.

Lá ele foi po mato. E ê' num apariceu mais. Ficô, demorô dimais e assim o escravo sinhô mandô atrás dele de novo pa vê o que ele tava fazeno. Chegô lá, os otos nego achô ele morto no mato. Tinha murrido.

Pegô, vortô pa trás, falô com patrão que ê' tava lá morto no mato. Disse:

– Ah, então faz isso: cês pega uma junta de boi e leva lá pa pô camarada.

Os nego pegô uma junta de boi, arriô e levô. Chegô lá, passô a corrente no pescoço de Pai Joaquim e tocô os boi, tocô os boi e aquilo foi os boi andô, ele andô no ar assim ó, num pegô no chão não. Vez de `rastá como pau no chão, que era pa sê assim, né?, `rastá como um pau, ele foi no ar assim. O boi andô um bucado com ele no ar assim. Os nego parô o boi, parô os boi e mandô de volta tudo de novo pra casa, pa fazenda.

Chegô na fazenda, ele contô o patrão com' é que deu lá. Ê' disse:

– Então faz isso: vorta e `panha um cubertô e põe, e traz ele no cubertô.

Aí vortaro e panharo ele no cubertô e levô pra casa de lá, ês troxe ele pra `qui. Aí já foi home todos, troxe pra `qui sipurtô aqui. Cê vê que o pade em poco tempo, ele pegô gente fazeno promessa. Fazia

milagre, né? Milagre po povo. E até hoje ele faz. Quem faz promessa aqui, ele avalia. Quem pagô ele sempe, avalia.

Transcrição de Ana Elisa Ferreira Ribeiro, a partir de narrativa oral contada por Generoso Lemos de Oliveira, em Jenipapo de Minas, 1997, gravada por Sônia Queiroz.

O iscravo enterrado vivo

Intão aqui, anteriormente, eu vô dizê pa sinhora uma verdade, sucedeu muitas cenas importante. Pelo menos lá na fazenda Delgado foi enterrado muitos iscravo vivo.

Aqui onde a sinhora passô, aqui adiante, mais ô menos... num chega bem treis quilômetro, tem uma vertente onde tem mata-burro de ferro – a sinhora num passô por ele?

Pois é. Ali, do lado de cá daquela vertente, foi enterrado um iscravo ali, vivo, e esse foi no maior sofrimento. Porque o sinhô que mandô enterrá ele lá mandô fazê a sipultura, mandô ele pô ele em pé, e socô a terra em roda dele até pra cima da cintura, im roda, e dexô ele lá, morreno de fome e sede.

Todos que passava na istrada, diz qu' ele punha as mão e pidia pelo amor de Deus tirasse ele daquele sofrimento, mais quem é que ia sirví ele? Porque... receio do sinhô pai dele, qu' ele era muito rigoroso.

Lá, esse nego morreu de fome e sede. Depois que morreu, acabou de mandá intupí.

Transcrição de Rogério Machado Caetano, a partir de narrativa oral contada por Pedro Braga, no Vau, 1989, gravada por Vera Lúcia Felício Pereira.

O moço ressuscitado por Pai Jacarandá

O Pai Jacarandá, conforme as tradições, ele tinha, parecia que tinha parte até com o demônio. Ele ia sempre im Milho Verde bebê cachaça, mais pra não dexá falha no lugar dele, ele dipindurava um sobrecasaco, que ele levava aguardano o frio, e punha nu'a estaca, e cuspia lá em roda, e saía. Saía, o Joaquim de Paula chegava, num dava farta dele lá no sirviço; o sirviço cuntinuava como se ele tivesse lá.

Um dia ele saiu, e tinha dexado um dos cativo, rapazim novo ainda, duente, e foi im Milho Verde bebê cachaça. Quando ele evém no Campo Alegre, isso é tradição de minha mãe; nos contava qu' ele incontrô com a rede do rapazim, qu' ês lá iam levano ele pa interrá no Milho Verde. Com a rede. Que nessa época só tinha... o cimitério ainda era no Milho Verde. Intão ele perguntô:

– Quem é esse aí?

Disse:

– Ah, é fulano.

Eu num sei o nome não, num fiquei sabeno não.

– Põe a rede dele no chão aí.

Pusero a rede dele no chão, ele olhô:

– Ah, dessa vez ele num vai interrado não.

Meteu a mão na capanga, tirô uma raiz, rapô, pôs num coitezinho, pegô a cachaça, e pôs lá um poquinho da cachaça, e misturô:

– Abre boca dele.

Diz qu’ ês meteu uns ferro, abriu a boca dele, umas faca, num sei que lá mais, abriu a boca dele à força, e ele virô. Virô o remédio, diz que passaro uns momento, diz qu’ ele cumeçô a mexê. Cum pôco ele abriu os olho, sentô, depois ele mesmo levantô e voltô são. Ressuscitô.

Transcrição de Rogério Machado Caetano, a partir de narrativa oral contada por Pedro Cordeiro Braga, no Vau, 1988, gravada por Reinaldo Martiniano Marques.

O nego na porta da igreja

O negro chegô hoje. Cai aqui, cai ali. Chegô assim, foi na porta da igreja dormino, cochilano. Aí a dona, a dona chegô ele tá sentado lá na porta dele. Aí a dona chegô, falô assim:

– Ô moço.

Ele:

– Quar que é?

– Ô moço.

Ele falô:

– Que é?

– Cê num viu se a missa já entrô não?

– Ô, dona, se entrô foi pa otra porta, que por aqui num passô não.

Transcrição de Ana Elisa Ferreira Ribeiro, a partir de narrativa oral contada por Abel Tareco, em Malacacheta, 1996, gravada por Sérgio Silva.

O nego na manjarra

Existia um rei que tinha uma fia muito bonita, e ele tinha seus iscravos. Então, muitos iscravo era invocado a querê casá co' a fia do rei, né?, pro cê vê que num pode mesmo, né?, iscravo casá co' a fia do rei. Aí, todo dia, na frente da casa tinha um alpendre, a moça sentava no alpendre e ficava leno revista. Então, o nego passava entre um serviço, junto co' os oto e cumprimentava ela.

– Bom dia mi'ró.

É que ele queria dizê “bom dia, minha rosa”, mas, como a língua dele num dava, ele falava “miró”.

Então ela respondia:

– Bom dia, nego.

Aí, quando foi um dia, ela perguntô o pai dela:

– Papai, o que quer dizê “miró”?

Ele disse:

– Por que, minha fia?

– É porque todo dia passa um nego aqui e me cumprimenta desse jeito: “Bom dia, Miró”. Eu respondo: “Bom dia, nego”.

Aí, quando foi um belo dia, o pai dela falô assim:

– Sabe, o dia que ele passá aqui e te cumprimentá falano “Bom dia, miró”, você responde “Bom dia, meu cravo”, e convida ele pra vim sentá aqui com você e me chama, que eu quero insiná ele.

Assim ela fez. O nego lá ia passano, o nego lá ia passano, aí, quando ele falô “Bom dia, miró”, ela foi e respondeu:

– Bom dia, meu cravo. Vem chegá pra cá; vem sentá aqui comigo...

Aí ele foi. Sentô lá cum ela, aí ela foi e chamô o pai dela:

– Ó, o nego tá aqui, pai.

Aí, quando o pai dela chega, fala assim:

– Bom dia, nego.

Ele assim:

– Bom dia, sinhô.

– Intão você qué mes’ casá co’ a mia fia, né, nego?

– Eu pretendo casá co’ela.

Aí foi, falô:

– Tá certo.

Era época de moage, eles tava moeno, e falô assim:

– Vamo, pega lá dois copos minha fia; vão lá pra varanda do engenho pra gente tomá uma garapa.

Aí, certo. Foi lá, passô a mão nos dois copo e foi convidô o nego, e foi o rei co’ a fia e o nego, foi lá pa varanda do engenho. Chegô lá, o rei incheu um copo de garapa, deu pra filha dele e incheu oto e cumeçaro a tomá a garapa. E chamô o oto nego e falô assim:

– Olha, traz uns dois dos iscravo aí e fura a orelha desse nego, e tira aquele boi da manjarra e coloca ele lá no ingenho, e coloca ele pra ele moê, enchê o cocho.

Que o cocho tava vazio. Assim eles fizeram: furaro a oreia do nego, tirô o boi lá da manjarra e colocô o negro, e chegô coro nele; foi bateno, bateno, obrigando ele a moê, até que incheu o cocho. O rei saiu e foi imhora com sua filha, e o negro ficô lá moeno. Quando o cocho incheu, eles tiraro ele da manjarra e o nego saiu e deitô lá no bagacero, e ficô triste chorano lá.

Aí, o nego saiu e foi imhora. Quando foi no oto dia, na hora de i po serviço, o nego passô junto co’ os otos de frente o palácio, mas já passô calado; num quis cumprimentá a moça.

Aí, e o rei tinha insinado pra ela:

– Se ele passá calado, você chama ele e bole com ele, cumprimenta ele.

Assim ele fez; aí, passô calado. Quando já tava dano as costa pra ela, ela falô assim:

– Bom dia, meu cravo. Por que cê le vai passano calado? O quê que `cunteceu?

Ele foi e virô pra ela, falô assim:

– Cê fala pro seu pai, que quem tem seus canaviais grande que previne de boi, que eu num sô boi, não.

E pronto. Terminô a história.

Transcrição de Rogério Machado Caetano, a partir de narrativa oral contada por Francisco Lourenço Borges, em Turmalina, 1987, gravada por Reinaldo Martiniano Marques.

Os tamborzero

É o seguinte: vieram os tamborzeros de Minas Novas, aqui, assisti à Festa do Rosário, num é? E chegado aqui, na hora da saída do reinado, lá na porta da igreja, ês começaram a batê o tambor, né? E os daqui chegaram também, ficou eles um perto do outro, um dum lado e outro d' outro. Agora, cada um deles, que é a Festa do Tambor, cada um que se mostrará melhor, né? Pulá melhor, cantá melhor, aquelas bobage de antig' atrás, né? Aí ês foi cantano, cantô que eles num sabia nada, sabe num sabe, o otô falano que é ele... Aí, daí a pouco, quando ês já tava naquele duelo, há muitas hora, os tamborzero aqui de Chapada do Norte suspendeu o tambor, num é? Quando suspendeu o tambor, saiu um galo preto `rupiado, pescoço pelado, e tchiú!, pá!, rastano asa assim, no largo, né? Aí, os daqui acharo muita vantagem, num é?, que achô que tava... vencia co'ele, que tava venceno, num é? Quando ês achô que tava venceno, os tamborzero de Minas Nova arribô o tambor: saiu um gato preto. E esse

gato preto foi pegano esse galo rupiado, e desceu pa bera do Capivari, saiu lá no Largo do Rosário, e foi desceno no buraco e foi imbora co' o gato preto.

Transcrição de Rogério Machado Caetano, a partir de narrativa oral contada por Joel, em Minas Novas, 1990, gravada por Reinaldo Martiniano Marques.

Pai Francisco

Os iscravo das Abóbra... O pai Domingo, não, o pai Francisco, Mané Francisco [Entrevistador: Pai Francisco, encarregado dos escravos da fazenda das Abóboras.] É.

Intão minha mãe sempre nos contava, que a vó dela contava que esse Mané Francisco, o rio podia tá nas maió inchente, qu' ele falava assim:

– Eh, eu hoje vô cumê os torresmo d' cumadre.

– Ah, Mané Francisco, num vai não; cê morre afogado.

Disse:

– Ah, afogado nada!

Diz qu' ele tirava a precata, batia a precata uma na otra, carçava `tra vez, entrava no rio. Intrava, cum pouco, ele saía d' oto lado, e tirava as precata:

– Ô, cumadre, minhas precata tá inxuta.

No dia qu’ esse Mané Francisco morreu, minha mãe sempre nos contava, que eles levaro ele nu’a rede pa interrá no Milho Verde, quando chegô lá no Campo Alegre, tinha dois rapaz, vistoso!, um do lado do caminho e oto do odo lado, dibaxo. E diz qu’ esses dois moço:

– Vô, – ‘sim – licença, nós vamo carregá essa rede um poco.

Diz que um pegô no colo da rede adiante, o oto pegô atrás. Quand’ eles andaro uns cinquenta passo mais ô meno, um berrô po oto e disse:

– Tá siguro, Tumaz?

O oto falô assim:

– Tá siguro até dimais.

E diz qu’ esses dois moço sumiu co’essa rede, qu’ ês num viro mais o distino dessa rede. Chegaro im Milho Verde, perguntaro:

– Num chegaro... num chegô dois moço com uma rede aí não?

– Não. Num chegô ninguém não.

Aí voltaro, apavorados. Quando ês chegaro aí na fazenda das Abóbra, diz que ouviu um istrondo, cum coisa que foi passage de um planeta. Um virô e disse:

– Ó, eu já sei: é a chegada de fulano no inferno.

Intão, minha mãe nos contava que a avó dela contava esse caso, que acunteceu nas Abóbra.

Transcrição de Rogério Machado Caetano, a partir de narrativa oral contada por Pedro Braga, no Vau, 1988, gravada por Reinaldo Martiniano Marques.

Pai Urubu e Pai Jacarandá

Eu vô transmiti po sinhô logo uma passage muito importante, qu' eu iscutei um velho de nome Ricardo Caetano Alves, que era neto do proprietário da Fazenda do Buraca. O pai dele, ele contava que o pai dele assistiu uma cena muito importante aonde ele tava, do Jacarandá, o chefe dos iscravo do Joaquim de Paula, com o chefe dos iscravo do Vidigal, que chamava, era tratado Pai Urubu. O Jacarandá era tratado Jacarandá porque ele era um negro mais vermelho, tá intendeno com' é que é, né? Intão é uma imitância de cerno de Jacarandá, intão eles apilidaro ele de Pai Jacarandá. Agora, o Pai Urubu, diz que era o mais preto de todos os iscravo que era cunhido nessa época. Intão ele ficô com o nome Pai Urubu. É quem dirigia, de toda confiança dos senhores. Intão os senhores cunhiam eles como "pai": Pai Urubu, Pai Jacarandá, Pai Francisco, que é o chefe da Fazenda das Abóbra, Pai Dumingo, que era da Fazenda do Buraca.

Um dia de sábado, que era muito de costume, os senhores, assim como Joaquim de Paula, o Vidigal e outros mais, dava sempre um suéto, uma vez por mês, um sábado, pros cativo folgá: uns passeava, outros ia dançá. Intão, o Jacarandá foi encarregado dos cativo do Joaquim de Paula, que era cunhido como Pai Jacarandá, o Joaquim de Paula tratava ele Pai Jacarandá; mandô convidá o Pai Urubu, que era o chefe dos iscravo do Vidigal, pra eles dançá um semba lá na fazenda do Delgado. Intão, chegô o Pai Urubu com uma certa quantidade de iscravos pra dançá o semba.

O Jacarandá mandô matá três galo pra dá eles jantá. Dipois desse jantá pronto, todo mundo em orde, que eles foro cumeçá a jantá, o Pai Urubu levantô e disse:

– Coma carne, mas num rói cabeça de osso.

Mandô que depositasse todos os osso numa travessa. Através de todos jantarem, ele levantô, puxô de uma capanga de coro, tirô um pano `veludado, e rebuçô aqueles osso. E aí ele falô uma language que ninguém intendeu, uns dez minuto. Depois, ele aguardô um certo momento, e esse pai do Ricardo viu o pano mexendo. Ele foi, o próprio Pai Urubu tirô o pano, tinha um galo perfeito. Ele foi e disse:

– Cant’ angaro!

O galo pulô em cima da mesa e cantô. O Jacarandá olhô assim e disse:

– Volta, galo, pro seu lugar!

O galo vortô e dismanchô.

Transcrição de Rogério Machado Caetano, a partir de narrativa oral contada por Pedro Cordeiro Braga, no Vau, 1988, gravada por Reinaldo Martiniano Marques.

Seu Tiotônio e o iscravo fugido

Aqui, nesta casa onde tá situada a creche hoje, essa casa foi do Manuel Tiotônio, um sinhô que havia aqui no Vau. E esse sinhô era muito cruel co' os iscravo. Intão, os iscravo dele, vários, fugiam, afastando dos rigores. E ele mandava pedestre pra saí à procura daqueles mais rebelde, e costumava mandá matá, qu' ele quiria vê ao meno a orelha de comprovação.

Inclusive, lá na Serra, onde ficô com nome de Serra do Rela-Popa, tava iscundido um desses iscravo, e o pedestre descubriu ele lá numa ota lapinha por cima. [Entrevistador: Pedestre é o que procurava os escravos fugidos?] É o que procurava. E ele, quando se viu agredido pelo pedestre, sem jeito de iscapula, o único caminho qu' ele preferiu foi sentá nessa serra lisa, que tá lá por prova a distância, até que hoje um moço num tava comprovano? Ele sentô e desceu chiano pra serra a baixo, até isbarrá den' do rio, mas chegô pra den' do rio já quase morto,

purque as carne ficô toda 'garrada lá. Aí, acabô qu' ele teve de intregá, já quase morto; acabô ficando essa fuga, essa resolução dele preferi descê sentado num adiantô, né?, ele morreu sempre.

Transcrição de Rogério Machado Caetano, a partir de narrativa oral contada por Pedro Cordeiro Braga, no Vau, 1988, gravada por Reinaldo Martiniano Marques.

Este livro é resultado de pesquisa no acervo do projeto "Quem conta um conto aumenta um ponto", iniciada na graduação de Josiley Souza e finalizada durante seu mestrado em Estudos Literários, sob a orientação da Profa Sônia Queiroz, na Faculdade de Letras da UFMG. Na composição do livro, foi usada a fonte Verdana. A arte-final foi impressa a *laser* e a reprodução foi feita em fotocópia, em papel reciclado 90g/m². Acompanha CD.

**Publicações Viva Voz
culturas africanas e afro-brasileira**

De quibungos e meninos

Gleicienne Fernandes e Mariana Pithon (Org.)

Histórias de sabidos

Sônia Queiroz (Org.)

Jali Kunda: griôs da África Ocidental e arredores

Ana Ribeiro Grossi Araújo (Trad.)

Os livros e cadernos Viva Voz estão disponíveis em
versão eletrônica no *site*: www.lettras.ufmg.br/vivavoz

V
V V
V V
viva VOZ

As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos orientados e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da FALE/UFMG, constituído por estudantes de Letras – bolsistas e voluntários – supervisionados por docentes da área de edição.



